

Agradeço minha família; Janaine, minha querida esposa, por sempre oferecer apoio; Maria, minha mãe, por sempre oferecer doses intermináveis de café; minha infância, por ter permitido contato com tudo que foi base para eu construir esta história.

Eu dedico este livro aos sonhadores, aos que acreditam que de alguma forma, tudo é possível.

Era um dia particularmente normal, o sol estava a pino, o vento era seco, mas frequente. Na rua algumas pessoas circulavam como é de costume em um dia tranquilo, o barulho de seus passos era característico de qualquer bota em terra batida. Não muito longe dali estavam os protagonistas dessa história, mas iremos até eles em breve.

É importante destacar a localização de onde está acontecendo tudo isso, eu imagino que você leitor não queira ficar confuso ou se zangar com este livro. Então vamos estipular alguns limites para que você se situe melhor. Este dia particularmente normal que vos falo está inserido no mundo chamado Argus, mas o mundo por si só é gigante e sua concepção não é necessária no atual momento. Peguemos algo mais próximo, o vento seco, mas constante que especifiquei fica precisamente no continente de Tyo ou, o Continente Médio. Ainda não é o bastante, vamos aproximar um pouco mais. As ruas de terra batida ficam na Capital de Tyo, podemos chama-la apenas de Capital, ou usar seu esplendoroso nome, Zaleh. É aqui que se dá início a uma história que eu gosto de contar, mas, ela oferece pouca ou quase nenhuma alegria ao se viver. Eu presenciei cada episódio dessa saga, chorei em alguns, como sorri em outros.

Em Zaleh, tudo possuía proporções gigantescas, fosse por desejo do antigo Rei Seleucus, fosse por livre vontade dos engenheiros que projetaram a cidade, tudo era desproporcionalmente grande. Esta Capital ficava rodeada pelas Montanhas Iugum, em suas encostas, estava o Rio Niar que provia para a população águas doces e límpidas. Para termos uma base de como era grande, no passado, quando houve a Primeira Grande Guerra essa cidade chegou a comportar mais de oitocentos mil habitantes de todo o Continente. No centro dessa imensa Capital, estava o Castelo Real, uma vez casa de grandes Reis - três para se exato, hoje inabitada por uma disputa que se dava nesse exato momento.

No saguão principal do Castelo lá estavam duas figuras humanas argumentando sobre o que eu digo a vocês, o futuro de toda Argus.

- Você deve estar ficando louco se pensa que eu não lhe desejo felicidades meu tolo irmão.

Eram irmãos gêmeos...

- De que outra maneira você quer que eu pense em tudo isso? Você está abandonando o Reino, e por qual motivo? Ao menos isso eu poderia saber, ou não?

Nascidos em um lar repleto de amor e atenção...

- Minhas razões não seriam suficientes para explicar a minha partida. Deixo o trono em suas mãos de hoje em diante.

Um deles era Crono...

- EU LHE ODEIO IRMÃO. - Ódio inflamou-se em seu peito - ODEIO SUA FALTA DE CORAGEM.

O outro se chamava Ryu...

- Pois saiba que eu o amo, e sempre vou estar contigo, meu irmão.

Palavras ditas por um Ryu alterado, com olhar pesado e triste, um Ryu que sequer olhou para trás ao deixar seu irmão Crono no meio do salão. Que sequer pensou em como aquela decisão mudaria o mundo.

Naquele dia poucas palavras foram ditas, mas a consequência da briga daqueles dois irmãos repercutiu na história de mundos, na vida de bilhões de seres que compunham Sete raças diferentes. Quando Ryu deu as costas e deixou o palácio, definitivamente, o silêncio tornou-se presente, e aquele lugar antes belo e palco de tantas felizes comemorações tornou-se repentinamente frio, sujo. O sentimento que havia finalizado o encontro daqueles dois impregnava o lugar, tornava o ar pesado, pesado demais. E sabe, entre eu e você, Crono e Ryu nunca mais se encontrariam, pelo menos não em vida.

E foi assim que começou o pior dia, do pior ano, de toda a existência daquele reino. Daquele fatídico dia em diante o mundo nunca mais seria o mesmo. E infelizmente, para pior.

Há exatamente cento e trinta e sete anos antes da briga de Crono e Ryu, o Continente de Tyo era um local diferente. A Capital Zaleh não existia, e quem governava o continente com mãos de aço era a Antiga Capital.

Muito se dizia sobre essa cidade, consequentemente, muito pouco se sabia sobre sua origem ou história. Os primeiros humanos que ali chegaram já não existem mais, e devido tamanha ignorância, nada foi deixado dito ou escrito aos filhos dos filhos desses exploradores que falo.

Fal fica situada a cerca de uns 800 ou 900 metros do solo, mas não se preocupe, não é uma cidade com propulsores subatômicos em sua base como acontece hoje com Skie - ao extremo norte de Pakao, o que acontece ali é como se antes existisse um terreno perfeitamente plano, e depois de algo, não houvesse mais, deixando apenas um círculo elevado, ligado ao resto do continente apenas por um braço de rocha. Muito se fala sobre essa peculiaridade inclusive, talvez a sina de todo morador dessa cidade seja falar e falar, sem ao certo ter um motivo para tanto - coisa que se repete onde você vive acredito eu.

A melhor história fica sendo até hoje a do Gigante Hoann que munido de amor a uma raça inferior - os humanos - buscou um local onde estes pequenos seres pudessem viver em paz em meio a outras raças. Após buscar exaustivamente em todo o planeta Argus, não encontrou nada que pudesse satisfazer as fraquezas daquele povo, então em um ato de extremo altruísmo, ele dormiu e elevou sua mão para que nela a raça humana pudesse viver em plenitude perto das nuvens.

A Antiga Capital Fal, governada pelo Rei Kaius, sobreviveu ao tempo, e após décadas de governo justo, eliminou o mal do continente Tyo em batalhas sangrentas. Celebrando essa conquista, a cada 5 anos eram organizados um campeonato, que além de exibir a soberania de Fal, proporcionava uma diversão a mais tanto para os habitantes da cidade como da redondeza. Todas as raças eram bem-vindas e havia hidro mel, diferentes tipos de vinhos, comidas, frutas, danças, espetáculos, orquestras, e o colírio nos olhos de todos que vinham até a cidade, as justas.

As justas de Fal eram épicas, e divididas por fases também. A princípio 56 competidores entravam na disputa, os ganhadores da primeira rodada competiam dos os vencedores da segunda rodada, e os da terceira rodada com os vencedores da quarta. Cada rodada possuía 7 vencedores. Após a conquista de 28 nobres cavaleiros no término das quatro rodadas, iniciava-se o processo de desafios. Cada competidor poderia escolher quem iria desafiar isso se repetia até que dos 28, apenas 4 lutadores restassem para a grande final.

Em um dia particularmente frio, Rei Kaius lá estava em seus aposentos reais fazendo o que mais gostava de fazer, dormindo. Sim, Reis dormem. E digo que estava porque a algazarra generalizada nas ruas despertou o sono do velho Kaius. Que como todo senhor de idade, fez uma cara feia antes de girar para o outro lado da cama e tentar novamente seu sono. Na ausência de sua esposa que deveria estar no lado oposto da cama, um leve espanto. Onde estava sua Rainha? A rainha Belae estava a alguns aposentos de onde deveria estar quando o Rei deu por sua falta. E com ela estava sua médica, a respeitada Chiron.

- Não restam dúvidas Belae, você está grávida. E dentro de cinco a seis meses você trará um herdeiro ao grande Rei.

- Existe alguma possibilidade de que isso fique entre nós?

- Minha Rainha, por mais que eu mantenha minha boca fechada, sua barriga há de crescer. Haverá um momento que nem mesmo o mais disfarçado dos vestidos poderá cobrir tal mentira. Aquela não parecia ser uma conversa feliz. Em tempos mais resolutos, uma Rainha estaria feliz em trazer um herdeiro. E sabe, Kaius merecia tal notícia.

- Teremos de pensar em alguma maneira Chiron. Este filho não pode existir, não trarei a este mundo alguém para viver a vingança contra meu marido. A jovem médica assentiu ao medo da Rainha, curvou-se em um gesto de extremo respeito e partiu. Logo depois foi a vez da Rainha, e tão logo demos conta, o aposento ficou vazio, sorte a delas que pedras não conspiram contra o Império. Palavra no fim é vento.

Milhares de seres das sete raças do continente se dirigiam agora pelo braço de pedra que sustentava toda a Capital Fal. Seguiam pelas ruelas da Cidade como se soubessem exatamente o caminho até onde haveria as batalhas. E nem era tão complicado assim descobrir, afinal de contas, a Arena, palco de toda essa festividade era um local bem visível a olho nu. Digo isso, pois sua construção fora feita de tal maneira que o brilho expresso por tamanha magnitude ofuscava todas as outras regiões da Capital. Quando o sol atingia tal edificação, ela tomava uma cor rubra e brilhava como se fosse feita naquele exato dia.

Próximo à Arena, tínhamos a estrela que você ainda não conhece. Seleucus, o jovem cavaleiro e aprendiz do grande Rei Kaius. Sua casa era modesta, parecia um pedaço da rua coberto por madeiras podres, suas paredes eram tão finas que facilmente você seria incapaz de distinguir se os sons vinham de dentro da casa ou fora dela. Eu só chamo de casa para familiarizar você com o local onde ele vivia. Chamar de simples seria um erro. Era um local que tinha uma cama, um gaveteiro pequeno onde pessoas de bem guardam aquilo que demoraram muito para conquistar, e que para qualquer outra pessoa não tem valor algum. E sim, havia um lavabo, ou algo semelhante a isso, a água que dali saía não refletia noções de higiene apropriadas. Enfim, Seleucus era jovem, e aquilo ali apesar de simples, refletia tudo aquilo que ele precisava. Era isso que ele acreditava. Seleucus era um homem bom.

Não muito longe da pocilga que Seleucus chamava de casa, estava uma pertencente a classe média, um jovem casal ali vivia, muito felizes os dois eram. Um chamava-se Seth, era um artesão desprovido de qualquer ambição material. Outra se chamava Eirika, e sua beleza poderia fazer qualquer Rainha chorar como uma menina boba e fútil. Eirika trabalhava como camareira no Castelo Real, e era uma das amigas íntimas da Rainha. Nesse dia em especial ambos estavam na cama.

- Amor, acorda amor.

Palavras ditas enquanto suas mãos tentavam acordar o pedaço de carne que naquele exato momento tentava fingir um sono.

- Hoje é o grande dia Amor, toda cidade está indo para a Arena, vamos, o Rei vai lutar!!!

Não, nem mesmo a comemoração animava o rapaz. Nem mesmo a fisionomia de um velho Rei gordo em uma armadura ajustada em uma fraca cintura fazia ele despertar daquele sono Falso.

- Se você não me levar, terei que ir sozinho até a Arena amor, e você sabe como os homens gostam de me assediar.

Ela dizia isso com olhos totalmente dissimulados, um sorriso provocante que só ela sabia fazer.

- O que estamos esperando minha jovem musa, vamos, vamos, vista-se de maneira apropriada. Hoje é o dia da grande luta e você fica aí sentada.

Os dois riram, e o sorriso precedeu aquele olhar que existe entre os apaixonados. Eles não eram como os outros e sabiam o valor de um verdadeiro amor. E o mundo era um pouquinho mais alegre por ter pessoas como os dois vivendo nele.

Estamos agora dentro da Arena, podemos ver em sua imensidão dezenas de milhares de seres, das mais diversas raças. Temos os Fey com toda sua graça perto do Camarote Real, os Ssrathi buscando uma maneira de que suas brigas consigam chamar mais atenção que a própria justa, algumas Hoanns também podem ser vistas, lá em cima perto do topo da Arena, seus cabelos negros nos encham de fascínio. Os Silenus estavam próximos aos Ssrathi, como era de se imaginar, um milagre, entretanto terem vindo, esportes que envolvem luta e sangue não são muito apreciados por esses nobres sábios.

Um pouco atrás de onde estamos podemos ver uma grande horda de humanoides realmente musculosos, são os Ren, magnífica raça, mas temperamentais, não mexa com eles. Não vejo daqui os Abaddons, e acho que se a história faz justiça, jamais os veremos novamente.

Os tambores começam a rufar, uma música cadenciada então se inicia, lembra um pouco de sons que ouvimos frequentemente, ora parecem batidas de um coração, outras o voo suave de um beija-flor. Não importa o ritmo, todos estão extasiados com o momento, a plateia urra a plenos pulmões, e não é exagero, naquele momento uma Arena com todas as 6 raças do Planeta, sobre uma cidade flutuante começa a tremer.

Aquele momento só poderia indicar uma única verdade, o Rei ali estava.

Em algum lugar da multidão uma jovem grita.

- LINDOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOO...

Seth não ligava muito para essas bobagens de ciúmes, mas ouvir sua esposa gritar para um Rei um sonoro elogio como esse, deixava-o levemente incomodado. Não quis fazer grande caso.

- Vai lá em casa que eu te dou um tra...

- Eu estou aqui Eirika!!!

- Eu sei amor, eu vim com você.

O sorriso dela misturado com o tom de ironia no olhar, fez Seth sorrir.

- Escute, se o Rei vai lutar, porque ele está indo para o Camarote Real?

- Vai ver ele luta só no final coração. Afinal ele é Rei né. E olha só o tamanho daquele braço. Nem parece que ele é mais velho que seu Pai.

E Seth, agora com ciúmes concluiu:

- É, não parece mesmo.

Rei Kaius apareceu com um sobretudo negro, que dava um contraste imperial ao seus cabelos e barba grisalhos. Ao seu lado estava a Rainha Belae, com um vestido de cetim branco possuindo um decote que lhe caía até o umbigo, apenas um fio de ouro segurava suas áreas mais avantajadas.

Como dizia a convenção social da época, os dois acenaram ao público ensandecido, e logo após sentaram-se como pessoas comuns o fazem.

A Arena ainda vibrava de emoção e furor quando começaram a entrar 56 nobres cavaleiros, dos mais variados gêneros e cores. Alazões que iam do creme ao vermelho rubro. Armaduras que começavam com a simplicidade do couro e terminavam em placas de titânio reforçadas. Alguns tinham seus nomes citados, outros eram simplesmente desconhecidos. Mas nenhum, e digo isso com a mais profunda sinceridade, nenhum impressionou mais que a entrada do jovem Seleucus. Utilizando uma armadura completamente

branca, seu elmo tinha a fisionomia de um leão, em suas grevas e manoplas, o ouro assumia destaque, em suas costas, uma simples capa dourada cobria até as pernas do cavalo que trotava vagarosamente pelo campo da Arena.

A Arena ficou em silêncio, nunca antes um aprendiz de Cavaleiro participava com homens já juramentados pelo Código Cavaleiresco. Todos, mesmo os desconhecidos, eram sem dúvida alguma, senhores testados e aprovados em suas respectivas vilas e reinos. Homens que sem dúvida já haviam lutado em uma guerra ou outra e sobrevividos. Iriam eles lutar com um aprendiz? Com um rapaz que embora sob a tutela de um Rei, não possuía sequer barba?

Aquilo chocou a todos, menos uma pessoa. Do Camarote Real, lágrimas escorriam pela face do Rei Kaius.

Não muito longe de Fal, em uma caverna escura demais para abrigar pessoas de bem, estava Erebus. Ele não deveria estar ali, nunca antes um Deus ousou caminhar pelas mesmas terras que sua criação.

Exalando um odor de sangue misturado a enxofre, vislumbrou a entrada da caverna ao longe, procurou algo que não encontrou, e, materializou em suas mãos um pacote. Deixou-o no chão e proferiu:

- QUOD FINIS SIT PRIMUM. SED POENA AETERNA.

E tão logo concluiu sua maldição, sua presença desapareceu. O mundo não poderia imaginar que algo tão cruel surgisse naquele dia. Nunca poderiam imaginar...

A justa continuava incansavelmente. Cavaleiros caíam no chão e já eram removidos da pista para dar continuidade ao espetáculo. E enquanto os lutadores estavam em combate, os que aguardavam sua vez ficavam em uma tenda em anexo à base da Arena. Ali podiam usufruir de um bom vinho, água, frutas ou mesmo algumas costelas de porco recheadas com os mais finos legumes.

No canto da tenda, sentado em meio ao chão de terra, estava nosso amigo Seleucus, tinha em suas mãos uma foto que carregava consigo desde quando era muito pequeno. Um homem apareceu em sua frente e disse:

- Faz tempo que não o vejo em seus treinos.

- É uma surpresa revê-lo também Mestre Edmond – disse Seleucus, com os olhos ainda na foto –, lamento não ter ido em seus treinos – fez-se uma longa pausa – é que andei ocupado.

Edmond sentou-se perto de Seleucus, e olhando para a foto concluiu:

- Eu sei, Kaius tem lhe dado muitas missões ultimamente. Não teria...

- Mas olha – interrompeu Seleucus – quando isso acabar, eu prometo que continuaremos treinando. Eu o considero um grande professor, e espero que seja meu tutor quando chegar o dia de proferir O Código.

Edmond gargalhou...

- Tolo – em meio suas gargalhadas, Edmond disse – Kaius será seu tutor no dia do juramento.

E dizendo isso, Seleucus ficou repentinamente abatido, pode-se dizer que uma fisionomia triste se fez em seu rosto.

- Não tenho essa certeza Edmond, não tenho mais.

A noite caía sobre a Arena, sua cor alterava-se para algo próximo do azeviche. Mas os tambores, a música e a sinergia dos que estavam naquela grandiosa festa, continuava com o mesmo pique que antes.

Íamos agora para a última batalha da noite. Já haviam sido decididos três dos finalistas, esta definiria o último.

De um lado, Seleucus, O Impecavelmente Branco, do outro, Boromir, aparentemente um Rei Regente de alguma terra situada a oeste dali. Ambos pareciam cansados. A espera de um dia todo fizera isso com eles.

O juiz fez o sinal que a batalha poderia ser iniciada, e Boromir explodiu em uma velocidade muito superior à de Seleucus, e em questão de segundos a lança atingia o peito do aprendiz de Cavaleiro, afundou a placa de metal e perfurou seu peito o suficiente para que seu sangue caísse por sua armadura esmaltada branca.

A plateia ficou em silêncio, algumas crianças começaram a chorar vendo o destino do Cavaleiro ‘mais bonito’ – como elas diziam – chegar ao fim.

Seleucus sentiu uma dor pequena perto de todas que já havia presenciado, sentiu seu sangue quente escorrendo por sua barriga, mas não entrou em pânico, ainda havia uma promessa a ser cumprida.

- Fal vai precisar de você em breve.

Chegando ao final da pista, ele largou a lança, e aos poucos começou a soltar sua armadura. Em nenhum momento solicitou ajuda de seus amigos. Primeiro tirou o Elmo, que impedia que sua visão enxergasse com fidelidade um oponente tão rápido.

- Talvez você tenha que desaparecer daqui, em prol da nação.

Removeu sua placa peitoral, junto com sua capa, e deixou que o mundo visse suas cicatrizes.

- Você é como se fosse um filho para mim. Não decepcione.

As vozes mutilavam sua alma, muito mais que o corte machucava seu corpo. Sim, havia ainda uma promessa a ser cumprida.

Pediu uma nova lança ao cocheiro, e acenou para o juiz que estava pronto.

- Se você quer ser alguém nessa vida, saiba que só depende de você.

O juiz liberou novamente a pista, e o ciclo mais uma vez teve início. Boromir, voando com a certeza de uma vitória, Seleucus pedindo para que as vozes parassem.

Lágrimas escorriam dos olhos de Seleucus, isso, Boromir pode ver antes de ser arremessado de seu cavalo com uma lança trespassada em seu coração.

A plateia não acreditava no que via... O silêncio foi unânime, quão forte deveria ser um cavaleiro para que com uma lança de madeira perfurasse uma placa de metal? Quão resistente deveria ser um homem que mesmo ferido conseguia carregar essa lança? Desde quando o menino que chorava aos pés do Rei Kaius havia adquirido tamanha capacidade? Ninguém naquela hora sabia responder tais perguntas.

No alto, Kaius sorria, não pela morte de Boromir, mas pela certeza que Seleucus estava finalmente pronto.

Seleucus era o quarto finalista. As vozes haviam enfim cessado.

A batalha final entre Seleucus, Edmond, Barkil e Hiro só aconteceria no dia seguinte. Então aos poucos e em muito caos a população esvaziava a Arena, alguns iriam direto para os pubs da cidade, outros provavelmente tentariam dormir.

Tentariam meu caro, tentariam...

Fal por si própria era uma atração, a mais alta cidade já construída – comprada, sustentada, feita, cada um com sua crença – por humanos, se durante o dia atingia temperaturas que possibilitavam ao ser humano brilhar como o bronze, durante a noite refrescava o espírito e dava a todos um grande beijo de boa noite, com brisas que relaxavam os corpos e refrescavam a alma.

Seguindo a rotina costumeira, os deuses ouviram as preces e orações dos que lá embaixo se encontravam, e deram, uma vez mais, uma noite tranquila a todos, ou pelo menos à maioria.

- Seth – os olhos dela estavam vermelhos, parte pelo sono, parte pelo cansaço do dia –, você está acordado?

- Ahnn? – O dia não havia sido dos melhores para o sono do rapaz, esfregou os olhos sem sequer abri-los – Repete.

- Eu pedi se você estava a dormir, o que é irrelevante agora – ela ensaiou uma cara de desânimo –, mas assim, você acha que talvez um dia – a voz vacilou, ela buscou os olhos do marido – nós poderíamos ter um... filho?

Os olhos de Seth abriram-se, – impressionante como aquela mulher conseguia surpreendê-lo, mesmo após anos de casamento. – O sorriso apareceu, da primeira vez, meio tímido, ele então assimilou bem o que diria em seguida, sorriu da maneira que os homens sabem sorrir quando encontram o amor de suas vidas, sentou na cama, olhou profundamente nos olhos de Eirika, e como poucas vezes houvera feito, percebeu como aquela moça possuía traços finos, o cabelo escuro encontrava-se preso acima da cabeça, assim como na vez que a conhecerá.

Seth afundou-se em seus grandes olhos azuis, e, em pouco tempo havia ponderado todas as possibilidades, sabia da dificuldade de criar um filho, já houvera pensado no assunto anteriormente, Rei Kaius não havia somente acabado com a violência, obrigava os pais que quisessem ter filhos a educá-los caso não pudessem pagar seus estudos, e cobrava taxas absurdas em moedas de prata caso visse crianças na rua a pedir esmola.

Quando o silêncio que antecedia a resposta tornou-se longo demais, Seth respondeu sua amada, no tom confiante que acreditava não possuir:

– É tudo que mais quero Eirika, ficar ao seu lado e criar nosso bebê.

Havia poucos momentos que atingiam o coração de Eirika, ver o homem a quem dedicou uma vida sorrir daquela maneira e dizer que o futuro pertencia a ela, era uma delas.

Um beijo aconteceu, e precedeu uma noite à qual nenhum dos dois esqueceria, lembrariam naquele momento o motivo pelo qual viviam, a razão que os mantinha próximos um ao outro, o que os fazia trabalhar dia após dia, resistir as incertezas do tempo, superar as diferenças e dificuldades...

Não, não falo em milagres.

Eu falo em amor.

No grande dia, quatro nobres cavaleiros disputariam pelo título de campeão. Não era algo simples, e muito menos ignóbil. Adquirir tamanha façanha garantia, mesmo naqueles tempos, muito ouro; ouro suficiente para comprar um pequeno castelo em terras virgens e prósperas.

No entanto, a final era sempre uma surpresa, vista que, como eram quatro competidores, não seriam mais necessários os cavalos. E é nesse sentido que aquela final se assemelharia à algumas disputas da idade média. O Rei escolheria o esporte, definiria as armas e as condições da Arena. Ela poderia estar um lamaçal ou coberta em pedras pontiagudas; poderia possuir animais selvagens ou até mesmo bestas das Ilhas de Darhun; poderia, poderia... O Rei Kaius, decidiu pegar pesado – como os jovens daquela geração ousariam

dizer – e usando de seu lado obscuro criou um jogo cretino, que ficaria na memória das pessoas muito tempo depois que aquele dia terminasse.

Arena lotada, pessoas tão próximas umas das outras que mais pareciam uma só, ruídos de vozes roucas gritavam os mais diversos xingamentos e frases. Os cidadãos não se sentiam bem com todo o calor que fazia aquele dia; mas perder tal batalha não era uma opção. E em meio ao êxtase geral, após uma espera fenomenal, eis que surge no camarote real a estrela do dia, o Grande Rei. Com sua amada ao lado, que desta vez, vestia trajes simples, em contraste com a importância do dia.

O sol sumia no horizonte marcando assim o começo da final.

Portões abriram-se, quatro deles, Edmond ‘o velho’ encontrava-se perto do camarote Real, distante por assim dizer dos outros dois.

Seleucus odiava ver a cena, à sua frente estava Barkil ‘Herói de Laetitia’, um idoso de mesmo porte que Edmond, cabelos longos na proporção de sua barba; o que dava receio era que ele havia ganhado várias competições, não competições reais onde morte é algo esporádico, mas sim torneios sinistros onde sangue e morte eram necessários, torneios que cada vez mais ganhavam espaço nos becos de grandes cidades, ele era um campeão sim, das arenas que choram.

As arenas que choram eram torneios que ocorriam nas regiões pobres de todo reino, homens que já não possuíam famílias ou amigos eram os competidores predominantes, nesses eventos, se puder chamá-los de eventos, apenas um entre todos aqueles que participavam saíam com vida. Barkil sem dúvida alguma estava naquela vida há muito tempo, era um renomado guerreiro, e podes confirmar minha afirmação pelo fato que era o único que sobreviverá torneio após torneio.

Barkil correu para onde havia visualizado algo metálico, encontrou uma espada enferrujada, sorriu com gosto, olhou para os dois oponentes e por preferência foi em direção do velho Edmond.

O povo estava alucinado com tudo aquilo, Fal já era a grande vencedora, tanto Seleucus quanto Edmond representavam a Capital – isso era regra, a Capital do reino poderia inscrever dois competidores em todas as competições –, mas somente agora que percebiam bem o que estava ocorrendo dentro da Arena sentiam repulsa por aquele combate.

Seleucus havia pego a segunda e última arma daquele torneio, o arco e flecha encontrava-se perto de seus pés. Deixava assim seu companheiro e professor desarmado contra um guerreiro sedento por sangue que a cada segundo estava mais perto de tirar sua vida.

“Professor? ”

Rei Kaius tinha vontade de pular na Arena e eliminar Barkil que com toda certeza tiraria a vida de Edmond.

“Ter confiança é bom amigo...”

O cavaleiro branco puxou a corda do arco até onde está o deixava, analisou bem a distância que faltava para o impacto da espada empunhada por Barkil contra a cabeça de Edmond, ponderou as chances de aquela ser a única flecha e também, a única chance de vida para o idoso companheiro. Havia sido treinado para isso, calcular riscos quando vidas estavam em jogo, em uma guerra seria simples, deixar Barkil matar Edmond e com a única flecha restante eliminar o oponente; o problema encontrava-se em Edmond ser seu amigo e professor; mas também estava no pedido do Rei dias atrás.

“Honre a bandeira que carregas! ”

O tempo era pequeno, a decisão, contudo era difícil, em uma mão deixaria o mercenário das arenas que choram matar Edmond e eliminaria após o ato com a flecha restante, cumpriria o que seu Rei havia pedido. Em outra, salvaria Edmond eliminando primeiramente Barkil, ficaria, contudo, com um arco sem flechas para confrontar seu professor que provavelmente faria uso da espada deixada por Barkil no solo.

Há códigos para aqueles que resolvem tornar-se cavaleiros, imensos códigos, leis que sobrepõe até mesmo as leis divinas escritas em antigas runas por velhos druidas. Códigos que são, caso violados, punidos por morte. Um desses códigos dizia:

“Não abandonarás sangue de tua nação. ”

E tão rápido aquilo soou na mente de Edmond, uma flecha percorreu o impossível.

Se alguém tentasse ouvir algum barulho naquela Arena com cerca de quatrocentos mil espectadores ouviria apenas o som do zunido da flecha. Tu dirias que aquilo seria pouco provável, mas eu estava presente, sou testemunha da história, o povo criou um silêncio angustiante, ansioso pelo desfecho da história.

Barkil estava a menos de dois metros de Edmond, o velho ia tentar desviar e roubar a espada do oponente como fora treinado a fazê-lo. Talvez fosse sábio correr em seu encontro agora, mesmo com a armadura seria possível derrubá-lo, e bom, a espada não brilhava tanto, mostrava que estava cega, perderia um braço no choque mas sobreviveria.

A tensão continuava presente, aqueles que assistiam pouco conseguiam raciocinar e muito menos observar o sorriso no rosto de um Rei.

A flecha percorreu com uma perfeição inacreditável o caminho que havia sido traçado por Seleucus, perfurou a perna direita de Barkil e alojou-se no joelho esquerdo, eliminando qualquer forma de movimento que aquele velho pensasse ser possível. O cavaleiro sorriu quando viu que atingirá o alvo, ficou feliz em saber que poupará a vida dos dois homens, o sorriso, entretanto durou pouco, a parte mais difícil vinha agora.

Edmond pegou a espada de Barkil que naquele momento só conseguia gemer de tanta dor, disse-lhe algumas palavras, e este voltou a ficar calado. Fosse como fosse, mesmo com o silêncio da plateia, ninguém havia escutado.

Ao longe, no camarote real, Kaius trincava os dentes.

Caminharam um na direção do outro, pararam quando a distância entre eles se reduziu à uns dez metros, Edmond empunhava uma espada, seu aluno no canto oposto apenas um arco sem flechas.

- Não lembrava de você acertar algo há meses. Quem dera acertar dois pontos a quase duzentos metros.

- A tradição dita que você deveria me agradecer por ter salvo sua vida Senhor. - Palavras ditas por Seleucus, que parecia distraído procurando ao longe ver o rosto de seu Rei.

Edmond sorriu, tentou ver para onde o rapaz fixava seu olhar, entendeu o motivo.

- E eu o agradeço amigo, - ninguém saberia dizer se as palavras eram deboche ou não – mas nós dois sabemos que você o fez pelo código que jurou, não pela humanidade que tens. Seleucus desistiu da busca, as luzes da arena tornavam impossível a ele ver qualquer coisa, virou-se para Edmond e concluiu:

- Sabe Senhor, és o meu professor de arqueirismo há o quê, dez talvez quinze anos. Sei que me achas debochado, acredito quando falas sobre respeito mútuo entre competidores e reconheço as palavras que disfarçam o seu pensamento sobre mim. Por você eu nunca seria mais que um engraxate nas ruas de Fal, me treinas unicamente por ter sido aceito pelo Rei. Ainda assim o considero amigo, pois foste tu que fizeste eu ocupar minha mente com treinos quando sentia apenas dor pela morte de meus pais.

O velho deu de ombros, abriu os braços e cuspiu no chão.

– Infelizmente perdeste a chance de me matar Edmond, o torneio precisa de um vencedor, aqui não há espaço para emoções, treinei você, mas não hesitarei em matá-lo.

Tão logo disse as palavras, o professor partiu para cima do aluno, a lâmina estava enferrujada, porém rasgaria a carne da mesma maneira. Edmond sabia que o arco se romperia no primeiro golpe com a espada, então a chance estava em desarmar o oponente e pedir a ele que se rendesse, do mesmo modo que seu professor faria com Barkil se uma flecha não tivesse atrapalhado suas intenções.

O primeiro golpe veio, uma finta para a esquerda e um soco direto no maxilar de Edmond, este nada sentiu afinal encontrava-se protegido pelo elmo, o velho girou a espada no sentido contrário e desceu sobre o peito de Seleucus que caiu com um baque seco no chão.

“Códigos que são, caso violados, punidos por morte.”

O povo imitiu um sonoro “Ooooooooooh” como se percebesse o choque daquele golpe. Seleucus, contudo levantou-se antes da espada atingir seu elmo, correu em diagonal para libertar-se do campo de golpes desferidos por seu professor. Em mente tinha as palavras do rei, trechos de um código que havia jurado, o carinho que sentia por aquele homem que insistia em tentar matá-lo. Um golpe, se fosse realmente para acabar com aquilo, necessitaria apenas de um golpe, mancharia sua mão com sangue não havia dúvida, mas até onde seria diferente do que Edmond tentava até o momento?

- Senhor, eu me rendo! – Palavras ditas por Seleucus com mãos acima da cabeça, simbolizando que não reagiria.

A plateia havia desistido de entender o que acontecia, Seleucus era o escolhido pelo Rei, não fazia sentido render-se. Talvez fosse uma armadilha, o mundo esperava que fosse parte de uma estratégia, esperava em vão.

- Idiota, sabe o que isso significa para a bandeira do seu Rei? Do nosso REI! – Bradou Edmond – Tens ideia de como arruinará a reputação daquele que acompanha esta batalha? – Edmond falava com raiva em sua voz, fazia questão que todos ali escutassem o que acontecia.

- Talvez eu saiba, mas não vejo maneira de terminar esse combate sem sua morte Senhor. Tu disseste que conhece minha força, então sabes que continua vivo apenas pela minha vontade. Quebro agora a promessa feita pela minha pessoa ao Rei – sua voz também saia alto demais, alto o suficiente para somar-se a acústica do local e tornar suas palavras acessíveis aos ouvidos de Kaius –, mas talvez sua filha e esposa me agradeçam por ter deixado o homem da vida delas viver. Ao fim de tudo, uma promessa só vale quando preserva o sentimento dos outros, matar um amigo para receber um título vazio não tem valor, pelo menos não para mim.

Edmond soltou a espada que segurava, dentro do elmo lágrimas escorriam, lágrimas de felicidade, enfim um daqueles que ele havia treinado conseguia atingir o objetivo.

Kaius fez um sinal que poucos entenderam, trombetas soaram declarando o fim do torneio, Edmond sagrava-se o Herói. Mas para muitos que ali estavam, quem realmente havia ganhado aquele torneio não seria o homem que portava a espada, e sim aquele que se rendia perante uma nação e quebrava uma promessa feita ao seu Rei. O campeão, mesmo sem cerimônia e título seria Seleucus ‘o impecavelmente branco’.

Fal celebrava da maneira que sabia, pessoas saíam as ruas e encontravam com aqueles que voltavam da Arena, sorriam, bebiam, gritavam. Aquela capital tinha motivos para comemorar, conseguia novamente um título e bem, presenciara um ato de puro altruísmo por um escudeiro real. A noite caía, mas dificilmente seria possível descansar, muito devia ser contado antes, crianças pulavam as partes monótonas do dia e gritavam para seus familiares como o ‘cavaleiro branco’ havia atingido a flecha nas pernas de Barkil, que ganhara um novo apelido, o ‘velho feio’.

O novo herói seria consagrado dentro de poucas horas na Torre Real, lar de Kaius e sua família. A maioria dos competidores seguiam então para o local previamente anunciado, o tempo era curto para quem devia tirar armaduras e banhar-se para parecer menos feio.

A Torre Real não era tão grandiosa quanto a Arena, em fato, conseguia atingir um patamar bem simples, apesar de bem decorada refletia mais uma casa nobre do que uma morada para um Rei. No salão

principal estavam dispostos bancos para todos os convidados e até mesmo alguns sobressalentes, caso alguém conseguisse penetrar na festa; o chão era constituído por mármore branco, cor que predominava nas paredes, e bem, em todo o palácio. Não haviam quadros exuberantes, muito menos armaduras ostentando o poder de décadas anteriores, ao fundo do salão poder-se-ia ver dois pares de degraus que formavam a elevação onde dois tronos Reais descansavam, fato interessante era que não eram simples assentos, mas sim, peças impecavelmente trabalhadas no marfim, e acredite você ou não, o precedente daquele marfim era assustadoramente fantástico, provinha de dragões.

Convidados acomodavam-se por ordem de chegada, traziam familiares e amigos consigo. Edmond esperava em joelhos como ditava a tradição a frente dos dois tronos, vestia vestes simples, um manto de seda rubro como o sangue por todo o corpo.

Quando o salão atingiu seu limite, cornetas soaram, o silêncio imperava na multidão que acompanhava aquele som surreal, parecia uma canção sem voz, um coral inaudível, era belo como somente canções que celebram heróis conseguem ser, conseguia provocar arrepios até mesmo no mais duro homem, marcava, contudo, mais que o nascimento de um campeão, marcava a chegada das pessoas mais importantes de todo um reino, Rei Kaius e Rainha Belae Baros.

Vestidos como o cargo que ostentam, mostravam o que o poder conseguia fazer com um humano, mesmo com o calor incrível que fazia naquele salão Kaius andava de mãos dadas com sua esposa em uma armadura branca como o leite, possuía uma capa feita com fios de ouro que deslizava até seus tornozelos, dragonetes seguravam a capa, estes eram vermelhos, como o sangue que nunca alguém o vira derramar. Belae por sua vez optou por um vestido longo, com um decote que pouco diferenciava se a roupa era uma peça única ou duas, em seu busto um pequeno fio de ouro impedia o decote de tornar-se mais vulgar, difícil era dizer o que parecia aquele material que adornava a veste, pareciam escamas que reluziam ao movimento, conseguiam mudar do mais puro branco para dourado em um simples andar.

As cornetas cadenciaram o ritmo que acompanhava os passos reais, pararam abruptamente quando Kaius atingiu o trono. Edmond ainda possuía a cabeça baixa, seus joelhos estavam doendo devido a longa espera em tal posição, mas valia a pena, era o momento que esperava já há alguns anos. Aqueles que conseguiam ver a cena ficaram admirados quando Kaius prostrou-se em pé próximo ao mais novo herói de Fal.

Uma voz ecoou naquele salão, era rígida como o significado das palavras ditas.

- Sor. Edmond, perante ao mundo que vos observa, aos Deuses que vos julgam e ao seu Rei, o que declaras como vitória?

- Vossa majestade – a voz era uns dois tons abaixo da pronunciada pelo seu Rei, era um gesto adquirido por aqueles que viviam para o combate e respeitavam a maior autoridade da nação –, a maior vitória é poder lutar pelo maior de todos os reinos.

- Fal o consagrará como novo Herói hoje Sor. Edmond, você tem algo a dizer?

- Serei o cavaleiro que nunca cansa, aquele que menos teme, a espada que traz a morte ao inimigo, a palavra que rege seu exército; jamais temerei o confronto, jamais permitirei fraqueza, juro pela vida que pertence a este corpo que serei fiel aquele que chamo de maior de todos os Reis, permanecerei como o guardião que protege essa cidade quando todos há muito houverem a abandonado. Sou Edmond, o novo Herói de Fal.

Uma tradição que acontecia ano após ano, o novo Herói ganhava além de títulos e glória a chance de coordenar um pelotão do exército real em guerra, era a supremacia de um cavaleiro o destino que muitos almejavam e poucos atingiam.

Kaius desembainhou a espada.

- Pelo poder oriundo dos Deuses – a espada tocou o ombro esquerdo de Edmond –, pela verdade que cerca o coração de meu povo – a lâmina deslizou para o ombro direito –, eu, Kaius, filho de Alexander,

décimo oitavo na descendência Real – um toque de espada no topo da cabeça –, o declaro Edmond o Herói.

A Capital estava ainda em clima de festa quando Seleucus saiu para procurar algo. Ele precisava de um meio de transporte, e nada melhor que uma Hoter para fazer o serviço. Hoters eram uma espécie de veículo com duas rodas, possuíam uma propulsão baseada em cristais de força, realmente velozes e perigosos, basicamente o tipo de veículo que interessava ao Impecavelmente Branco.

E não demorou muito até ele encontrar uma casa, ou ao menos o que sobrou dela.

Tratava-se de uma choupana destruída, o reboco da parede estava em pedaços, denotava assim os tijolos de barro por detrás. Uma das janelas estava totalmente torcida, e no chão podiam-se ver os espaços faltantes daquilo que chamavam de grama. Era impossível de se imaginar que ali fosse o lar de alguém, mas assim como tantas coisas impossíveis de se crer, aquilo era real.

Ao fundo do experimento de casa, ouviam-se gritos:

- Imbecil, desligue o gerador de fluxo.

- Quem?! Eu? Vou não, você que montou esse negócio aí, vai que exploda!

- Tá zoando não tá? Quem é o perito em explodir as coisas por aqui? Hein, Hein?

- Oooooooooopa, não vem não, em todas as vezes a culpa foi do vidro, aquele idiota do John fica vendendo porcaria pra gente.

- Cala a boca Masa, a gente tá devendo pro cara. Se ele houve daí sim que não deixa mais a gente tirar as coisas de graça da loja dele.

- Fico feliz que estejam se dando bem – Exclamou Seleucus – da última vez que estive aqui vocês estavam aos socos bem ali, naquela poça de lama – Afirmou apontando para o canto do terreno.

Os dois irmãos olharam para Seleucus e sorriram.

- Ihhhhhhhhhhh, olha lá Mune, se não é o Jovem, Galante, esplendoroso e magnífico homem que temos ouvido nestes últimos dias.

Masa olhou meio que a contragosto para seu irmão, mas teve que concordar:

- É mesmo, lembra quando éramos pequenos ainda? Ele não tinha esses nomes bonitos não – E Masa apontando um pão para Seleucus continuou – Nós só chamávamos ele por “O ranhentinho”.

Os dois irmãos puseram-se a rir descontroladamente. Batendo em seus próprios joelhos e exclamando em uníssono “RANHENTINHO”.

Seleucus ficou observando a cena, até exclamar – HÁ HÁ, muito engraçado – Desembainhou a espada e continuou – Vamos ver quem vai limpar o ranho agora?

Masa e Mune ficaram sérios repentinamente, olharam com os olhos ainda lacrimejando de tanto rir para Seleucus, mas não puderam evitar e retornaram para as gargalhadas. – Ranhentinho ta bravo – disse Mune antes de começar a rolar no chão de tanto rir.

- Ohhh saco – exclamou Seleucus guardando a espada – Vocês vão me ajudar ou não?

- Levanta aí Mune, o rapaz tá sério, e aí Seleucus o que podemos fazer para vossa magnificoloscência.

- É MAG NI FI CÊN ÇA Masa, não seja burro.

E sem maiores rodeios, porque Seleucus sabia que aqueles dois eram brilhantes mas tinham a atenção de um esquilo, ele caminhou até a garagem que ficava ao lado, retirou o pano que cobria o que precisava e informou:

- Preciso da Hoter de vocês, urgente.

- Ela não tá aqui não, não é Masa? – Disse piscando um olho para o irmão.

- Acho que ele já viu hein Mune, - E apontando para a garagem com a cabeça do irmão completou - ele nem tá mais aqui com ela.

- Eu não pediria isso a um filho, pois não o tenho. Meu tempo está chegando ao fim aqui Seleucus, as nações que governo conspiram neste momento contra mim. O que fizemos na busca pela nação perfeita levantou muito ódio em muitos corações. Como Belae não consegue me dar um herdeiro, preciso que você o seja. Irá até as Montanhas Iugum, lá conhecerá a raça dos Hoanns, será seu dever conquistar a afeição deles. Monte um império ainda maior que o meu, faça todos os supostos reis que existirem no seu tempo curvarem-se a você ou obrigue-os com a espada em mão. Proclame-se o único e verdadeiro Rei dos Homens e o Único Enviado pelos Deuses para governar a todos. Em sua trajetória, tenha filhos e garanta que estes continuem seu reinado. Eu adoraria conhecer seus filhos Seleucus, adoraria poder ver você sentado em um trono de ouro, mas não acho que terei tempo para tal. Muitos o odiarão, aguente, vários tentaram lhe matar, sobreviva, busque auxílio para os momentos difíceis em si mesmo e nunca, nunca confie em ninguém. Você tem tudo para seu um Rei melhor que eu.

Debaixo de sol forte, lá estava um homem voando baixo em sua Hoter, algumas frases ecoavam mais forte do que deveriam em sua cabeça. O som tocava baixo, mas cadenciava as acelerações do veículo. Carregava consigo algumas roupas, poucos alimentos e basicamente três cristais de força, os únicos que ele veria em toda sua vida. O caminho que fazia era longo e sem volta.

[...] eu não pediria isso a um filho, pois não o tenho... meu tempo está chegando ao fim aqui Seleucus e as nações que governo conspiram neste momento contra mim[...]

Acreditava que em cerca de 23 dias sem muito descanso conseguiria encontrar as Montanhas Iugum. Nunca havia feito esta viagem antes, mas pelo que já tinha ouvido falar, era tranquila, sem muitos perigos. O Rei havia garantido isso nos anos anteriores.

[...] O que fizemos na busca pela nação perfeita levantou muito ódio em muitos corações[...]

O peso das frases do Rei fazia ele pensar, pensar além das respostas que tinha ou sabia, o que ele escondia, para que fazer o pedido que havia feito?

[...]até as Montanhas Iugum, lá conhecerá a raça dos Hoanns[...]

Quem eram os Hoanns?

[...]um império ainda maior que o meu, faça todos os supostos reis que existirem no seu tempo curvarem-se[...]

E de onde tiraria forças para tal hercúlea tarefa. Pelos sete Deuses, aquilo era uma missão impossível.

Mas uma coisa era certa, estava na hora de descansar, a tarefa era grande demais para ser concluída em um dia, diabos, era demais para ser concluída em uma vida inteira, o Rei teria que esperar. Encostou a Hoter perto de uma figueira relativamente grande, deitou sob ela e retirou um pão de sua mochila, comeu-o e percebeu que precisava dormir.

E assim levou os dias, quando ficava cansado, dormia. Quando tinha fome, comia e quando precisava ir... Bom, sabe... ia. O pensamento ficava mais leve com o passar do tempo, e lhe dava uma sensação de proximidade com o seu próprio espírito, aquela estrada tinha algo que fazia bem as pessoas.

A solidão do caminho não opunha um contraste ao caminho, poucas árvores eram vistas próximas a estrada, no céu aves sobrevoavam em absoluto silêncio, e vez ou outra era possível vislumbrar um córrego de água, era ali que Seleucus buscava água para prosseguir no caminho. Já a comida era escassa, poucos animais ficariam longe da floresta que parecia afastar-se da estrada. Então sempre que se aproximava da noite, o jovem rapaz se dirigia para a floresta em busca de algo para alimentar seu corpo e espírito.

Não fazia ideia de quantos dias haviam se passado desde que estivera vivo pela última vez. A viagem havia se tornado tediosa e cansativa, não a ponto de fazer Seleucus desistir, mas o suficiente para fazê-lo pensar que talvez tivesse sido melhor ficar. Nosso herói podia dizer com absoluta certeza que fazia ao menos umas duas semanas desde a última refeição que o alimentou por completo, e este pensamento o desanimava ainda mais. O frio que fazia naquela época ainda não se comparava ao do forte inverno que chegaria, mas era grande o bastante para lhe negar os sentidos das pernas e braços, estremecendo-o. Se continuasse assim talvez não tivesse a chance de encontrar a grandiosa Floresta de Abnoba, tampouco poderia informar se as lendas sobre tal mágica revelação da natureza eram verdadeiras.

E foi chutando uma pequena pedra entre o sopro do vento, que olhando a trajetória do pedregulho ele viu. Uma montanha imponente sobre sua imagem, tão grande e majestosa que tocava os céus e parecia dar a cor para as nuvens. Mais belo ainda, era a floresta que acalorava o encalço de tamanho gigante de pedra.

Ele estava na entrada da grande Floresta de Abnoba, seu sorriso não poderia ser mais alegre. Lágrimas escorreram de sua pálida face, e por alguns minutos ele ficou ali, contemplando a paisagem. Era como se tivesse sido embriagado pelo melhor dos ópios, ou ainda, encontrado a mais apaixonante das mulheres. Árvores corriam por todo o horizonte, sem trégua, fato que se repetia quando estendia seus olhos para o topo, e não conseguia enxergar onde terminava a extensão da montanha, parecia que o mundo tinha criado uma parede intransponível entre o seu lado e o lado dos Deuses. E não seria assim a história que ouvirá quando criança? Ali era a divisão dos dois mundos.

Mesmo cansado, após vários dias de caminhada exaustiva, Seleucus decidiu não dormir antes de entrar em Abnoba. Percorreu os últimos metros correndo, e quando finalmente entrou, viu que o dia havia encontrado a noite. Míseros filetes de luz conseguiam fazer a corajosa proeza de entrarem pelo cume das árvores e chegarem ao chão, e isso pouco ajudava, pois se tornavam meros coadjuvantes no meio daquele cerne vegetal que nosso herói visualizava.

Caminhou por horas até perceber que não sabia o que estava vendo ou fazendo. A escuridão bloqueava sua visão de tal maneira que mesmo na véspera do próximo passo era possível saber qual era o tipo de solo. Sentindo-se traído pelo próprio corpo, sentou-se próximo ao que ele considerou ser uma árvore e dormiu.

Sabe a sensação de acordar renovado? Sabendo que tudo na vida vai dar certo? Acordar antes que alguém o faça por você? Então, ele não conseguiu acordar assim, e então o que o acordou foi um pequeno pássaro que pensou que tudo podia, e podendo de tudo, como pássaro, fez suas necessidades certamente em cima da cabeça do impecavelmente branco. Isso irritaria outra pessoa, faria até mesmo o mais santo dos homens professar palavras de discórdia e ódio a tão pequeno animal. Mas nosso herói, visualizou aquilo como um sinal, pois, se ele podia ver o que havia lhe atingido, era possível de caminhar guiado pela visão. E era isso que havia lhe deixado bem, a capacidade que seu corpo havia encontrado de enxergar em meio àquela profunda escuridão.

Não possuía mais nenhum tipo de alimento, então arriscou comer algumas ervas e frutas que encontrou ao longo do caminho, uma ou outra lhe deixou com a boca dormente. Ficou feliz ao saber que havia parado apenas na boca. Seria um tanto quanto trágico que a história de tal célebre pessoa morresse após consumir frutas envenenadas.

Sentia sede, mas na falta, acostumou-se com as folhas largas e gordas que encontrou rasteiramente perto do que parecia ser uma samambaia gigante, foi sim um erro. E ele percebeu isso quando o líquido que saiu de tal planta começou a fazê-lo parar de respirar, suas mãos foram até a garganta tentando em algum gesto inútil livrar o que lhe sufocava. Parecia tarde quando viu seu corpo ficando sem força, tentava puxar ar pelo nariz, mas nada vinha, tudo se tornou turvo, a paisagem escura começou a ganhar tons rubros, era seu sangue escorrendo pelos seus olhos. Antes que seu espírito resolvesse abandonar o corpo, ele conseguiu visualizar algo que achava impossível.

Era uma mulher. E bem, o nome dela era Izanami.

Uma árvore rebentou com a força de dez mil homens, ao atingir o chão, levantou poeira, pedras e os animais que ali estavam. Seu som foi ouvido por milhares de quilômetros, e mesmo assim, quem a derrubou permaneceu invisível. A natureza, assim como sua força, é imensurável. Pouco se pode fazer para contê-la, quem dirá impedi-la.

Não muito longe da queda, estava uma pequena tribo, ali existiam mulheres e crianças. Nada além disso. Viviam de maneira simples, não ousaria falar primitiva, pois eram bem desenvolvidos na língua, escrita e cultura. Suas vestes eram puídas e suas cabanas feitas de maneira irregular com galhos e barro. Usavam do solo, mas se prestássemos atenção ao alto, haviam também habitações nos topos das árvores.

A vida ali era levada de maneira pacata, quase que com descaso, o povo vivia da caça, e do cultivo de algumas poucas raízes. Não havia necessidade para comercio, armas ou mesmo entretenimento. O conhecimento de geração para geração era passado de maneira casual com o convívio entre os demais membros. Quem visse esse povo, diria que eram um tanto quanto sortudos por sobreviverem tanto tempo de maneira primitiva.

E quem dissesse isso, estaria completamente cego.

Os Hoanns, apesar da aparência costumeira, formavam uma sociedade muitíssimo peculiar. Tão peculiar que levaria um bom tempo para mostrar os seus pormenores.

Para começar, as mulheres eram criadas desde pequenas para serem as mais ímpias caçadoras, algo que contrastava diretamente com a maneira que levavam a vida em comuna. Elas eram o cerne de toda uma população, dignas de serem – mesmo que em espírito – maiores que os próprios homens. Falo isso não de maneira machista, longe de mim. O que acontecia com essa raça era peculiarmente, peculiar.

Não era à toa que víamos apenas meninos, meninas e mulheres naquela tribo. Os meninos passavam por um processo muito, mas muito longo de desenvolvimento. E durante o tempo que atingia cerca de quatrocentos anos, eles permaneciam ou meditando, ou estudando os pouquíssimos livros deixados pelos seus ancestrais.

Ao termino desse período de longo desenvolvimento espiritual, eles passavam por uma monstruosa transformação, e seus corpos começavam a crescer vertiginosamente, com a dor do crescimento, também vinham as mudanças na pele, que começava a solidificar-se, com constantes erupções e gritos, e então, caso sobrevivessem a isso, algo que poderia durar anos, atingiriam a maturidade.

No passado eram possíveis encontrar Hoanns tão altos, que mesmo a Montanha Iugum, passava despercebida aos seus pés. Mas isso, são lendas e muito pouco prováveis de serem reais. Ainda assim, dignas de nota.

Como as mulheres não passavam por esse processo tortuoso, a elas restou o peso do fardo de carregar uma população inteira. E elas fizeram este trabalho admiravelmente bem.

Num dia como qualquer outro, uma destas nobres mulheres, em busca de caça, pensou que talvez fosse uma boa ideia aguardar próximo a um desague de um dos rios da Floresta Abnoba. Percorrendo o caminho com habilidade descomunal, ela percebeu um barulho, e avistou ao longe a figura de um homem. Ele era branco, esguio, e aparentava estar desnutrido, mas ela não pode deixar de perceber a beleza que ele possuía, tanto no corpo, quanto no coração.

Ela o seguiu por um bom tempo, não era comum verem forasteiros, embora soubessem da existência deles. Poucos conseguiam adentrar a floresta e permanecerem vivos por muito tempo. Ele, no entanto, parecia relativamente bem. Mas era sem dúvida alguma, ingênuo demais, pois retirou do chão um pedaço de pholus, e antes que pudesse avisá-lo, havia colocado na boca.

Ela correu em direção ao homem, mas era tarde, ele havia fechado os olhos, a planta era uma das mais venenosas que ali existiam, a essa altura, ele já estava morto. Ela, no entanto, em um gesto que nunca havia demonstrado, acolheu a cabeça do estranho em seu colo, e começou a rezar em uma língua antiga e bela demais para ser proferida por um mortal como eu.

Ela sabia que milagres não existiam.

Ela sabia que nada poderia fazer para salva-lo.

Ela sabia que comer daquela planta, significava a morte.

Mas ele não sabia de nada disso.

E como ninguém o havia avisado que era morto que ele deveria estar. Ouvindo a canção da jovem Izanami, ele acordou. E acordou achando que havia atravessado os portões do mundo, e chegado ao paraíso, pois tamanha era a beleza da mulher que ali estava.

Ela possuía olhos finos e longos, seu cabelo era negro como a noite, mas ainda sim possuía um brilho que era difícil dizer de onde vinha. O rosto, parecia haver sido desenhado para um único propósito, ser irresistível a qualquer mortal.

- Oi, ele disse.

Ela olhou admirada, meio atônita para o jovem rapaz, já que não estava entendendo nada. Como ele havia sobrevivido afinal?

- Você sabe onde estou? – Perguntou Seleucus.

Ela não entendia sua língua. Nunca havia escutado outra além da sua. Então não sabia o que dizer. Em sua língua ela disse:

- Você está bem?

Mas ele entendeu que suas línguas eram diferentes, e que a comunicação daquela maneira era impossível. Sabia mais que tudo que deveria agradecer, e num gesto não pensado, a abraçou.

E ela gostou do abraço, pois nunca antes fora abraçada.

Era sangue que escorria de suas mãos pintando o chão. O trabalho era rejuvenescedor, mas se continuasse assim, terminaria mais uma vez como morto.

Não houve explicação para sua recuperação súbita após ingerir Pholus. Tampouco poderia haver explicação em como pessoas com línguas exatamente opostas, foram capazes de se comunicar. E melhor, se entender. Fato interessante é que pouco após o ocorrido, lá estava nosso herói, vibrando de alegria enquanto derramava sangue sobre o solo de terra batida.

- Está machucado – Disse o menino.

E Seleucus, despreocupadamente olhou até suas mãos. Ficou levemente apreensivo com o que viu. Mas sorrindo disse:

- E não é que você tem razão rapazinho.

- Sou uns duzentos anos mais velho que você – retrucou o ‘garoto’.

As diferenças de raça ainda não haviam sido completamente digeridas. Dava para se notar.

- Continua sendo mais baixo que eu – Soltou-se a rir Seleucus, enquanto batia mais algumas vezes no pilar em sua frente.

- A propósito, sou Ephraim.

E o herói, soltando o martelo que empunhava, olhou para Ephraim com um sorriso largo. Viu que ele trazia algumas amêndoas roxas. Era isso o máximo que ele havia conseguido fazer para identificar a comida dos Hoanns. Tudo para ele se resumia em: Bananas meio avermelhadas, Maçãs salgadas, Figos com gosto de hidromel e agora Amêndoas roxas. E por mais exóticas que fossem, todas conseguiam ser deliciosas.

- Se trazes comida, será sempre bem-vindo Ephraim.

O rapaz, entregando a comida sem olhá-lo diretamente, mas contemplando a obra que o estrangeiro estava fazendo, afirmou:

- Claro que sou bem-vindo, aqui é a minha casa.

- Vocês Hoanns não são muito do humor, não é mesmo?

- Sabe dizer porque está construindo este muro tão alto? – Indagou Ephraim.

- É o primeiro passo para criação de uma cidade, primeiro vem os muros altos, depois as pequenas residências, por último as fortificações e torres de guarda. – Disse Seleucus, enquanto esfregava uma das amêndoas na calça.

O então ‘garoto’ olhou ao redor, e pensativo perguntou:

- Estamos em guerra contra as árvores?

O cuspe fez voar um pedaço de amêndoa longe, rindo sem parar, o herói disse:

- Viu como você é bom nisso rapaz - tomou um ar – mas, não precisamos de uma cidade realmente, só achei vocês um tanto quanto desprotegidos aqui neste vilarejo. Pensei em retribuí-los por bem, terem salvo minha vida.

- Sem ofensas estrangeiro, mas Izanami foi estúpida. Nunca deveria tê-lo trazido para cá. No entanto, ela não teve participação na sua salvação. – Acho que a ajuda veio de lá – E apontou um dedo para o céu.

Houve uma pausa, Seleucus pensou no que o garoto havia dito.

- Acredita nos Deuses Ephraim? Em todos eles?

- Se Humfridus existe, muito provavelmente os outros também. Mas temo que se eles foram complacentes ao devolver-lhe a vida. É porque você é importante demais para eles.

- Eu fico agradecido, eu acho – Concordou Seleucus.

- Não foi um elogio, temo pelo meu povo. Acho que eles estão em perigo, e você trouxe isso até nos. Tente não arruinar com a vida de todos. – Ephraim disse, enquanto dava as costas – até logo.

- Ei, espera!! – Tentou Seleucus, mas percebeu que os argumentos do rapaz tinham razão.

Por qual motivo o Rei havia pedido para conquistar o carinho dos Hoanns? E porque construir aquilo que havia sido solicitado? Não fazia muito sentido, mas obrigações eram obrigações de toda forma. Não havia tempo para dúvidas. Faria como havia sido disposto, se conseguisse.

Tudo ali era relativamente calmo. Seleucus só não se envolvia na caça, raras exceções quando um faisão, lebre ou mesmo veado cruzava seu caminho; do contrário nada matava, afinal não era esse seu principal motivo ali. Despendia boa parte de seu tempo na aguçada tentativa de entender toda a linguagem

dos Hoanns, no princípio a falada, mas talvez um dia também a escrita. Construía muros durante a manhã, ajudava as mulheres com as tarefas a tarde, descansava sob uma grande sequoia a noite. Não precisava de mais que isso para atingir a felicidade, mas não chegava nem perto de seu objetivo ali.

A confiança dos Hoanns com o estrangeiro era parca, o viam como mais um, nada mais que isso. Não o ajudavam além do mínimo necessário para a sobrevivência. Algo que conflitava diretamente com as intenções do Rei que o havia enviado ali.

Izanami era a que mais demonstrava algum tipo de afeto pelo rapaz. Vinha as vezes lhe pedir como estava, se sentia algum tipo de dor, estava com fome. Coisas deste gênero, no entanto, não passava disso. Por vezes um ou outro dos meninos pediram a ele se demoraria a ir embora, ou mesmo o que viera fazer ali, para todos, a resposta era sempre a mesma, não ia demorar, desde que soubesse o que pensava que queria da vida.

Assim, aos poucos Seleucus implantou na mente de todos que não era mais que um louco que não sabia o que queria da vida. Excelente começo, não é mesmo?

Um certo dia, que nada tinha de diferente dos outros, Seleucus distanciou-se da comuna, não tinha motivo aparente, mas estava particularmente pensativo. Caminhava à esmo, cabeça baixa, até encontrar Izanami, deitada, cercada pelo que ele descreveu mais tarde como uma ‘alcateia de lobos’. Primeiro, não eram lobos, eram leões brancos da montanha. Segundo, não poderia ser uma alcateia, pois ali havia apenas um. Ela parecia dormir, sem ferimentos, até então. Seleucus postou-se entre o leão e a garota, e o fazendo, acabou irritando a fera.

O difícil foi o primeiro, dizia ele mais tarde, quando perguntavam de sua fama como dominador de leões. Mas naquele instante ele não pensava assim. O leão voou sobre sua cabeça em um movimento lento mais preciso, ao passar rasgou suas costas. Era tempo para sentir dor, mas nosso herói na adrenalina do momento, entregou-se a sua fúria, virou no mesmo instante que fora golpeado, pegando o animal pela pata traseira. Quando o felino pensou em morder seu braço, Seleucus desferiu um golpe em sua cabeça, que acabou levando-o para o além vida.

Para a história ficar melhor, Izanami havia acordado no exato momento em que um homem na sua frente ganhava um belo rasgo nas costas. Ela, mesmo caçadora como era, havia ficado horrorizada, mas segundos mais tarde entendeu o que havia acontecido, e correu ensandecida para o homem que acabara salvando sua vida.

Esgueiravam-se pela estrada que ia de Fal às montanhas Iugum, carregavam consigo um pequeno bebe chorão, que na ocasião em questão, estava chorando, consigo não empunhavam qualquer tipo de riqueza, pelo contrário, haviam abandonado tudo que possuíam.

Ninguém os seguia, mas pelo cuidado que tomavam em cada passo e pelos olhares constantes para onde haviam passado, parecia que o haviam feito algo muito errado. E quem poderia dizer que não haviam sem os conhecer?

Um deles, o mais alto tratava-se de Seth, e a outra pessoa, sua companheira Eirika, ambos se amavam intensamente, mas aparentavam um profundo meio e receio em seus rostos, como se estivessem realmente fugindo de algo.

Fizeram a mesma jornada que Seleucus, apenas alguns meses depois, caminharam pela mesma estrada, e sentiram o mesmo vazio interior. A diferença era que Seth não era guerreiro, e Eirika muito menos.

Os perigos eram os mesmos, agravados pela total falta de capacidade dos dois em superá-los. Mas contra todas as possibilidades e credos, ambos chegaram a Abnoba, e tiveram a sorte de encontrar Seleucus, que vestia uma veste puída e suja, parecia estar montando uma espécie de muro, mas ainda era muito pequeno para ser chamado sequer de degrau.

- Olá para vocês - disse o homem que eles haviam visto meses antes dentro da Arena em uma armadura impecavelmente branca.

- O-oi – Falou Eirika – você pode nos ajudar?

Seleucus olhou bem para os dois, não os conhecia, mas possuíam uma criança no colo, deveria servir como uma espécie de aval para a situação.

- Me chamo Seleucus, como vocês se chamam?

- Seth – disse o rapaz, e apontando para sua esposa, falou – está é minha esposa Eirika, ela segura nossa criança.

- Duas crianças não é mesmo? - Informou Seleucus olhando para a barriga de Eirika, e continuou - Forasteiros não são muito bem-vindos nestes lados, o povo daqui, os Hoanns, não gostam muito, mas irei falar com eles, e vocês podem morar em minha cabana até Seth e eu construirmos uma nova para abrigar vossa família. A comida é parca, e vem de caça, então talvez vocês tenham que sujar as mãos para conseguir alguma coisa, mas farei de tudo para ajudá-los, só peço que não insultem o povo daqui, porque serei obrigado a ficar do lado deles.

O casal assentiu, após meses de caminhada, finalmente haviam encontrado um porto seguro, poderiam recomeçar a vida em paz.

Mas o que havia acontecido para que fugissem de Fal?

Seleucus acordará em um dia tipicamente ensolarado, recostado sobre seus braços, ouviu diversos sons, podia identificar alguns, vozes, pássaros, risadas e com mais cuidado, o som da brisa que permeava entre os muros de pedra levantados pelos seus próprios braços.

Levantou, ainda despido, e caminhou até a janela de seu quarto, e só então percebeu quão cego havia sido. No horizonte não mais se via campos e montes, mas sim, uma cidade, a sombra da montanha Iugum já não era mais suficiente para esconder tamanha propriedade. Tentou disfarçar e olhar para os lados, mas de igual forma, seus olhos foram vencidos por tamanha imensidão de cidade.

- Céus – exclamou enquanto passava suas mãos em cabelos grisalhos – quando isso tudo aconteceu.

Era difícil perceber que tudo aquilo um dia tinha sido uma vasta floresta, e pior, ainda mais difícil perceber quando aquela floresta havia sido transformada em uma cidade, vagou por pensamentos e então viu que não tinha respostas para perguntas que julgava de máxima prioridade. Não sabia a quantidade de pessoas que ali viviam, não fazia ideia de como encontravam comida, quais eram seus trabalhos? Como estava a saúde das crianças? Existia segurança? Quem eram os homens que ficam nos portões e garantiam que nada ruim acontecesse a eles?

Faziam anos desde a última vez que ele precisou se preocupar com tais perguntas, tudo havia caminhado de tal maneira que ele já não era mais o único que dava ordens ali. E procurando respostas, acabou apenas com mais perguntas.

A porta de seu quarto se abriu, e quem entrou foi sua esposa.

Naquele momento Seleucus encontrou os olhos da mulher com a qual se apaixonará, e percebeu irrefutavelmente que ela não havia envelhecido um sequer dia; olhou para seus próprios braços e constatou que rugas formavam-se em suas mãos, caminhou em direção à mais bela dentre as mulheres, mas parou na metade do caminho, quando encontrou um espelho que lhe cuspiu sua verdadeira imagem, os anos haviam o agraciado com cabelos grisalhos e um rosto envelhecido que ele fazia esforço para reconhecer.

A mulher, vendo seu marido, não precisou de muito para entender o motivo de seu desespero, e preparou-se para realizar uma magia que apenas mulheres de coração nobre são capazes, dali surgiu um abraço; afago que poderia sem dúvida curar ao menos em partes a angústia sentida por aquele homem.

Seleucus permitiu-se então que lágrimas escorressem por sua face, pois a única resposta que possuía não era suficiente para todas as dúvidas que o haviam acometido naquela manhã.

O salão de pedra era oval e sua decoração só conseguia receber o adjetivo de extremamente simples, mas algo estava diferente ali, pessoas haviam sido convidadas, e lotavam o humilde salão.

Poderiam ser duas mil ou três mil mulheres e metade disso de homens, as raças eram diversas, mas predominava a dos Hoanns, e contrariando a expectativa, o silêncio ali era absoluto, como se soubessem para que haviam sido chamados, mais que isso, como se respeitassem a santidade das palavras que ainda seriam proferidas ali. Não era necessário a presença de ornamentos religiosos para saber que algo de sagrado estava sendo arquitetado ali.

Seleucus encontrava-se no extremo do salão, sentado em uma das cinco cadeiras de madeira ali presentes, sua esposa, ocupava outra. Vestia panos simples, como habitual, e seu cenho não disfarçava a seriedade do momento. Proferiu quando julgou ser a hora:

- Eis aqui pessoas que estiveram comigo desde o começo da criação. Vós sois irmãos e irmãs por terem dividido comigo tempos de relativa dificuldade, criaram comigo um sonho que eu julgava impossível. Porém descobri que esta palavra não existe mais, pela graça e divindade dos Hoanns uma Cidade maior que a Capital se ergueu do nada.

Seleucus levantou-se da cadeira, e caminhou em direção àqueles que ali estavam.

- A amargura que aflige meu coração é grande meus nobres colegas. Pois tenho hoje uma cidade de tamanho colossal em minhas mãos, e não sei se tenho forças para guiá-la ao caminho correto. Já não sei ao certo do que a população precisa, e o que deve ser feito para ajudá-la, sequer sei o nome de muitos ali fora, eu preciso de ajuda. Preciso da ajuda de vocês para governar a cidade.

Um sussurro formou-se e ganhou força até tornar-se aquele salão o epicentro de uma linguagem inaudível.

- Ouçam – pediu Seleucus – preciso de três voluntários, e estes três formaram o conselho de Zaleh. A cada ano, estas três pessoas poderão escolher se querem permanecer no conselho ou querem dar a vez a outra pessoa. Vocês não receberam remuneração alguma para isso, assim como eu não ganho nada administrando a cidade, viverão no palácio, serão alimentados e terão abrigo, mas trabalharão em prol unicamente da população que ali fora está.

Seleucus olhou fixamente para o alto e continuou:

- Quero que saibam que cada um dos conselheiros cuidará de uma área específica da cidade, e terão poderes suficientes para efetuar qualquer alteração julgada necessária para o bem da comunidade, decisões que não precisaram ser aprovadas por mim. Digam, em alto e bom tom, seus nomes, e o motivo pelo qual vocês querem servir a comunidade.

Nada, nem uma sequer alma proferiu algum som naquele momento.

- Vamos – exacerbou Seleucus - digam-me nomes para ocupar estas cadeiras.

- RAGUEL!

Pode-se ver uma bela jovem alta e esguia, com cabelos loiros e asas brancas como a neve, rosto puro com maxilares bem definidos, caminhando em direção a uma das cinco cadeiras. Ela era uma Fey.

- MINORI!

E uma criança Hoann de cabelos negros como a noite e longos como o dia, de olhos imensamente negros caminhou em direção a Seleucus, esperando por sua aprovação. O pequeno usava um colar com quatro dentes de algum animal que ele não conhecia, Seleucus o abraçou e assentiu a escolha, dizendo para que se sentasse em uma das cadeiras.

- MARCUS!

Alguém que não poderia ser melhor para o cargo, metade Abaddon, metade humano, Marcus era sem dúvida alguma um dos guerreiros mais leais que haviam ingressado naquele salão. Era alto, tão alto quanto Raguel, cabelo branco, olhos azuis, seu corpo, mesmo coberto aparentava ser extremamente forte, em sua orelha, um brinco com um Ruby.

Seleucus vendo sua esposa sentada ao lado destes três corajosos seres, proferiu:

- Há alguém aqui mais capaz que Raguel, Minori e Marcus para o conselho?

O silêncio esperado não foi quebrado, e continuando com o discurso, o homem impecavelmente branco disse:

- Vocês são, de hoje em diante O Conselho de Zaleh.

O frio anunciava a chegada do tão esperado inverno, época que agradava poucos da cidade, na pequena sala, estavam Seleucus, sua Esposa, e os três novos integrantes do Conselho de Zaleh, Marcus, Minori e Raguel.

- Vou ser claro com vocês – Disse Seleucus – Cada um ficará responsável pelo cuidado direto de uma ou mais áreas de Zaleh, vocês executarão tudo que for necessário para que a população fique segura e feliz. Não admitiremos nada menos que isso, para tanto quero que Marcus, fique responsável pela segurança de nossos muros, da população e da criação de um exército.

- Será feito Senhor – assentiu Marcus.

- Minori será responsável pela educação, criação das escolas de magia, saúde e pela criação de sete templos dentro de Zaleh, um para cada tipo de raça que existe em nosso mundo – Disse Seleucus.

- Farei como ordenado Seleucus, muito me honra sua escolha – Afirmou Minori.

- Raguel – Falou Seleucus – a você darei a mais árdua das tarefas, cuidara do tesouro da cidade e pedirei para que seja a justiça de nossa população.

- Estou honrada Senhor – Sorriu Raguel.

Eu estarei sempre presente caso possuam dúvidas em suas tarefas, nestas primeiras luas, entretanto farei uma viagem a Fal, preciso falar alguns assuntos de extrema importância com o Rei. Em minha ausência, Raguel será a regente.

- Senhor – contestou Raguel – não sei se sou adequada para tamanha função.

- Preciso que seja agora Raguel – Por Zaleh, desejo a todos vocês um ótimo trabalho, estão dispensados.

- Senhor – disse Marcus – você deseja que o exército seja criado nas artes do exército humano, ou treinados nas artes dos Abaddons?

E um sorriso surgiu no rosto de Seleucus, quando ele respondeu a uma questão que muitos teriam receio em responder:

- Nas duas Marcus, nas duas.

- De onde vem Minori?

Era uma conversa entre duas sombras, em uma noite fria e chuvosa.

- Ele vem de Tristitia, é um Senador condenado ao exílio.

- Por quais motivos?

- Não se sabe, mas é difícil entender por que motivos um Hoann sai da Floresta de Abnoba para viver em meio a humanos, e retorna anos depois como um exilado.

- Ficará de olho nele? Sinto um poder assombroso emanando dele.

- Ficarei sim, meu senhor. Pretende retornar em breve de Fal?

- Não há como saber, não consigo ver o caminho que se ergue perante a mim.

- Senhor, tenho algo para lhe falar.

- Pois não Marcus?

- Sua esposa, ela está grávida Senhor.

Tristitia é uma bela cidade, sem dúvida, apesar de ser relativamente pequena, abriga um dos três clãs de humanos, cercada por um conjunto montanhoso, não tem grandes muros, mas foi criada com diversas torres, que se aproveitam do relevo para proporcionar um poder de defesa amedrontador. Ao seu lado, existe uma cachoeira, que além de alimentar a população dá formato ao rio que cerca a cidade. Na parte superior de Tristitia, pode-se ver um antigo palácio, é lá que fica o regente da cidade, um velho senil com sete ou oito filhos, fora os bastardos. Mas o mais interessante fica entre o Palácio e o portão de entrada da cidade, é a estátua de um anjo, inteiramente dourado, o maior símbolo da riqueza daquela população.

As lendas contam que no início dos tempos, uma família com três crianças ficou à mercê do destino, e para que sobrevivessem, cada um dos filhos teve que sair em busca de algum trabalho que pudesse manter sua família viva, por mais um dia que fosse.

O primeiro dos filhos, Chieko, voltou seus olhos para a caça, aproveitou uma lança velha que seu pai havia lhe dado e lá encontrou abundância de água, comida, e cego pela sua própria proeza, ignorou que possuía uma família, e nunca mais retornou, vivendo em meio daquilo que futuramente veio se chamar Felitia.

O segundo dos filhos, Chiou, focou no cultivo de alguns poucos grãos que seu pai lhe deu, promoveu uma pequena fazenda naquilo que no futuro ficou conhecido como Tristitia, como seu esforço em cultivar a fazenda foi solitário, relegou sua família e viveu de maneira independente, criando uma comuna de agricultores.

O último dos filhos e menor dentre os irmãos, Hiroko, ficou horrorizado com o que seus irmãos haviam feito, e vendo a situação deplorável de sua família, procurou de alguma maneira ajudar seus pais que com toda certeza morreriam de fome. Não sabia caçar, tampouco cultivar, e mesmo que soubesse, não tinha ferramentas para tal. Caminhou seguindo um estreito riacho de água, até encontrar o que parecia ser uma rocha suspensa em meio aos céus, chamou seu pai e sua mãe para verem, e os três subiram na rocha, por um tortuoso caminho, que no final os levou para uma terra cheia de hortaliças e árvores frutíferas, o suficiente para que toda a família vivesse sem fome, abençoaram o local com o nome de Fal, local que acabou sendo conhecida na realidade por outro nome, a Capital.

Indignado com a sorte do irmão mais novo, Chou e Chieko organizaram uma vingança, onde matariam o irmão mais novo, pai e mãe para ficarem no tão abençoado local que haviam encontrado.

Mas a barreira da altura que Fal possuía era intransponível, e nada puderam fazer para subir o estreito caminho, pois em todas as vezes eram recebidos com pedras pela família que haviam abandonado. Chieko, ensandecido pela vingança, matou seu irmão Chou e o usou seu corpo como motivo para subir ao alto, junto de sua família, Hiroko percebendo o que ele havia feito, o jogou do penhasco.

As três sociedades, no entanto, prosperaram economicamente, mesmo sem seus criadores, os irmãos, assim como os pais morreram após certo tempo, mas o ódio possui uma espécie de magia e permeou através das gerações de tal maneira que mesmo o tempo foi incapaz de apagar uma história de ódio gravada pelo sangue de uma família inteira.

- Majestade, há mais uma fila de pedintes na porta do salão real, e é cada história que contam, uma melhor que a outra.

O rei recostava sobre seu trono, estava velho, gordo, e uma barba ora negra, ora branca escorria pelo seu rosto com a imperfeição de uma cachoeira em dias de seca, com cabelo desgrenhado, era impossível dizer que outrora ele havia sido um lindo modelo para todas as mulheres daquela nação.

- Há, e qual é a melhor desta vez? – Pediu Kaius.

- A Majestade não vai acreditar, mas tem um velho aí fora falando que é seu escudeiro, um tal de Seleucus – o jovem rapaz soltou uma risada, e concluiu – mando para a casa ou dou uma esfregada de parede com a cara dele.

- O que você disse – grasnou o Rei.

- Me perdoe senhor, não tive a intenção, não vou machucar o velho...

- Não imbecil, o nome que falou, qual foi?

- Seleucus senhor, quer que eu peça para entrar?

O Rei então, saiu de seu trono, e começou a caminhar em direção a porta que o separava de seu antigo escudeiro, com um sorriso no rosto que não pedia por mais explicações. O rapaz que estava na frente da porta achou que sofreria a fúria de um Rei, mas pelo contrário, o homem passou reto pela sua presença, e abriu a porta.

- POR DEUS SELEUCUS, ESTÁ TÃO ACABADO QUANTO EU.

- Ora, isso é jeito de tratar visita seu velho gordo – riu Seleucus.

Ambos riram em um abraço demorado. E no afeto, Kaius disse:

- Conseguiu?

E a resposta que ouvirá, o fez o homem mais feliz daquele mundo.

- SEU PUTO, VAMOS COMEMORAR, VEM, VAMOS AO SALÃO, DEVE TER UM VINHO OU OUTRO PARA HOMENS COMO NÓS.

- Devo organizar o banquete senhor – arriscou o pobre coitado do servo que aguardava o fim do abraço no chão.

- Deve sim rapaz, esse homem acabado que está diante de você, é a porra do Seleucus, é a porra do Seleucus – Dizia enquanto batia nas costas de seu amigo.

- Parece cansado jovem grilo – Disse Marcus.

- Os treinos costumam me deixar assim – respondeu Minori.

A temperatura era negativa naquela manhã, Zaleh ainda não havia acordado, mas Minori e Marcus já estavam acordados há horas. Minori estava vestindo apenas uma calça na cor preta, enquanto seu colega, usava vestes de luxo em cetim de cor verde, em seu pescoço, um colar de ouro pendia com a marca de sua família.

- Mas diga, o que fazes aqui, tão cedo, não diga que veio treinar, sei que não o faz. - Disse Minori enquanto terminava uma série de flexões.

- Vim amando de Seleucus, estamos preocupados com você.

- Nossa, quanta furtividade Marcus, se não contasse, nunca descobriria – Riu Minori – Mas diga, não, espere, deixa eu adivinhar, meu exílio? Você quer saber sobre meu exílio, acertei não?

- É sagaz jovem grilo, sim, vou direto ao ponto, porquê um Hoann como você, abandonou Abnoba anos atrás para voltar recentemente como um Senador exilado das cidades humanas?

- Eu poderia conversar com Seleucus e dizer porque ele aceitou um pedaço de Abaddon em seu conselho também, será que o resto da população sabe sobre que espécie de criatura é você? - Respondeu Minori, enquanto ficava de pé.

- Atenha-se a responder minha pergunta grilo.

- É alguma espécie de julgamento? Devo chamar Raguel? - Limpando as mãos em sua calça em um gesto casual, Minori continuou – Pois se quer mesmo saber, sai de Abnoba por que estava cansado de ficar aqui, trezentos anos embaixo de uma floresta, acabam com você, e, fui exilado porque me recusei em assassinar a princesa de Felititia, Carmine. Nerva, o Regente de Tristitia solicitou que ela fosse envenenada, era para servir como uma espécie de vingança porque um de seus bastardos havia morrido. - Sentou no chão, com as pernas cruzadas, olhou bem para Marcus, e concluiu – eu sabia que o bastardo tinha se matado ao mexer com uns péssimos-exemplo típicos da cidade, até falei isso para o Regente, mas ele não quis aceitar, e continuou culpando Felititia em uma espécie de loucura interna. Então eu saí, falei que assassinato não era o que eu fazia, e se eles queriam um, bastava procurar por algum dos filhos de Barkil, ou talvez para você não é Marcus?

Marcus olhou para Minori dentro de seus olhos, levantou a mão direita, junto com a adaga que estava em sua perna, e em um movimento aquém do possível de ser visto por humanos, arremessou na direção de Minori.

A adaga ficou cravada poucos centímetros a frente de onde estava sua perna. Então Marcus disse:

- Sabe de onde veio isto?

- Da sua mão pelo que pude perceber Marcus, é muito bonita – disse ao retirá-la do chão – é um presente, ou devo assumir que apesar da sua péssima mira, foi uma tentativa de assassinato?

- Abaddons não promovem tentativas de assassinatos jovem grilo, ou você nunca leu sobre nosso povo? - Apontando para a adaga, Marcus falou – encontrei isso próximo dos aposentos de Seleucus e sua esposa, ontem à noite, quando ele deixou a cidade para ir à Fal.

- Acha então que alguém quer assassiná-lo? - Pediu Minori, devolvendo a Adaga.

- Não sei ainda Grilo, mas preciso que ajude descobrir, posso contar com você?

- Segurança é sua praia, não minha Marcus.

- Você é um dos únicos Hoanns em quem confio para ser furtivo o suficiente e descobrir isso. Minori ficou em silêncio, pareceu refletir um pouco sobre o que acabará de ouvir, mas assentiu:

- Que assim seja.

O salão de Seleucus se afastará dele. E não lembrava nada o que ele tinha em Zaleh, os adornos em ouro, os candelabros recobertos por pedras safira, e o próprio chão em mármore branco, davam a impressão que pisavam sobre o mesmo chão dos Sete.

Seleucus e Kaius estavam tão felizes quanto crianças que descobrem que após a aula, podem sair para brincar. Ao seu redor haviam alguns soldados, como de costume, e alguns generais ora ou outra apareciam para cumprimentar a volta do então pródigo Cavaleiro Impecavelmente Branco.

Na mesa, um banquete havia sido servido, com pratos como Peru Assado, Arroz à Toscana, Porco Recheado, Pães, Ensopado de legumes e muita bebida.

- E você dizia: CORRAM MISERÁVEIS, O REI ESTÁ MORTO.

A bebida que estava na boca de Seleucus voou sobre a comida, e os dois gargalharam.

- Eu lembro, lembro do instante que abri a porta e vi seu corpo lá no chão com aquela quantidade de sangue em cima, e o urso em pé. Pelos céus, minhas pernas tremeram.

- O REI ESTÁ MORTO – Kaius batia na perna rindo incansavelmente.

- Mas como eu poderia saber? - Continuou Seleucus.

Após tomar ar, Rei Kaius disse:

- Pelos Sete, se eu soubesse que você ia chorar igual uma menina na minha morte, tinha providenciado alguns atores só para ver sua reação. Mas mudando de assunto – Kaius fez um gesto com a mão e o salão ficou repentinamente vazio – como foram as coisas em Abnoba?

- Horríveis no começo Kaius, eu não sabia o que fazer, e por vezes achei que ia falhar, os Hoanns nunca confiaram plenamente em minhas intenções, foi difícil convencê-los do contrário. Por sorte acabei encontrando uma mulher perfeita, Izanami, o senhor vai gostar de conhecê-la.

- Uma mulher? Uma Hoann? Que benção Seleucus, você foi melhor que a encomenda, e diga-me, tiveram filhos?

Seleucus se lembrou do que o haviam dito, mas negou diante do Rei:

- Não Kaius, e com o passar dos anos, acho até impossível devido a nossas raças serem diferentes.

- Para com isso Seleucus, não só é possível como já aconteceu. E acredite ou não, o sangue humano em mistura com o Hoann dá o nascimento a seres fantásticos, fortes em magia, em combate, e com o sentimento da energia tão aguçado quanto dos Silenus.

- Há alguém assim em nosso mundo?

- Não posso dizer com certeza, mas é sabido que já viveram entre nós, na época dos primeiros. - E bebendo uma taça de vinho, Kaius continuou – Precisamos dar continuidade ao plano, é lamentável, mas, Belae foi incapaz de me dar um filho.

- Após todos estes anos, é ainda triste ouvir isso Rei.

- Não se entristeça por mim, se não fosse pelos sacerdotes já haveria tido no mínimo uns dez ou doze bastardos, mas infelizmente não posso, parece que Eiko não gostaria, opinião do Sacerdote, claro.

- Não acredita em Eiko e nos Sete?

- Nunca acreditei Seleucus, nunca acreditei, mas sou Rei, devo falar que sim, e ralar o joelho rezando para os malditos todo final de colheita.

Seleucus enchendo o copo dele e seu próprio, falou:

- Ainda lembro como se fosse ontem da época em que o senhor, durante os treinos falava que Eiko, Hotaru, Humfridus, Velius, Athanasius, Cato e Erebus não poderiam abrir os olhos enquanto eu lutasse da maneira que fazia.

- Eu não fazia ideia que chegaríamos na amizade que estamos Seleucus. E hoje, falando de Rei para Rei, eu posso confessar a você que nunca acreditei nos Sete, sem peso na consciência.

- Como assim, de Rei para Rei? - Indagou Seleucus.

- Não há mais nada que eu possa fazer para manter o reino Seleucus. Os clãs de Tristitia e Felitia estão conspirando contra Fal, eles querem a capital para eles, e mesmo aqui dentro, meu poder se enfraquece sem um herdeiro para manter meu nome.

- Mas... - Tentou Seleucus.

- Ouça primeiro Seleucus – Interrompeu Kaius – Belae e eu fomos incapazes de sustentar o reino através de nosso sangue, sem filhos, quando minha hora chegar, alguém terá que assumir o poder, droga, eu mal possuo o sangue de Hiroko em minhas veias, mas ainda assim sou considerado descendente dele.

Kaius completou novamente seu copo com vinho, tomou tudo de uma vez, e fixou seu olhar na mesa.

- Se eu tornar, enquanto ainda possuo poder claro, Zaleh, um presente para a humanidade. Talvez eu consiga nomeá-lo Rei sob a Montanha, e os poucos seguidores que ainda estão do meu lado, escolherão o seu.

- Mas e o exército de Fal, eles perceberiam como um golpe, e facilmente declarariam guerra contra Zaleh – Respondeu Seleucus.

- Quais dos nossos Generais ousariam a ir contra o Impecavelmente Branco? Todos o viram na Arena Seleucus, não há como eles serem loucos o suficiente para tal. E mesmo agora, eu ainda conseguiria enviar uma comitiva para Zaleh, e você ficaria a cargo de fazer estes pobres coitados jurarem lealdade a você.

- É arriscado demais Kaius, Tristitia e Felitia nunca aceitarão eu como Rei. E os demais Reinos então, você vê os Fey, Ssrathi, Abaddons ou mesmo os Silenus...

- Seleucus, você é como um filho para mim – Kaius mostrou-se desanimado confessando aquilo –. Eu só posso confiar em você para unir o Reino. Missão que eu nunca consegui. Os Fey vivem no mundo das maravilhas que eles criaram para si, e nunca vão ser leais a ninguém além de Morgana Le Fay. Os Ssrathi você diz? Eles com seu Meio-Deus Iriki vivem às sombras dos Silenus que não escutam ninguém além do próprio Cosmos. Abaddons estão extintos, e nunca mais vi um sequer espécime da raça, eu garanti de que em meu reino aquela corja fosse extinta! E pelos céus – Kaius bateu na mesa, tentando buscar algo na memória – como lembra dos Ren? Algum dia eles saíram do mar para se preocupar com o que acontecia aqui fora? Desista Seleucus, não há união entre as raças de Tyo, nunca ouve – confessou Kaius.

- Queira ou não Kaius, eles vieram até Fal e juraram lealdade a você – Lembrou Seleucus, tapando seu copo para que Kaius não o enchesse novamente.

- Pois se as aparências importam tanto para você, chamarei eles novamente, e farei eles jurarem lealdade a você! Maldito Rei de Zaleh, nem o condecerei ainda e já me traz questões para pensar. Maldito seja Seleucus – e colocando a mão sobre o ombro de seu aprendiz – Maldito seja filho.

- Conhece algum Abaddon além de você Marcus? - A Voz vinha da janela.

A torre em que Marcus vivia ficava ao norte de Zaleh, era o mais próximo que havia dos céus, ele preferia assim, conseguia ver toda a planície que se estendia à frente da cidade, assim como as outras torres, havia sido erguida por grandes blocos de rocha e possuía um leve salpicado da neve que insistia em cair, mesmo tão cedo naquele inverno.

Em seu interior, nada além de uma cadeira de madeira bruta, e alguns animais mortos pendurados no teto, que davam um mal cheiro característico em todo o recinto.

Marcus estava lá sentado, olhando para o horizonte, quando ouviu a voz. Dirigiu-se até a Janela, e olhando para cima, arregalou os olhos.

- Sabia que havia algum motivo para chamá-lo de grilo, eu tenho escadas aqui na torre Hiroko...

- Eu desconfiei que sim – sorriu o pequeno conselheiro – mas preferi subir pelo lado de fora, sabe, praticar um pouco de escalada faz bem.

- Claro que sim, mas há algum motivo para a visita, quer entrar talvez?

- Não, obrigado Marcus, sinto o cheiro de carniça desde os primeiros cem metros da Torre.

- Ah, perdoe-me, mas gosto de carne malpassada. Você entende, não é?

- Mas é lógico – e fazendo uma pausa, Hiroko concluiu – que não, muito pouco saudável de sua parte, sabe que isso junta moscas e todo tipo de vermes, não sabe?

- Eu sou um mestiço Abaddon grilo, nasci das cinzas ou de uma puta qualquer, não é a carne podre que vai me matar.

- Entendo – Respondeu Hiroko, e retomando sua pergunta anterior, disse – falando nisso, conhece algum Abaddon além de você?

- Não, porque? - Indagou Marcus.

- A adaga, possuía inscrições que eu não conhecia quando jogou ela para mim. Mas estudando um pouco mais nestes últimos dias, vi que na realidade tratava-se de um símbolo, um símbolo sobre o retorno de Athanasius, uma lenda antiga de seu povo. Achei que conhecia.

- Metade Abaddon grilo, e não fui criado na capital deles, apenas em seus costumes de guerra.

- Então o que posso concluir Marcus, é que ou há um remanescente Abaddon querendo matar Seleucus, ou um simpatizante encontrou essa Adaga nos espólios da guerra, e resolveu usá-la aqui, estranho não acha? - Sorriu Hiroko.

Marcus, olhando fixamente para Hiroko, sorriu e disse:

- Quão estúpido seria eu para levar uma prova de crime e pedir para você investigar, se o criminoso fosse eu, não acha?

- Nunca disse que era esperto Marcus, deve estar me confundindo. Mas ainda assim, não desconfio de você. Vou fazer novas buscas em alguns livros, talvez até saia da cidade para fazer alguns, hum, como dizem em sua língua, alguns interrogatórios?

- Alguns assassinatos? - Respondeu Marcus.

- É, talvez, só se não levar a um fim lucrativo para as duas partes. - Hiroko sorriu novamente, e despedindo-se, pulou da torre.

Marcus não conseguiu ficar inato a situação, e quando o viu pulando por um segundo sentiu medo, mas depois se lembrou de quem aquele jovem era, e se tranquilizou.

- Gosto deste jovem – falou para si.

Dirigiu-se a um de seus pedaços suspensos de carne, retirou uma fatia, sangue verteu do corte, e caiu ao chão, e com naturalidade, colocou-o na boca, enquanto mastigava disse:

- Gosto sim.

Cerca de noventa cahoes se dirigiam a Zaleh naquela tarde, o rastro de poeira que deixavam podia ser acompanhado mesmo dias após sua passagem. Mas se você não sabe o que é um Cahoe, talvez eu possa explicar a você; trata-se de um tanque gigantesco, movido por rodas de metal, cerca de vinte sete delas, intercaladas em três níveis, tem uns quatorze metros de altura, e metade disso de largura, o combustível? Magia, claro. Na frente do tanque, no entanto, não há um canhão, mas sim lâminas de metal, que cortam aquilo que está em sua frente. A capacidade é para duzentos homens totalmente armados, mas pode chegar a muito mais que isso se necessário, pois há muito espaço até mesmo fora da máquina.

Se você fez as contas, pode estar dizendo agora que então cerca de dezoito mil homens estavam marchando contra Zaleh. E se dissesse isso, estaria errado oras, quem está contando a história afinal? Estava lá? Não, não me lembro de você lá.

Estes milhares de homens, dentro dos Cahoes não estavam contra Zaleh. No entanto Marcus não sabia disso, e pediu para que seu exército se mobilizasse, o que fora feito com maestria. Então quatrocentos mil seres foram reunidos, e falo isso porque menos da metade eram seres vivos, boa parte do número havia sido convocado pelos magos que Zaleh possuía. No exército, no entanto víamos com exímia distinção os Hoanns, humanos alguns Fey e um mestiço Abaddon a frente de todos, usando uma armadura digna de Rei, com o peitoral vermelho, porém detalhes em diamante negro. As criaturas chamadas eram variadas, mas na maioria lembravam humanoides, chamas negras vindas dos mais diferentes níveis do submundo, elementais, e nove dragões criados da mais banal das energias - sobrevoavam o imenso exército.

Do alto, veríamos de um lado, noventa encouraçados de metal, soltando poeira ao ar e fazendo um barulho que era facilmente distinguível a quilômetros dali. De outro, um exército criado da noite para o dia com o esforço de um mestiço que sem dúvida alguma sairia vitorioso, tamanho era o poder de destruição convocado por seus magos.

Como toda guerra procede, um dos líderes de cada lado saiu de sua base, para determinar os termos da guerra, porque ocorria a afronta, e o que aconteceria caso prosseguissem com aquela loucura.

Na ausência de Seleucus, Raguel foi até o encontro dos inimigos. Com sua angelical armadura dourada, emitia luz em um campo condenado ao sangue e trevas. Então imagine sua surpresa quando encontrou do outro lado, Seleucus e Rei Kaius.

- Belo exército – Gritou Rei Kaius.

As máquinas mesmo longe faziam um barulho imenso.

- Obrigada – tentou Raguel, gritando em frente às máquinas – Mas não acho que ele vai ser necessário, ou estou enganada Seleucus?

- Está certíssima minha amada Fey – Gritou Seleucus enquanto sorria – Mas pode me chamar de Rei Seleucus se quiser.

Muito aconteceu depois do retorno de Seleucus a cidade de Zaleh. A comitiva que o acompanhou, possibilitou a criação de várias novas escolas dentro e fora do âmbito militar. Hiroko, encarregou-se de escolher um time que criaria e desenvolveria novas soluções tecnológicas. Raguel ganhou homens para que

pudesse promover a primeira constituição de Zaleh; Já Marcus conseguiu mais gerais, e finalmente os tão sonhados guerreiros imortais - coisa que veremos logo adiante.

Uma grande festa foi realizada e todos os reinos convocados. O motivo da convocação era para a posse do novo Rei Seleucus. E por uma incrível força do destino, ou do acaso talvez, todas as raças compareceram em maior ou menor número. Fey, Ssrathi, e Silenus trouxeram consigo presentes para o novo Rei e votos de um futuro melhor. Até mesmo os Ren vieram - em seus grandiosos tanques de água - dar seus falsos votos de cordialidade e paz.

A celebração durou três dias, tudo porque além da coroação de um novo Rei, houve o nascimento dos filhos de Seleucus. E eram 3 coisas lindas, nunca antes houve uma sinergia tão grande da beleza dos pais; contrariando tudo e todos, nasceram saudáveis. O primeiro a sair chamara de Ryu, o segundo batizara de Crono, e a terceira, ora, essa ganhou o nome de Lisa.

Os pequenos herdeiros do Reino Humano e de toda Tyo nasceram ignorantes para as crueldades do mundo, quem os viu, tão dóceis e amados, jurou que o mundo era belo. Mas essa não era a verdade que se via.

O tempo, no entanto, passou, e as festividades acabaram, o que foi até bom, para que todos pudessem celebrar novamente a normalidade das coisas. Seleucus prometeu ao Reino todo não ser omissos com causas, por mais banais que fossem, e então criou entrepostos em toda Tyo, para que práticas ilegais fossem alertadas com antecedência. Os pobres de todo o continente foram convocados a viver em Zaleh, para que ali pudessem ter do que comer e onde trabalhar. Todos sem exceção ganharam alguma espécie de emprego, os que possuíam aptidão em algo podiam até mesmo receber a abertura de seu pequeno comércio.

O novo Rei, ordenou para que os Reinos de Tristitia e Felitia cedessem trinta mil homens para a disposição de Zaleh. Previa que se Fal ficasse por muito tempo com o número de soldados reduzido, talvez fosse alvo fácil destas duas nações. E mesmo que a contragosto, ambas as cidades cederam.

Com os anos, Crono, Ryu e Lisa acabaram trilhando caminhos diferentes um do outro. Para agradecer os três Conselheiros do Rei no excelente trabalho que vinham fazendo, Seleucus permitiu que cada um criasse como pupilo um de seus filhos. Então ainda como criança, Ryu sofreu intenso treinamento militar e político, por ninguém menos que Marcus. Lisa virou discípula de Raguél, e trilhou o caminho de sua mestra. Hiroko a princípio não quis treinar Crono, disse que seria uma tremenda perda de tempo, pois alegava ele, que o rapaz tinha pouca vontade para todas as tarefas, e era em si, um preguiçoso nato. Porém, em respeito ao Pai e Mãe da criança, acabou aceitando.

E se o mundo belo fosse, este poderia ser o fim da história. Mas o homem que é homem quer transformar o mundo em lugar melhor, e em sua sede pela ganância e poder, comete falhas e erros, quando não, dor e sofrimento. O homem aflige sua própria carne, para que possa aceder a locais mais altos, no que ele chama de ego, e esquece que da vida nada se leva. Três almas que nasceram inocentes iriam corromper-se no mundo sujo em que nasceram e pagar o preço em sangue pelo desejo de poder de alguém. E se ao menos alguém visse a loucura que tudo aquilo ia se transformar, diriam para parar. Afinal, tudo tem limite, ou ao menos deveria ter.

As tempestades chegavam com frequência naquela época do ano. Não se sabia ao certo o motivo, mas isso não impedia que o serviço imposto pelo Rei fosse executado, a nova Capital aproximava-se cada vez mais daquilo que seria no futuro, uma cidade idealizada pela Utopia de um mundo melhor. Ao leste de cinco crianças estava a imponente Montanha Iugum, e todos ali vez ou outra se viam contemplando a beleza de tamanha grandeza. Em um dia normal para todos, mas especial para poucos, Crono estava saindo da escola, sua cabeça contemplava o extremo oposto da maioria da população, avistava o chão. Algo frequente para aquele jovem príncipe, ele parecia sempre alheio às situações mundanas.

Ao lado de Crono, caminhavam Ryu, Lisa, Alia e Gerik. Ryu olhava para o alto imaginando quanto tempo levaria para a chuva cair.

- A aula hoje foi estranha – Disse Gerik.

- Deve ser porque você não presta atenção – Caçou Alia, e continuou – você deveria ser mais aplicado, um dia irá precisar de tudo aquilo que ensinam na escola. Tudinho, tudinho.

- Besteira – Interrompeu Ryu.

Todos pararam a caminhada e olharam para o irmão de Crono.

- Não nos ensinam o que vamos precisar na escola. Mal ensinam sobre as coisas que acontecem ao nosso redor... para ter uma ideia...

- Quietos Ryu – Gritou Crono – Não pode falar essas coisas. O que Marcus fala a você, deve ficar apenas entre os dois.

- Que coisas? – Pediu Alia, enquanto segurava o braço de Crono.

- São assuntos do Papai – Disse Lisa.

- Somos proibidos de falar – Completou Crono, enquanto chutava uma pedra ao longe – e sabe, nem mesmo nós que ouvimos frequentemente entendemos bem.

Gerik observou aonde a pedra de Crono chegou, e falou:

- Ótimo chute, e você tem razão, não precisamos saber destas coisas. Se precisássemos provavelmente já teríamos sido informados, não há como o General Supremo de toda Tyo, o galã e poderosíssimo Gerik não saber de assuntos de tamanha magnitude.

Todos caíram na gargalhada com a seriedade na qual Gerik proferia estas palavras, menos Crono. Ele havia voltado ao estado inicial, andava cabisbaixo.

- Olhem – disse Alia – vai começar a chover. Corram!

Saíram em disparada, procurando abrigo em uma pequena cabana que ali havia. Seus corpos estavam completamente molhados. Ainda assim continuavam com um sorriso largo no rosto.

- Ei Lisa – Chamou Gerik – você quer ir dar uma volta comigo? Quero lhe mostrar um pequeno bosque de frutas silvestres que encontrei lá perto de casa.

- Calma lá – Exclamou Ryu – Ninguém leva a minha maninha sem antes pedir permissão para o Papai.

- Ele tá certo – concordou Crono.

- Nós po-podemos ir junto Crono – Gaguejou Alia enquanto ficava toda vermelha de vergonha pelo convite que havia feito.

- Que acha Ryu? Vamos? - Perguntou Crono.

- Não posso, Marcus está me esperando

- Caramba Ryu, você treina todos os dias, nunca ganha folga não? - Pediu Gerik.

Ryu baixou a cabeça repentinamente, e algumas lágrimas ameaçaram cair de seu rosto, mas ele as segurou, segurou e fingiu que nunca existiram, e ao levantar a cabeça, estava com um sorriso no rosto.

- Para que eu iria querer folgas? Papai só se tornou Rei após muito trabalho duro, e eu quero ser igual a ele quando crescer.

E essa era a mentira que ele contaria todas as vezes que alguém tentasse se aproximar dele.

Seleucus tentava conciliar suas atividades como Rei, como Marido e como Pai de três crianças, e falhava miseravelmente em cada uma delas. Como Rei cometia erros, não graves, mas que poderiam facilmente serem contornados se dispusesse de mais pessoas para lhe ajudar, fato que queria compensar talvez quando as crianças crescessem. Em razão disso, impunha as crianças rígidas normas de treinamento com três mentores além da capacitação para torná-los verdadeiros deuses em cada área, porém, não tinham tempo algum para fazer o que crianças devem fazer, que é brincar, assim falhava também como Pai. E, se não bastasse, ao término de cada dia, quando poderia descansar de tudo e recostar sua cabeça nos braços de sua amada mulher Izanami, falhava por não dedicar a ela tempo suficiente.

Como poderíamos culpar, ele havia se tornado Rei muito cedo, e as atribuições que sofria em seu cargo o extinguíam mentalmente para tudo aquilo que ele mais amava, sua família. Porém não posso generalizar e falar que nunca fizera seu papel como Pai, porque fizesse chuva ou sol, ou neve – porque havia muita neve em Zaleh sabe – ele tirava um dia para sair com cada um de seus filhos. Cada vez, ele tentava ensiná-los sobre algo diferente, algo necessário, algo que eles não poderiam esquecer, e hora ou outra, brincar; todos precisavam disso em maior ou menor grau.

Certa vez, ele levou Crono para os resquícios da floresta de Abnoba, resquícios porque ele havia permitido o desmatamento irrefreado daquela vasta e bela vegetação, mas isso não vem ao caso agora. Durante a caminhada dos dois, Seleucus tentava quebrar o gelo com Crono, mas mesmo tão próximos, eles pareciam distantes, em partes por causa da natureza do jovem rapaz, em outras, porque eles raramente conversavam mesmo. Nada parecia surtir interesse em Crono.

O filho do Rei possuía cabelos azul-escuro, e pele branca - levemente bronzeada pelo sol, era alto para sua idade, e seu rosto tinha traços da mãe, reconhecíveis facilmente por qualquer um da cidade.

- Crono, pare, olhe ali na frente, perto do Cedro – Falou seu pai, em um sussurro.

- Aonde – Disse a criança, em uns dez tons acima da voz de seu pai, mostrando sua total falta de percepção.

- Ali filho, apontou com o dedo, está vendo? - Pediu carinhosamente.

- Ahhhhhhhh sim, agora vi Pai, o que é aquilo?

- É uma espada Aesis – Seleucus disse apenas isso esperando acordar no filho algum tipo de interesse para a luta.

- Aezi-zi-sis? - Tentou Crono, olhando esperançosamente para seu Pai.

- Aesis Crono, são espadas que não foram forjadas por nenhum humano, este é o significado para o nome delas.

- Mas e então, quem fez elas? Deve ter sido um péssimo ferreiro porque ela é toda torta, e nem fio tem – Reclamou a criança aproximando-se mais perto do objeto.

Seleucus riu com a inocência da criança, foi até o local e retirou a espada do chão. Realmente parecia um pedaço de ferro sucateado por anos e anos de decomposição ali na floresta.

- Escute Crono – e puxando seu filho para próximo de si, continuou – estas espadas estão em Argus desde o início dos tempos, tudo leva a pensar que elas ou foram criadas pelo próprio Argus, ou caíram dos céus, como presente dos Sete. Elas são diferentes de espadas comuns, e realmente sem um mestre, são inúteis.

- Disse que era Pai! - Sorriu o garoto - então o que fazemos com ela? Espetos?

- Em nosso mundo, há diversos tipos de energia, acho que Hiroko já o ensinou sobre isso, certo?

E a criança assentiu com a cabeça.

- Então, cada pessoa emite uma energia, e é isso que as espadas Aesis fazem, elas copiam a energia de seus mestres.

- NOOOOSSSSA QUE MANEIRO – Ela está copiando a sua agora Pai, pediu Crono apontando para a espada.

O Rei assentiu com a cabeça e continuou:

- Dependendo das decisões que tomamos em vida, e do que pensamos, podemos alterar o comportamento de nossa energia, e isso influencia na espada. Eu mesmo já fui possuidor de uma destas espadas em minha época de soldado.

- Eu ouvi história Pai – interrompeu a criança – sua espada cegava todos os oponentes tamanho era o brilho dela.

Seleucus riu com a nostalgia que lhe acometeu. Era verdade, a Aesis que possuía chamava-se Keroce e seu brilho branco ofuscava a visão de seus inimigos.

- Sim filho, mas isso aconteceu apenas porque era uma pessoa boa, e em meu coração praticava apenas o bem, minha Aesis copiava isso, e transformava em luz.

- Mas Pai – falou Crono - essa espada está toda velha, sem fio. E a sua era brilhante, branca, e tenho quase certeza que possuía fio pelas histórias que li.

- Claro Crono, mas como disse, a cópia é feita através de nossa energia. Se formos bons de espírito, maior será o corte da espada, e mais branco seu brilho. Porém se dedicarmos a vida para o mal, e para as coisas terrenas, apenas entulho crescerá em nossas mãos. - Enquanto falava isso, Seleucus viu o brilho no olho de seu filho, não perdia um detalhe de suas palavras – Então Filho, quer escolher um nome para sua espada?

- Tá brincando que você vai me dar ela Pai? - Indagou uma criança descrente, porém cheia de euforia.

- É claro que estou lhe dando, tome, é sua – Falou entregando a espada nas mãos de seu Filho. - Mas qual vai ser...

- Venbloo Pai – Disse Crono antes mesmo de ouvir a pergunta do Pai – Ela vai se chamar Venbloo!

Com Hiroko, diversas novas escolas foram criadas no reino, algumas promoviam livre acesso a todos os habitantes, enquanto outras focavam em artes um tanto quanto raras, as mágicas - ritualísticas, livres - e tecnologia, por exemplo. Os três filhos do Rei frequentavam uma escola especial, ali em Zaleh eles chamavam-na Torre de Sófocles. Nesta escola tinham acesso a conhecimentos um tanto quanto restritos sobre muitas áreas que os demais cidadãos desconheciam. No entanto qualquer filho de pais ricos poderia ingressar naquela escola. Enquanto os pais eram chamados de burgueses e elite da sociedade, os filhos não passavam de aprendizes de mago ou esquisitinhos. Algo que pormenorizava o real sentido da escola, já que eles também aprendiam a lutar com armas como alabardas, espadas de duas mãos, maças, bestas, arcos, enfim, um acervo enorme. Havia duas crianças, no entanto que ganharam o direito de frequentar a escola, mesmo tendo pais relativamente pobres, tratava-se de Alia e Gerik - no entanto não se sabia o porquê da decisão, talvez a proximidade de seus pais com Seleucus.

A escola era imensa, construída por blocos de pedra em sua maior parte, possuía adornos em madeira real, os corredores tinham a impressão de estarem em uma dimensão paralela, onde se faz frio, porque não importava o calor que estivesse fazendo lá fora, tremia o queixo dos pequenos que ali dedicavam seu tempo.

Todas as crianças sem exceção entravam na Torre de Sófocles pela manhã, e deixavam-na quando entardecia. O que não impedia que Crono, Ryu e Lisa ainda tivessem que se encontrar com seus respectivos mentores para aulas adicionais. Porém naquela manhã em especial houve algo que deve ser descrito.

O sino tocou, e como era de habitual, todos entraram em suas classes. O professor, chamava-se Archelaos, era um tipo esquisito, alto e magro, seu cabelo era escuro como a noite e caía até seus pés, sendo no caminho amarrado por finos fios de cobre. Vestia sempre um sobretudo cinza, mas era possível ver que suas calças eram na realidade vermelhas, sempre com luvas, talvez para disfarçar um pouco o frio; sua face era o que perturbava, ele possuía uma espécie de cicatriz que começava na altura dos olhos e ia até o começo de seu cabelo, parecia que garras de um animal imenso haviam lhe afligido um terrível ataque.

No entanto, apesar da aparência, Archelaos era legal – na linguagem das crianças – maneiro. Ele falava sobre mitologias e ciências antigas, de vez em quando resbalava no preferido dos alunos, os dragões. Naquela aula, no entanto, ele comentava sobre algo interessantíssimo, a divisão do mundo nos três continentes de Argus.

- Bom dia Classe – Cumprimentou jovialmente Archelaos – Hoje conversaremos sobre o surgimento do mundo e o que o transformou no que ele é hoje.

- Uaaaaau – exclamou a classe em uníssono.

- Professor, você vai falar dos Sete? - Pediu Lisa euforicamente.

- Sim, teremos que falar dos Sete nesta Aula Lisa. - Sorriu o professor enquanto abria um livro grosso de cor suspeita e após olhar para toda turma disse - Primeiramente, gostaria de pedir para que Crono removesse sua espada de cima da mesa!

- Opa – falou Crono – é Venbloo professor, ganhei de meu Pai.

- Podia ser inclusive a espada de seu Pai - Pode remover da mesa.

- Sim senhor - acatou Crono.

- Como Lisa comentou, muito pouco sabemos sobre a criação do mundo, no entanto, os primeiros nos deixaram pedaços de história, e através destes fragmentos podemos ter uma concepção, mesmo que genérica do que efetivamente ocorreu. Sabe-se que são Sete os Deuses que governam nosso mundo, criaram nosso mundo através da manifestação de suas energias, particularmente através dos dragões.

- Essa aula vai ser boa irmão – sussurrou Crono para Ryu – não acha?
E Ryu, com os olhos brilhando, concordou.

- Sim, dragões Crono!!!

- Alguém aqui da classe pode falar o nome dos principais dragões que existem em nosso mundo? - Pediu Archelaos.

- Eu sei, eu sei – falou Ryu.

- Diga-me – E apontando o dedo continuou – Gerik! - Ignorando totalmente o desejo de Ryu.

- São Bahamut, Berremoth, Thanatos, Leviathan, Garruda, Fucanglong e Pyrausta – Disse Gerik todo orgulhoso por saber a resposta.

- Está errado – Exclamou Lisa.

Gerik olhou enfurecido para trás, e viu Lisa sorrindo.

- Diga Lisa – Falou calmamente o professor – porque está errado os dragões que Gerik falou.

- Sim professor, está errado porque o senhor pediu os principais, e na lista que Gerik falou estão Funcanglong e Pyrausta, estes não são os criadores do mundo junto aos Sete.

- Ótimo Lisa, quais foram os dois que faltaram?

- Faltaram vários, professor – corrigiu entusiasticamente a brilhante estudante – como Seiryu, Tatsu, Gon-Cho e Ryujin que foi o dragão que deu origem ao nome do meu irmão.

- Parabéns Lisa – Está corretíssimo – Embora Funcanglong e Pyrausta sejam dragões conhecidos por todos, eles não são os principais, ou seja, eles não foram os pais de nada. Bahamut por exemplo recebeu o poder dos Sete para criar luz e a vida, e com o dom da vida criou Pyrausta, que ficaria encarregado de todos os animais. Bahamut é superior a Pyrausta, veja outro exemplo; Garruda recebeu o poder para criar as imensas massas de terras nas quais vivemos, Funcanglong, no entanto foi criado a partir de uma das cabeças de Garruda, e é então um dragão inferior.

O professor então tomou um gole de água e continuou.

- No início, cada um dos dragões recebeu poderes dos Sete não só para criar o céu, o mar, a terra e o ar, mas também para manter tudo em ordem e harmonia. É por isso que os dragões existem ainda hoje. Embora seja quase impossível ver um. Mas e então, quem consegue contar alguma história sobre algum dragão?

- Eu sei, eu sei – falou Ryu.

- Vamos lá, diga Ryu – concordou desta vez o professor.

- Thanatos é o dragão que criou a escuridão e morte, é o irmão de Bahamut, dentro dele vivem todas as almas que foram embora do mundo, e dizem que ele dorme sob as Montanhas Iugum.

- Muito bem Ryu, realmente essa é a lenda de Thanatos. Mas será mesmo que há um dragão embaixo das Montanhas Iugum? Se Dragões são realmente tão fortes e foram criados especificamente pelos Sete para criar toda Argus, eles não poderiam talvez se parecer com qualquer outra coisa? Como um animal, um humano, uma planta?

- Mas seria mais fácil caçá-los se fossem assim tão pequenos – disse Fredo, um dos meninos da sala.

- Seriam? - Indagou Archelaos – Pensem bem, é comum encontrarmos relatos de dragões em escritos do passado, mas depois que a caça a eles começou, nada foi visto. Não lembro de alguém, mesmo bêbado ter dito que viu um dragão nos últimos cinquenta anos. Alguém lembra? Acho que não. Então estariam os dragões extintos, ou eles aprenderam uma maneira de se misturar entre nós, tornando quase impossível a caça.

Na sala viam-se crianças perplexas com as indagações do professor.

- Esta será o tema de vocês, vão para suas casas, procurem nos livros da biblioteca o que pode ter acontecido com os dragões e quais são os últimos relatos de cada dragão. Devem me entregar isso até a próxima lua. Podem começar agora.

Naquela terra, só poderia existir o Diabo e seus anjos, bestas, falsos profetas, medrosos, incrédulos, abomináveis, homicidas, adúlteros, feiticeiros, idólatras, ímpios. Na cova, uma cama de gusanos, morte e inferno. Ali seres escusos viviam a segunda morte, o lago de fogo.

- Está na hora Bane – a voz era rouca, quase gutural.

Cheiro de carne podre permeava pela pútrida terra negra que abrigava os pés daquele homem. Ou dos restos que havia sido um dia. Pelo chão via-se ossos, corvos e sangue.

- Sim, Mestre Ozzy – Respondeu Bane, sentado em um trono que fora empilhado com restos de humanos e algumas pedras que conferiam a ele uma coloração negra.

Almas de cor rubra e de caráter melancólico abraçavam o que chamavam de Ozzy, sangue escorria pelo seu corpo, de feridas não cicatrizadas em vida. Em seu rosto, chifres brancos cresciam de sua cabeça, rebentando o crânio. Apesar de o corpo parecer forte, sua imagem era a de alguém morto, além do tempo. Suas mãos não possuíam dedos, mas espécies de presas. Uma cicatriz corria da altura de seu pescoço até sua virilha, que estava descoberta. Não se fazia necessário roupas para onde ambos estavam.

Um terceiro ser se aproxima da conversa, voando. É uma Abaddon, é possível perceber por sua aparência. Asas similares a de um dragão, porém menores, cheias de escamas cintilando ora azul, ora amarelo. Chifres escapavam de onde deveriam estar duas orelhas, e um cabelo branco como o céu da terra de pessoas boas. Uma espécie de espartilho de ossos agarrava os seios daquele ser, e em suas pernas, aço dava forma a uma armadura rústica, usada nos primórdios. Olhos vermelhos sem pupila ou íris e traços elegantes compunham aquela horrenda visão.

- Será feito em breve Senhores – Garantiu a Abaddon.

- Esperamos que dessa vez não falhe, Balora – Urrou Bane.

- Nunca entendi porque usa uma armadura deste tamanho aqui, Bane – Sorriu Balora, desdenhando de seu companheiro.

- E os garotos, estão prontos? - Sussurrou Ozzy.

- Sim Senhor, estão prontos e seguirão o rastro de sangue de seu pai, com toda a certeza. - Balora agarrou um crânio do chão – Mas os Ssrathi, eles não vão causar mais estrago do que deveriam?

Bane, em seu trono, vestia uma armadura completa, grossa, com várias marcas de batalha encravadas, o tom era cinza como todo bom aço deveria ser após milhares de anos; de seu elmo viam-se luzes pálidas, que deveriam ser seus olhos, se existissem. Sobre suas pernas, recostava Angon, uma espada com dentes, que em seu punho, possuía o desenho da cabeça de quatro dragões.

- Riscos acontecem – Disse Bane, e gritando desta vez, falou – Balerion, desça.

Uma montanha de ossos caiu naquele instante sobre o chão daquela terra que deveria ter sido banida pelos Sete, deveria medir muito mais do que trinta ou quarenta metros, cheirava a carne podre ou uma mistura barata entre enxofre e fezes de porco. Suas asas possuíam uma espécie de vel branco, o que parecia ser suficiente para sustentar aquela desgraça de ser.

Existiam poucos seres que conseguiam controlar Dragões, Bane era um deles.

Havia um fazendeiro, que morava longe de sua Capital, esse homem da terra possuía um filho, em sua casa humilde não havia muito, duas camas para descansarem, a comida que plantavam e um ou dois baldes de água. Todo dia, o homem levantava preparava um chá para seu filho, e começava a arar a terra, aquilo tomava todo seu dia, mas ele não reclamava...

O pai, chamava-se Bane, o filho, Kon.

O filho do fazendeiro era ainda muito novo para praticar as atividades do Pai, portanto, esperava sentado perto de uma árvore pelo fim das atividades rurais, não havia diálogo entre eles, a vida era sempre igual. Mas no coração daquele jovem, aquele fazendeiro era a melhor pessoa do mundo... E era recíproco.

Em um dia sem nada especial, O homem acordou um pouco mais cedo que o habitual, sabia ele que suas reservas de água estavam acabando, e como era seu costume, saía mais cedo de casa, antes que seu filho acordasse. Seu filho amava chá, um dos poucos prazeres que ambos compartilhavam naquela desgraça de terra, e não seria ele o responsável para que a água acabasse.

Juntando seus dois baldes, vestiu sua única bota de couro, colocou um chapéu todo desarrumado e foi buscar o necessário perto de um riacho que havia nas encostas da montanha, cerca de meio dia de caminhada dali. Em seu caminho, quieto e sereno, pensava em seu filho, e o que faria daquele pobre diabo, ele não merecia viver naquelas terras. Seu filho, ele imaginava, deveria sair e explorar o mundo, ser feliz, conhecer uma mulher que fizesse possuir paz no coração, não lavrar a terra até que ambos estivessem muito velhos para prover seu próprio sustento.

Com esses pensamentos ele completava sua jornada, conseguiu pegar sua água, e quando retornava, ele viu algo que fez seu estômago torcer. O homem que até então não fazia nada além de cuidar de sua terra e seu filho viu seu lar em chamas. Soltou seus baldes e começou a correr. Corria como um cão louco. Arfava, tropeçava, mas continuava correndo.

Chegou em sua casa e encontrou-a tomada pelas chamas e reduzida a pedaços de carvão e pó. Mas aquilo não era tão devastador como o que via na árvore ao lado de sua casa. A mesma que ele havia plantado e que seu filho zelava pelo seu serviço todos os dias. Ali, encontrava-se seu filho, dessa vez ele não o olhava com afeição. O pobre diabo estava desmembrado, cortado em pedaços, seus olhos haviam sido arrancados. O fazendeiro caiu ao chão como se o mundo o puxasse com toda sua força. Lágrimas verteram de seus olhos, seu filho nunca havia feito mal a ninguém, e por deus, o que justificava tamanha violência?

O fazendeiro olhou uma vez mais para seu filho, e jurou encontrar quem havia feito isso, e quando encontrasse retornaria para dar um enterro próprio a sua criança, agora não era tempo para isso, agora era tempo de vingança. Meu amigo, quando um homem de bem é tirado de sua paz, até o mais desalmado dos demônios treme em desespero.

Olhando ao longe. Poderíamos ver diversas Aohomos cruzando o horizonte, sem dúvida alguma tinham sido eles que estiveram em sua casa. Sem pensar duas vezes, cavou uma vala perto da árvore de onde tirou uma espada muito velha e uma armadura completa toda enferrujada pelo tempo. Ao tocar no cabo, ela escureceu por completo. E assim, caminhou seguindo as trilhas deixadas pelos seus inimigos.

Não se alimentava, não dormia, não tinha água para beber e sequer sentia falta. No caminho ele girava sua espada em diversos sentidos e formas. E contrariando de todas as maneiras o que entendemos por energia vital, seu corpo ficava mais forte e mais rígido. Seus olhos adquiriram um tom negro como o azeviche, e enquanto seus pés sangravam por estarem dentro de uma armadura de ferro sem nenhum tipo de manta, ele nada sentia.

A raiva que ele sentia era muito maior que a dor do trabalho braçal de anos, e quando sua jornada iria completar 20 luas, eis que ele vê uma cidade imunda. Um assombro numa terra pura. Casas destruídas pelos tiros de armas que ele não conhecia, cadáveres jogados em pilhas perto do que podia se chamar de bares. No centro dessa cidade estava uma algazarra de vozes, mulheres riam e se prostituíam em pleno céu em uma orgia ensandecida desconhecida até mesmo pelo mais ímpio dos homens. O fazendeiro não conhecia o nome do espetáculo, mas sabia como funcionava a prática. E tão afoito como foi quando correu em direção sua casa em chamas, foi quando avistou as motos que haviam partido de sua casa não muito tempo atrás.

Novamente ele correu, mas dessa vez seus pés sangrando permaneciam firmes, sua mente não tinha pensamentos em seu filho, fosse como fosse, nessa noite tudo acabaria.

Os assassinos viram que em sua direção vinha um homem alto com uma armadura que parecia ter saído de um livro da época das antigas guerras ou da estória dos primeiros homens, e como estavam bêbados, riram como se fosse um show merecido depois de mais uma pilhagem.

A risada durou somente até o fazendeiro girar sua espada pela primeira vez e a cabeça de duas putas nuas caírem rolando pelo solo seco daquela merda de cidade.

A noite foi longa. De um lado, diversos mercenários, drogados, putas e todo tipo de escórias, do outro apenas um fazendeiro. Balas atingiam o corpo do homem que se recusava em sentir, se recusava a cair, atearam fogo nele, e as chamas só serviram para que ele não sentisse frio enquanto ele dilacerava membros de um a um. Machados foram capazes de aprofundar o buraco causado pelas armas, mas foram tentativas vãs,

e conforme o espetáculo acontecia, um sorriso surgia na cara do fazendeiro. Pena que as meretrizes não podiam ver quanto ele estava se divertindo por trás daquele elmo.

Gargalhava como um louco, girava a espada, mais um mercenário caía. Esse era o ritmo do show, e a festa tinha apenas começado. Nada que os integrantes daquela cidade fizessem surtia efeito, nada faria. Alguns poucos embarcaram em suas Aohomos e tentaram fugir, mas foram cortados ao meio antes que pudessem dar partida.

Após o abate de mais de duzentas pessoas ou mais, ele cortou o corpo de cada uma, fatiou como pão mofado, queimou a cidade ao chão e em uma árvore que havia ali perto ele pendurou a cabeça dos mortos, tirando o olho de cada uma enquanto fazia. Ria como se houvesse descoberto uma mina de ouro ou coisa melhor. Estava banhado em sangue, não tinha problema, a chuva logo viria.

Soltou sua espada no chão, e decidiu que era hora de voltar para casa, seu filho merecia descanso. E ele o daria.

Era de se admirar o avanço que estava ocorrendo na Capital. Hiroko criou centenas de escolas, e dedicou cada uma a um tipo de avanço, fosse em novas maneiras de cultivo ou na cura para doenças, espantava com a assombrosa velocidade em que coisas eram descobertas. Algumas ficavam conhecidas de maneira mais ágil e popular que outras.

Todo esse avanço possibilitou que a cidade conseguisse prover alimentação e saúde para uma grande quantidade de pessoas, e é lógico que o resultado disso, junto com as políticas para erradicar a pobreza de Seleucus, foi o acúmulo ainda maior de cidadãos. A violência acabou por não se tornar um problema, Marcus organizará o exército de tal maneira que toda criança queria fazer parte, então não faltava candidatos para zelar pela paz e segurança da nação.

No céu, podíamos ver avohes, espécies de aeronaves, só que de tamanhos colossais, algumas visavam a proteção contra possíveis guerras, mas a grande maioria era mercante, e levava alimentos de um lado ao outro, em toda Argus.

Zaleh tornou-se a capital mercantil de todo o mundo, e todas as raças encontraram ali um local para morar. Com muros altos, altas taxas de segurança, saúde e educação, não haveria como ser diferente. Uma viagem entre continentes levava poucos dias, e com o passar do tempo pode-se ver uma integração maior entre as cidades de Tyo e Akhir, o segundo continente, que até então só era acessível por longos dias em uma jornada perigosa através do Reino dos Fey, Regni.

Com um comércio forte, não demorou muito para que a elite burguesa criasse seus próprios castelos, e desenvolvesse parte crucial na corrupção de algumas entidades que ali habitavam. Por sorte, os três conselheiros e o Rei eram incorruptíveis, então, nada de grave acabou acontecendo.

No entanto, com o crescente conhecimento das energias que moviam o mundo, e com cada vez mais dispositivos usufruindo de tal poder, viu-se que os inimigos haviam evoluído no mesmo compasso. Pequenos rumores sobre uma nova ordem começaram a percorrer a Capital, e incidentes graves aconteceram, sem vítimas, mas com alto potencial de destruição. Era isso que acontecia quando ensinavam pessoas de mente fraca sobre os conhecimentos de magia e energia vital.

O Rei devolveu na mesma moeda, e criou pessoas que pudessem confrontar tamanhos delinquentes. Crianças nascidas entre Homens e Hoanns foram convocados para esta nova ordem, que eles chamavam de Aswang, ou Filhos de Aswang, ou como todos preferiam, os Imortais. Estas crianças foram treinadas por Raguel dia e noite exaustivamente, suas poderes mágicos e conhecimentos sobre a energia que move o mundo extrapolaram os limites até mesmo dos Fey, e tocaram os céus.

Raguel não apenas treinou os Aswang, como possibilitou um acesso irrestrito ao conhecimento de todas as religiões que eram praticadas no reino. Isso deu a todos uma esperança irrefreada nos Sete, e fez com

que o fanatismo pelos Deuses aumentasse, mas até mesmo esse fanatismo provou ser bom, pois não gerava violência, e sim criava caminhos para que prosperasse a paz entre os povos.

Algumas tradições haviam sido esquecidas, e claro que erros foram cometidos, mas podia-se dizer que apesar de tudo, a vida era boa em Zaleh.

Mas a vida é um ciclo ou como um grande amigo disse um dia é o Ka, e se uma vida pode ser boa ou ruim, ela acaba passando por esses dois lados de tempos em tempos. Não há como viver uma vida unicamente boa, ou mesmo ruim; faz-se necessário que passemos por essas dualidades em ordem de crescer, de expandir o que somos e tornarmo-nos únicos. E talvez seja este o verdadeiro sentido daquilo que insistimos em chamar de viver a vida; quem poderia dizer que está errado? É claro que desejamos a felicidade, e as vezes até queremos pagar o preço disso.

Se as pessoas de Zaleh soubessem o preço que pagariam por aquela felicidade. Desistiriam na hora de tudo - com toda certeza desistiriam.

Havia um segundo mundo, e este mundo ficava bem abaixo de Zaleh, um ser desconhecido resolveu fechar um contrato com Phrixus, ele traria o que era necessário para que os Ren pudessem sair do Oceano e comprar a guerra que queriam, e ele ficaria rico. O típico acordo banal e idiota que é realizado todos os dias na vida desprezível comum que vivemos, uns querem riquezas, outros querem ego, quando não os dois.

- Quem acredita que Seleucus deve ficar no poder? - Falou o homem que estava na ponta de uma mesa onde haviam outras seis pessoas.

Nenhuma voz foi ouvida após a pergunta, nenhuma mão erguida. Era um consenso, Seleucus deveria cair.

Zaleh sentia-se no dever de devolver alguma das tradições que haviam sido esquecidas com o tempo, e a maneira que encontrou para isso, era oferecendo uma grandiosa festa de aniversário. A Capital faria seus quarenta anos, e pretensiosamente resolveu dar a todos de Tyo e Akhir, duas semanas de comemoração.

Haveria de tudo, torneios de artes marciais, campeonatos de magia, diversos tipos de culinárias, música para todos os gostos e prêmios, muitos prêmios.

A festa servia também para outro evento que iria ocorrer em breve, o aniversário de vinte anos dos três filhos do Rei, Crono, Ryu e Lisa. Como era de se esperar, milhares de pessoas saíram de suas casas para prestigiar a festividade, e outros milhares vieram de todos os cantos do mundo para o mesmo.

Era uma tarde ensolarada, mal podia-se caminhar pelas ruas da Capital, seria a noite de abertura do evento, então todos estavam muito bem vestidos e os sorrisos pareciam ser gratuitos para quem quer que acordasse ali.

No Palácio Real, Marcus andava vagorosamente entre duas torres, parecia querer se certificar de alguma coisa.

- Olá Marcus – Sorriu o rapaz.

O mestiço virou-se e viu um homem, mais precisamente Crono.

- Crono – disse enfaticamente – o que faz aqui?

- Bom, esta é minha casa então achei que talvez fosse bom eu estar aqui – disse ironicamente enquanto se apoiava no muro e visualizava a cidade.

- Sabe que a comemoração será em breve, não sabe? - Indagou Marcus em uma pergunta retórica, e continuou – Deveria estar do lado de Seleucus e Izanami.

- É eu sei, farei isso em breve – respondeu Crono – Só queria respirar um pouco de ar puro, longe da agitação, não sou bom com essas coisas, sabe?

- Sei sim Crono, você sempre foi assim, não é? - Marcus olhou para os lados, inquieto.

- Sim, mas bem, eu devo ser capaz de aguentar umas duas semanas disso, vou indo lá, me acompanha? - Pediu o filho do Rei.

- Não Crono, obrigado, ficarei aqui mais um pouco.

- Majestade, aconteceu algo grave.

- Fale rapaz – disse Seleucus – o que de tão grave pode ter ocorrido?

- Marcus meu Rei, - e tomando fôlego disse – encontramos o corpo em decomposição em sua torre.

A cerimônia acontecia na maior das avenidas que Zaleh possuía, ali estavam reunidas cerca de trezentas mil pessoas, o barulho era grande e só se intensificava com o som alto que uma banda realizada a poucos quarteirões dali, próximo a um grande palco, estava o camarote da família Real e de alguns convidados especiais. No camarote estavam Seleucus, Izanami, Kaius, Ryu e Lisa, todos conversavam normalmente, exceto Seleucus que estava mais preocupado do que nunca; a possível morte de Marcus o angustiava, e só não havia cancelado toda aquela festa porque seria de um tremendo desagrado a todos os presentes.

Crono entrou no camarote, e cumprimentando todos, sentou-se atrás de seu Pai.

O grande show iria começar, e então chega a vez de Seleucus falar a toda a população.

- Pai, você está bem? – Pediu Ryu preocupado com o nervosismo incomum de Seleucus.

- Não Ryu – Disse Seleucus levantando e indo em direção ao microfone, com um cálice de vinho na mão.

- O que o pai tem mãe? - Pediu Lisa.

Izanami, entretanto ficou em silêncio, estava com um mal pressentimento.

- Povo de Zaleh – Falou Seleucus vigorosamente – espero que suas preocupações sejam esquecidas durante o aniversário desta magnífica cidade. Espero de vocês nada além de felicidade e paz. Garanto que esse é só o começo de um mundo melhor para mim e para vocês, sei que nem todos tem uma taça – e estendendo sua mão com o vinho, continuou – mas espero que compartilhem comigo está aqui. Um brinde a Zaleh.

Pode-se ver Seleucus tomando o vinho, e do camarote pode-se ver a taça caindo no chão. Alguns - mais próximos do palco - viram o Rei levando as duas mãos a garganta, enquanto outros apenas presenciaram a cor da face do Rei mudar de branco para preto em poucos segundos; pode-se ouvir o grito de uma esposa incrédula, e o desespero de três crianças. Pode-se ouvir o grito de repúdio de uma nação inteira a uma cena que eles não esperavam ver. Pode-se ver Kaius indo em direção a seu amigo e por vezes tido como filho, na esperança vã de lhe recuperar a vida. E lágrimas escorreram pela face de todos aquele dia, exceto de uma pessoa.

O horror existia, e aquela ali era sua face.

Milhares de habitantes vestiram-se de negro - tentando com isso simbolizar a dor da perda de seu querido Rei. O vento que batia em seus corpos trazia uma amostra do que era o toque da morte. Em seus corações uma pressão incomum os angustiava. E por vezes crises repentinas de choro estouravam em rostos jovens demais para sentir tanta dor. Um sentimento de impotência misturava-se com agonia e anseio por justiça. Não à toa, dúvidas sobre se Os Sete realmente existiam apareciam na mente de vários; indignados pela afronta da vida, pessoas abraçavam umas às outras tentando confortar a dor que sentiam de alguma forma; em vão.

Crono jazia abraçado com sua irmã Lisa e sua mãe Izanami, era o único ali cujos olhos não derramavam lágrimas, pelo contrário, seu coração pulsava rápido e emanava um calor que era incomum, seu desejo de vingança trespassava os limites do bom senso; e em sua cabeça uma verdade já estava juramentada, o filhote de meretriz que havia feito aquilo ia queimar, e ia queimar muito quando tudo aquilo acabasse.

Ryu estava ajoelhado diante do caixão de seu Pai. Seus olhos vermelhos não conseguiam apagar a lembrança de uma vida vivida sob a sombra daquele que ele julgava ser o melhor dentre todos os Homens que tiveram o desprazer de viver em um mundo sórdido e impuro. Assim como Crono seu coração pulsava por vingança. Mas aquele não era o momento, o som da risada de seu pai lhe acometia a mente, e novamente as lágrimas escorriam por um dos lados de sua face.

A cerimônia ocorria fora de Zaleh, em um espaço que era conhecido como O Lar dos Sete. Ali pessoas de todos os tipos e crenças eram enterradas, mostrava que se não em vida, em morte encontrariam tempo para conviver em harmonia.

Raguel não estava ali, julgara melhor que ficasse no palácio e organizasse equipes que ficariam encarregadas de encontrar e eliminar a ameaça que havia assassinado seu Rei. Hiroko obedecendo as ordens de Raguel cuidou pessoalmente da segurança do futuro dos três filhos de Seleucus.

Kaius em um ódio irrefreável, jurou não descansar enquanto não encontrasse o culpado. Mas Lisa, está ainda não havia percebido o que estava acontecendo. O choque da morte de seu pai foi tanto, que ela ainda tentava entender o que aconteceria depois, como podia um homem tão forte quanto seu pai morrer? Era certo? Parecia Justo? Quem iria querer assassiná-lo? Claro que não podia estar acontecendo aquilo, afinal ele era Seleucus, amado por todos e todas. E suas perguntas ocupavam sua mente, de tal maneira que espaço para lágrimas não aconteciam.

Quem proferia o ritual fúnebre era um membro do clero, velho franzino, atarracado pelo tempo, gordo pelas escolhas da vida. Recitava antigos poemas que poucos conheciam, mas todos amavam. Em sua voz, podia se ouvir um eterno lamento, um descompasso da ordem natural das coisas; mas o sentimento apesar de pequeno, conseguia alegrar os corações, mesmo que apenas um pouco.

O céu derramava suas lágrimas sobre Seleucus, e entre as pausas da oração do velho senhor, ouvia-se um coração; parecia mentira; mas o coração de Crono assustava.

E não muito longe dali, seres tão obscuros quanto o inferno próprio regozijavam-se sobre o corpo ainda quente de um Rei;

- Está feito Senhores. O homem está morto, agora é com vocês.

- Pode deixar, - a voz parecia suave, mas dissimulava muito bem suas intenções – cuidaremos do resto.

- Você deve estar ficando louco se pensa que eu não lhe desejo felicidades meu tolo irmão. - Dizia Ryu enquanto caminhava a passos largos para a saída do Palácio.

Parecia alterado, vestia um sobretudo escuro, que lhe cobria da cabeça aos pés.

- De que outra maneira você quer que eu pense em tudo isso? Você está abandonando o Reino, e por qual motivo? Ao menos isso eu poderia saber? - Indagou Crono, tentando acompanhar o passo de seu irmão.

- Minhas razões não seriam suficientes para explicar a minha partida. - E após parar no saguão, Ryu segurou o braço de Crono - Deixo o trono em suas mãos de hoje em diante. Cuide de Lisa, é tudo que eu o peço.

- EU LHE ODEIO IRMÃO. - Ódio inflamou-se em seu peito – ODEIO SUA FALTA DE CORAGEM. ODEIO O DESCASO QUE FAZ COM NOSSA FAMÍLIA E COM SEU POVO. MERDA RYU, NOSSO PAI LHE DEIXOU ESTE DEVER, COMO PODE NEGÁ-LO?

- Pois saiba que eu o amo, o amo muito. - Disse Ryu, dando-lhe as costas, e caminhando através da porta do Palácio.

Crono ficou parado, olhando o chão, desolado como nunca houvera ficado. Tantas coisas que queria dizer a seu irmão, no entanto todas as palavras ficaram presas na garganta, como se seu corpo não tivesse a capacidade de proferi-las. E a última frase que havia dito, era uma mentira, pelos Sete, ele amava Ryu; e nunca mais teria a oportunidade de dizer isso, nunca mais em vida.

— Quero que convoque os membros do conselho, preciso falar com Marcus, Hiroko e Raguel – As palavras eram dirigidas à Gerik.

— Temo que não será possível Crono — Informou Gerik – Marcus está morto!

- Mas o quê – Exaltou-se Crono – Como isso é possível?

A conversa era trocada em um dos salões de festa do Palácio.

- Encontramos seu corpo em decomposição em sua torre um dia antes da morte de seu pai, não sabemos ainda o que ocasionou sua morte.

- E ninguém pelos sete infernos fala nada? Não ouvi sequer um funeral ou um sussurro sobre isso, o que há de errado com vocês?

- Como espera que falemos para uma população inteira que Marcus, o mestiço Abaddon, Conselheiro de Guerra do Reino, morreu em meio a todas as conspirações que sabemos que estão ocorrendo, senhor? - Gerik falava vagarosamente, mas com certo tom de ironia, sua tranquilidade era notável.

Um pequeno rapaz adentra o salão, em suas mãos, um pequeno frasco vermelho, caminha com uma pressa incomum, e sem ser anunciado, diz:

- Encontramos o que matou seu Pai, Rei Crono.

E todos na sala voltam sua atenção para aquele homem franzino.

- Fale homem – Pede Gerik.

- É um veneno muito raro, veja senhores, ele mesmo em uma pequena dose, como esta deste frasco – e estendendo o frasco para que Crono pudesse ver, conclui – pode matar.

- Isso não ajuda em nada – comenta Crono, furioso e impaciente com tudo aquilo.

- Espere – Pede Gerik – se soubermos o que é usado para fabricar o veneno, podemos encontrar quem ou onde foi criado. É uma pista. Diga homem, se és tão raro veneno, quem pode tê-lo fabricado?

- Se-Senhor – gaguejou o homem – não sei quem criou o veneno, pode ter origem em alguma planta, animal, não há como saber. Mesmo se soubéssemos qual é a origem do veneno onde iríamos encontrar a localidade de onde foi retirado ou quem o extraiu.

- Diabos – praguejou Crono – diga o que você acha que é e onde podemos encontrar, estamos perdendo nosso tempo aqui.

- Não sei senhor, juro, eu vi relatos de que Iriki é um grande conhecedor de diversos tipos de venenos, alguns diriam que é um verdadeiro especialista – Disse o pequeno amedrontado.

- Iriki? O Gigante enviado dos Ssrathi? - Pedeu Gerik impaciente.

- Sim General, ele mesmo.

- Já sabe o que fazer Gerik, reúna suas tropas. - Disse um Crono pensativo, ao jogar o frasco em cima da mesa.

- Não Crono, esse não pode ser o caminho – tentou Gerik – tente esfriar a cabeça, mandar alguém até lá confirmar se realmente houve a tentativa de assassinato, isso pode começar uma guerra por uma mera suspeita — Gerik abaixou a cabeça — seria loucura, até mesmo julgando os atuais eventos.

Gerik era novo, era sábio, era forte. Suas palavras, no entanto, pareciam não surtir efeito em um Crono visivelmente abalado, a morte de seu Pai havia causado estragos tão profundos em seu coração que a criança doce que era dificilmente poderia ser vista, mesmo por Gerik que sempre fora seu grande amigo.

- Talvez você tenha razão Gerik – consentiu o Rei – em todo caso, preciso convocar o conselho, e preciso de você, de sua irmã e de Lisa nessa reunião. E vai ser esta noite, vou ao meu aposento refrescar um pouco meus pensamentos. Fique em paz.

Ao sair, no entanto o Rei parou, olhou para o jovem serviçal que lhe havia trazido a amostra de veneno, e disse:

- O que ouviu aqui, morre com você. Abra a boca e garanto que será a última coisa que fará em sua maldita vida.

Gerik viu os olhos de Crono ao proferir aquelas palavras, e mesmo forte como era, não pode deixar de sentir um calafrio em seu corpo.

A sala era escura, o então jovem Rei pedirá que fosse daquele jeito. As pessoas que ali estavam, pareciam assustadas e frágeis mediante o tamanho do breu que se formará em torno de suas pobres almas. Todos estavam sentados ao redor de uma mesa que quem arrumou, para não deixar vazia por um candelabro, mas apenas uma de suas velas estava acesa. O vento apesar de fraco, ainda assim trazia o gelo para o coração daqueles que ali estavam; talvez nem fosse o vento, quem poderia dizer?

Contando a partir da mão direita de Crono, estavam Gerik, Alia, Lisa, Hiroko e Raguel. Eram apenas seis. Marcus falecerá, e até então, de maneira desconhecida.

- Sei que os tempos são difíceis – começou Crono, trazendo as duas mãos para cima da mesa – e reconheço que o que está para acontecer será ainda pior. Eu sei, eu vi. Meu Pai morreu tentando trazer ao mundo uma utopia que imaginava ser tangível. - Sua voz fraquejou, por apenas um momento – Minha mãe, mal consegue fazer o necessário para se manter viva, devida a tamanha tristeza que sente em seu coração, os responsáveis por ela dizem que é por causa do elo que os Hoanns criam em vida ou algo assim. Meu irmão, foge como um covarde, e, um dos meus Conselheiros foi morto. - Crono fez uma pausa, olhou para cada um dos presentes, e viu como a luz transformava cada um dos rostos que ali estavam – O que matou meu pai, é ainda desconhecido, mas há alguém neste mundo com profundos conhecimentos sobre esta arte, o chamam de Iriki.

- Isso foi provado? – Interrompeu Raguel.

- Será provado Raguel – Continuou Crono – enviarei para Domus Imbri e Domus Solis uma pessoa que confrontará os Ssrathi em busca de respostas.

- Sem fazer maiores alardes, prosseguiu – Será você Hiroko.

Hiroko não demonstrou surpresa, sabia desde a morte de Seleucus que seu nome poderia ser convocado para trazer justiça, não imaginava, no entanto, que seria contra os Ssrathi.

- No entanto – falou o Rei – Não executará ninguém no processo de investigação, caso descubra algo, irá solicitar para que Iriki se retrate publicamente sobre o ocorrido, e o trará preso, ele e o assassino.

- E se ele recusar – Pediu Alia.

- Então que os sete tenham piedade de seu povo – Juramentou Crono.

- É loucura – exclamou Lisa.

Raguel pareceu concordar com a princesa, e continuou:

- Domus Solis e Domus Imbri são cidades que abrigam tanto os Ssrathi como os Silenus, os lagartos não conseguem tramar assassinatos tão sorrateiros assim. E os Silenus são tão apegados ao Cosmo que não entendendo ainda como não se juntaram e proclamaram um suicídio coletivo. Não faz sentido eles serem acusados da morte do Rei.

- É a única pista que temos do paradeiro do assassino de meu Pai – Crono disse – Preciso que vocês cumpram seus papéis exatamente como vou falar — e passando a mão pelo seu rosto, concluiu — pois não estarei mais presente na Capital.

- O quê?! - Reclamaram Alia e Lisa, quase que ao mesmo tempo.

- Que brincadeira é essa – Indagou Gerik – Vai fazer o mesmo que seu irmão? O povo de Zaleh precisa de um Rei, ou isso tudo aqui vai ruir.

- Não vai precisar de um Rei, Gerik – Respondeu Crono – mas sim de um regente. Alguém que tenha total autonomia para executar quaisquer ordens necessárias para o bem da população. Trouxe comigo, dois termos, redigidos e assinados por mim, o Rei de Zaleh, e enviado pelos Sete para governar o mundo dos homens. - Crono abriu o primeiro dos termos – De hoje em diante, o Conselho Real está extinto, com início imediato.

- Está brincando com nossa cara – Ralou Raguel – Seu Pai, o verdadeiro Rei de Zaleh nos confiou tal poder, não pode ser você a tirá-lo.

- Cale sua boca – Pediu um Crono que ninguém ali conhecia – Marcus foi morto, e logo após, tomaram sua aparência, quem fez isso foi um Abaddon, um dos bons. Não posso permitir que o mesmo erro ocorra novamente. - E antes que pudessem falar qualquer coisa, continuou – Sei de tudo que fizeram por Zaleh, e juro, não será esquecido, mas agora, as coisas precisam ser diferentes, tudo passara pela mão de apenas um Regente, que será Gerik.

As novidades ditas por Crono vinham de uma voz tranquila, que demonstrava saber o que dizia, contrastava diretamente com o brilho de seus olhos, que apenas um ou dois naquela sala conseguiam identificar.

- Ele é um General, isso não é serviço para ele – Falou Raguel.

- Ainda bem que quem decide isso sou eu, não é Raguel? - Disse o Rei – Gerik, você, pelo segundo decreto que tenho em mãos, passará a ser o Regente de Zaleh, e ficará responsável pela instituição de todos os poderes e cargos necessários para o bom funcionamento da nação. Peço que Alia fique responsável pelos

cuidados de minha mãe, e que não deixe nada acontecer a ela. - Após um olhar terno para Alia, ele concluiu – Quero que todos jurem diante de mim tudo aquilo que disse aqui, pois pela manhã parto em busca de Ryu, trarei ele de volta a Zaleh.

Todos olharam entre si, Gerik, mesmo sem entender toda aquela loucura, entendeu que a decisão já estava tomada, não havia, pois, o que fazer, assentiu:

- Eu juro Crono, juro que defenderei Zaleh ao custo de minha vida, se necessário – e ao trazer a mão para cima da mesa cortou seu dedo com uma adaga e marcou o documento que Crono havia redigido.

- Eu juro irmão, disse Lisa – tomando a adaga de Gerik e cortando seu polegar para marcar o papel.

- Será feito como o ordenado – exclamou Hiroko, cortou a palma de sua mão, molhou seu polegar e marcou o documento.

- Prometo que não o desapontarei Crono – enrubesceu Alia, sem conseguir disfarçar o forte sentimento que tinha pelo Rei, tomou a adaga e fez um pequeno furo em seu dedo indicador, e marcou o decreto.

Só faltava Raguel, era necessário que ela também concordasse com aquilo para que problemas futuros de ordem política não ocorressem.

- Sangue de Fey é algo milagroso, capaz de curar enfermidades que mesmo os homens desconhecem – Falou uma Raguel alterada pelas insolências que havia ouvido – No entanto, não poderia descumprir um pedido de Seleucus, e bem, infelizmente o sangue dele corre em suas veias Crono. Não assinarei o decreto, mas não ficarei contra sua decisão. - Dizendo isso, levantou-se e saiu da sala, sem olhar para trás.

- Meu Pai ficaria decepcionado Raguel. - Falou o Rei.

- Que pena ele não estar entre nós para dizer que você perdeu a cabeça Crono. - Foram as últimas palavras de Raguel.

Hiroko aproveitou a noite para infiltrar-se em uma das naves cargueiras que tinha como destino Domus Solis. A viagem seria mais tranquila e mais suscetível ao sucesso se poucos soubessem o que estava fazendo um Hoann na capital dos Ssrathi. Vestia calças de algodão azuis, e uma espécie de casaco da mesma cor que lhe cobria tanto cabeça quanto joelhos.

A nave que escolhera era particularmente imensa, fazia o transporte de grãos cultivados por Zaleh para os Ssrathi, estes, se ainda não contei, era um povo ímpar. Eram grandes, mediam de duas a três vezes mais que qualquer humano, e pareciam em muito com lagartos, exceto pelo fato de que estes falavam um dialeto pouco compreensível, mas ainda assim muito semelhante a língua comum de todos. Apesar de serem pacíficos hoje, nem sempre foi assim, os Ssrathi foram marcados por anos de intensa luta entre tribos da própria espécie, em partes pelas divergências em suas crenças, em outras por serem mais animais que seres conscientes; nunca se dedicaram a nada, exceto a viver da maneira que achavam que deveriam, péssimos no cultivo de qualquer tipo de alimento, foram forçados a recorrer a guerras externas, que não acabaram muito bem para sua raça. Ssrathi são lentos, não tem inteligência suficiente para montar uma estratégia em campo de guerra, e suas posições em campo acabam sendo vanguarda, só existe vanguarda para eles.

Confesso que era uma raça fadada ao fracasso, se continuassem da maneira que estavam, dificilmente seriam mais do que lendas nos dias atuais; entretanto, por sorte do destino ou por intervenção divina, estes lagartos gigantes altamente bufões encontraram uma raça totalmente oposta a si, os Silenus. É realmente uma dádiva que um povo incapaz de pensar acabe encontrando e reconhecendo como iguais uma das raças mais inteligentes de toda face de Argus. Os Silenus eram senhores, castigados pelo seu próprio Deus Cato a viverem uma vida miserável, em prol de uma causa que não permitiria a eles outro destino a não ser a morte. Para começo de conversa, o corpo deles é tão frágil que mesmo uma chuva de maior intensidade pode causar estragos irremediáveis em suas peles, talvez seja esse o motivo para andarem sempre com capas que lhes cobrem o corpo todo; mas outra vertente da história aprofunda que na realidade o corpo deles é tão castigado

pelas enfermidades que lhe afligem que chocaria muito que outros seres pudessem vê-los. Não se sabe ao certo a genealogia dos Silenus, ou como se reproduzem, porque aparentemente só existe o lado masculino da raça; alguns poucos dizem que um massacre ao sexo feminino da raça Silenus, organizado pelos próprios, causou a ira de seu Deus. Entretanto são boatos.

O que se sabe com toda certeza, é que os Silenus são imortais, e em sua imortalidade eles conceberam uma inteligência digna de nota. Eles se dividem em castas, sendo os da terceira casta, os mais baixos na hierarquia, enquanto os da primeira casta, os mais altos.

O dever dos integrantes da terceira casta é servir as outras castas com alimento, banho e demais afazeres banais e comuns; a segunda casta, estuda as faculdades que regem o mundo, são uma espécie de cientistas em tempo integral; já os pouquíssimos membros da primeira casta, além de governar as outras duas, permanecem em contato com o próprio cosmos em um transe infinito.

Mas um povo tão tímido, voltado para si, nunca conseguiria chegar aos dias atuais sem ajuda. Mesmo os membros da terceira casta são inúteis para fazer alguma coisa maior do que pegar alimentos prontos e levar para os demais; a caça para eles é algo tão complicado e complexo que existem registros de que os próprios foram vítimas da caça. E é nesse momento da história que entram os Ssrathi; eles viram que os Silenus não apresentavam mal algum, o cheiro deles é nada mais que a putrefação do que chamam de carne, e como eram fracos de aparência decrépita, tiveram pena; já os Silenus olhando para aqueles animais grandes e estúpidos, viram uma oportunidade. As raças então se uniram para um objetivo em comum, os Ssrathi executariam aquilo que os Silenus eram incapazes, devido às suas limitações físicas, enquanto os Silenus ensinariam aos lagartos tudo aquilo que precisariam saber para sobreviver.

Eles escolheram então um local que abrigaria as duas raças, e o local foi ao norte das montanhas Iugum, onde o clima tropical permite que os Ssrathi não ressequem e morram, e onde há recursos em abundância para criação de uma cidade digna de Reis.

Domus Solis concentrou a maior parte dos Ssrathi, e é uma cidade evoluída, com grandes construções, abriga com eles os membros da terceira casta dos Silenus, apesar das construções, não há ruas, aos pés dos edifícios apenas uma mata densa, que ajuda com que os habitantes dali vivam em meio a uma penumbra constante.

Domus Imbri, no entanto, é magnífica, uma cidade muito mais evoluída tecnologicamente que Zaleh por exemplo; apesar da cidade viver nas sombras, graças as raízes colossais de árvores que enfrentam os limites da física, existe iluminação por toda parte concedida por geradores criados pelos Ssrathi, mas projetados pelos Silenus. Há elevadores, metrô, tubulação de água e gás, bem como os maiores escritórios de empresas de Argus.

No coração da cidade, no entanto, fica um templo, que recebe o nome da cidade, lá, existem três seres que alcançaram a própria divindade, dedicaram tanto ao entendimento do Cosmos que já fazem parte dele; por eles, energia do universo se transforma em energia vital, e dali parte para o mundo todo. O conhecimento do cosmos é tanto, que eles compreendem o que os Deuses falam, e conseguem conversar com os Deuses. E eu falo dos criadores, não dos Sete.

- UM HOANN VIRÁ ATÉ NÓS, IRIKI, REI DOS SSRATHI.

Neste templo, o chão reflete o céu, estrelas parecem navegar pelo chão, brilham com a mesma intensidade que fora dali. Os pilares que sustentam o teto são negros como a noite, e não há nada que quebre o absoluto silêncio. Iriki estava naquele salão, como era habitual, ele gostava de olhar para as estrelas.

- Sssssh, e o que ele quer sssssh? - O som de sua voz lembrava algo estridente, porém rouco.

- ELE DIRÁ QUE OS SSRATHI MATARAM O REI HUMANO, SELEUCUS, E DIRÁ TAMBÉM, INDEPENDENTE DE SUA RESPOSTA, QUE VOCÊ PAGARÁ COM SANGUE.

- Massssss nós não matar ninguém – Respondeu Iriki, ao sair da posição de lótus e ficar em pé – Eu jurar a você.

- IRIKI, NÃO IMPORTA, NÓS VEMOS MORTOS.

- TODOS MORTOS – Os três disseram em uníssono.

- Ssssssh, há algo que poder fasssszer? - Tentou Iriki, enquanto olhava para o chão, tentava imaginar o nome das estrelas que reluziam sob seus pés.

- NADA QUE O REI DOS SSRATHI POSSA FAZER, DE FATO NUNCA HOUE.

Os tempos mudaram as maneiras de locomoção naquele reino, e nunca antes poderia ter sido visto tanta agilidade em mover-se de cidade em cidade tão facilmente. Anos atrás quando Seleucus abandonou a então Capital Abnoba, meses correram sem que avistasse o tão sonhado destino. Isso já não era uma realidade, logo após Ryu deixar Zaleh, percorreu um extenso caminho até Fal.

O então herdeiro do trono não tinha em mente algo específico, mas queria descobrir certas coisas, a primeira delas, era o que eram as imagens que ele via quando dormia; a segunda, e talvez mais eminente que a primeira era tentar achar um paradeiro para a morte de seu Pai. Ambas pareciam muito difíceis de serem realizadas sem a dose certa de álcool; por azar, Ryu nada bebia.

Sua estadia na antiga capital só serviu para descobrir duas coisas, a primeira, era que a cidade vivia apenas os últimos segundos de fama, e que certamente algo de ruim aconteceria com todos ali em breve. Nas ruas, via-se somente pessoas idosas, poucos guerreiros, raras crianças. E nos bares, mal frequentados, só se falava de como Felititia iria subir com seus duzentos mil homens para realizar a vingança.

Não que houvesse um motivo em particular para Ryu frequentar bares, já que não bebia, mas é que nestes locais os mais variados tipos de seres vinham para beber e falar muito; e se havia conversa, havia informação; e se havia informação, haveria talvez uma explicação sobre algo que ele queria saber. A lógica era irrefutavelmente boa, mas não funcionada muito bem. Várias eram as vezes que mulheres de vida fácil vinham até ele para lhe oferecer serviços que ele não estava interessado, mas até a resposta dada pelo Rei cair facilmente para as belas moças de fato, levava certo tempo, tempo esse que ele perdia conversas preciosas.

Já aviso que a prática de ouvir conversas é extremamente desagradável, em todo caso, que poderia fazer? Não é mesmo?

Os dias passaram com uma velocidade assustadora, e após verificar cada espelunca cidade, Ryu resolveu por mudar de rumo, e ver como andavam os climas em Felititia e Tristitia, não necessariamente nesta ordem. A viagem fora assustadoramente curta, as cidades vizinhas cresciam a largos passos. Tão logo desembarcou em Tristitia descobriu que havia sido uma péssima ideia; na cidade via-se o completo descaso de um povo condenado ao fracasso, lixo nas ruas, violência em excesso por toda parte, prostituição em pleno dia, e uma poluição exacerbada no rio que cruzava os arredores da cidade. Por outro lado, aquele ambiente fétido propiciava o acúmulo de bares, estes, ainda piores que os de onde estava, vários eram os que abrigavam as Arenas de Luta, e em uma delas, que lhe chamou a atenção, jazia o nome Barkil.

Ele entrou no lugar em partes por se lembrar de alguma vez já ter ouvido o nome em alguma das histórias de seu pai, porém não lembrava bem do contexto, então achou melhor se precaver e entrar sorrateiramente, não adiantou; ao passar pela porta deu um esbarrão em um homem que facilmente passava de três ou quatro vezes seu tamanho, e isso não parecia bom levando em conta o local onde estavam.

O som chinfrim que era tocado por uma espécie de banda terrivelmente ruim foi parado, e essa foi a única coisa boa que ocorreu ali naquele dia, ademais, várias das criaturas que ali estavam começaram a berrar ensandecidos coisas do tipo “– Quebra ele”, ou “– Arregaça o c* dele Montanha”, até ouvia-se uns “– Caralho Montanha, eu não deixava”. Mas deixando de lado o vocabulário chulo do local, Ryu nada havia feito, só havia esbarrado, coisa normal em uma cidade movimentada, mas ali, quiseram levar para o lado pessoal.

- Desculpe, não tive a intenção de machucá-lo – Falou Ryu, após fazer um gesto de cumprimento ao homem cujo qual chamavam de Montanha – Só estou de passagem.

- Ihhhhhhhhhh, ó—lá, o cara tá só de passagem, vai ter que ver isso aí hein Montanha – gritou um cara cabeçudo, careca e feio.

O bar inteiro caiu na risada.

- Tá de zoação comigo moleque – falou Montanha enquanto estralava os dedos da mão esquerda.

- Só estou de passagem Senhor – ele fez uma pausa, tentava ver se era isso mesmo que deveria falar, e disse – Montanha.

- Aqui não tem passagem não baixinho – disse o brutamontes – aqui quem mexe com a gente leva no soco, ali na arena.

Contrariando as expectativas, Ryu falou:

- Quais são as regras?

Pronto, bastou uma frase para que todos retomassem as risadas.

- Tem regra não baixinho, vem cá, vou te ensinar como perder a vida.

Era incrível como tantos anos investidos em prol de uma melhor qualidade de vida de todas as raças tinha culminado em uma espécie ignóbil de esporte como aquele. Mas era fato, Ryu iria lutar nas Arenas que choram.

O primeiro soco que o Rei levou nem fora dentro do ring, mas sim fora dele, e por uma pessoa que nem estava na briga, para esse, chamamo-nos agora de maneta, pois sua mão jazia no chão segundos após o soco encostar no braço de Ryu. Em sua mão, o brilho pálido deixado pela sua espada - Luciendar.

- Pooooooooooooooooo—RRAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA – Gritou o maneta.

- Caralho vacilão, ele cortou a mão do cara – disse o amigo do maneta.

- Mata ele viado – Berrou um terceiro que não podia ser visto em meio a bagunça.

Na mesma hora Montanha se deslocou para cima de Ryu, o soco que atingiu o peito do Rei foi suficiente para que ele percebesse quão fraco era o homem. A espada então em um movimento rápido, preciso e invisível cortou de baixo para cima a virilha do agressor, e o sangue jorrou com uma intensidade digna de um homem alto como aquele.

Montanha berrou como uma garota em seus minutos finais de vida, e ainda agonizava quando Ryu caminhava para fora do bar, decidiu que ali ele não teria informação nenhuma.

- Você vai abandonar mesmo Zaleh? -- Disse uma voz doce como as primeiras manhãs da primavera.

- É necessário – Respondeu o homem a seu lado – vê se fica bem, não quero te perder.

As palavras eram ditas em um quarto que recebia os primeiros raios de sol da manhã, o casal estava na cama, cobertos apenas por um fino lençol de seda branco. Embora sol, um pequeno ar frio fazia-se presente, como toda boa manhã. Podia-se ouvir o som da brisa raspando em eucaliptos não muito longe dali, e o cheiro, entorpecia todos que sentissem o aroma. Abraçados como um só, nada parecia afetar os dois, exceto suas preocupações.

- Você nunca me perderia – sorriu a moça – mesmo que quisesse, eu não conseguiria lhe deixar.

- Obrigado por entender tudo isso Amor.

- Não se preocupe – a moça deslizou o braço pelo rosto de seu amante em um gesto de afeto – Ryu é seu irmão, é compreensível que queira ir atrás dele. Mesmo que eu ache loucura, entendo sua decisão Amor.

Crono tinha um leve sorriso em sua cara após ouvir estas palavras.

- Parto hoje ainda, não faço ideia de por onde começar, ou o que fazer... - Respirou fundo, encontrou os olhos de Alia e completou – só peço que não esqueça o amor que sinto por você.

O mundo ali naquele quarto era menor do que parecia ser. E por um instante era possível dizer que existia sim uma luz no fim do túnel, e que essa luz era repleta de amor.

Hiroko chegou a pensar que seria praticamente impossível entrar nas cidades Ssrathi e sair com vida; um pouco devido ao senso comum do que se imaginava por Ssrathis, outro pouco, pela quantidade que haviam deles; pareciam brotar do solo em uma quantidade muito maior que as pragas e ervas mais medonhas; entretanto, eles eram extremamente e estranhamente pacíficos; embora olhassem para o absurdamente baixo Hiroko com desdém, nada mais eram capazes de fazer.

Isso perturbava Hiroko, de uma maneira incomum. Entretanto ele prosseguiu sua missão sem alardes; no terceiro dia de missão, sem comer ou dormir, ele encontrou aquilo que pensava ser o lar de Iriki, onde supostamente haveria de ter sido cultivado sabe se lá o que dera sentido na morte do Rei Seleucus; Para sua infelicidade, havia sim um Ssrathi descomunalmente maior que todos os outros que houvera visto, era sim um exemplo do que esteroides fazem com o corpo de alguém se utilizados sem supervisão, mas naquele caso era pior, porque bastava olhar para aquele ser para saber que algo havia dado profundamente errado.

Iriki era alto, alto do tipo acima de oito metros, ou mais, seu corpo tinha uma definição bem específica, altamente musculoso. Sua pele, ou que deveria ser sua pele, era parecido com casca de uma fruta que você deve conhecer como Jaca, embora aparentasse ser bem mais resistente que uma fruta. No topo daquela ínfima visão, estava o que poderia ser facilmente confundido com uma pedra, mas tratava-se na realidade da cabeça do estranho; não fazia distinção entre boca, nariz ou orelha, mas era passível visualizar dois brilhos distintos na cor azul, eram talvez olhos?

- És Iriki, estranho? - Arriscou Hiroko de certa distância, aproximando lentamente, e com muita cautela.

A massa verde deslocou-se na direção de Hiroko, e contemplando o chão com vagarosa vontade, respondeu:

- Quem procura pelo Rei dos Sssss – sssrathi?

- Sou Hiroko, Hoann, ex-conselheiro real de Seleucus, Mestre das Artes Siphon. - Disse o pequeno grilo fazendo um suntuoso cumprimento.

- Imaginei que fossse – sssse. Alertar eu fssss – zeram os ssss – sssábios. Vosss – cê trazer guerra consss – sssigo.

- Guerra apenas se achar que foram os culpados da morte de meu Rei – retrucou em prontidão Hiroko.

- Somossss – sss? - Pediu Iriki pacientemente.

- Diga-me você Iriki – inferiu Hiroko.

- Não matar Rei nenhum pequeno – E ao olhar para o céu, vislumbrou algumas estrelas através da densa floresta que acometia sua cabeça.

- O veneno veio daqui é o que minhas fontes indicam.

- Já andar por todo o mundo? – Pediu Iriki.

- Não – contestou Hiroko – não seria necessário isso, sua vasta plantação de ervas e venenos é conhecida por todos. Ou não?

- Ahhhhhhhh – voltou os olhos ao pequeno Hoann – Ssss – e conhessss – cida por todos ssss – sser, não poderia roubada sssss – sser?

- É uma possibilidade, mas se roubado fosse, você não saberia? - Explorou Hiroko.

Iriki gesticulou com sua cabeça, parecia um sorriso, mas na realidade era uma lembrança.

- Sss – sábio sss – sser. Digo que povo meu não foi. Vosss – cê ficar livre para invesss – sstigar. - E ao dar alguns passos dali, terminou – Até logo pe-que-n-o.

Fora dos portões da Cidade de Zaleh via-se por todas as direções a imensidão que aquela cidade havia atingido, seus muros atingiam facilmente mais de 100 metros, e mesmo assim, era possível ver o castelo real no topo de tudo aquilo, perto das nuvens. Via-se ainda com certo fascínio várias naves cargueiras entrando e saindo da cidade em uma velocidade vertiginosa.

Com certo empenho ouvia-se dali, dos portões, o som criado pelas vozes de milhares de pessoas, não se podia ouvir com clareza uma sequer palavra, mas o som marcava o início de mais um dia. A páfúrdia continuaria como se nada houvesse acontecido, e isso doía profundamente no peito de Crono. No caminho que fizera até ali, constatou o estado em que a maioria da cidade vivia. Devido a seu tamanho, Crono sempre viveu dentro do Castelo Real, e próximo das Montanhas só podia-se ver quão mágico aquela cidade era, mas havia sido cego durante todo o tempo.

Nas ruas, explorou com pouca curiosidade vielas entre casas construídas de madeira, esgoto vertia via céu aberto e animais arrastavam os odores impregnantes de dejetos por dentro e fora de bares que se abarrotavam de desocupados. O crescimento da cidade foi demasiado grande e via-se ali as consequências disto, embora grande parte da cidade sorria com tamanha benevolência do Rei que morrerá, outros tantos corações amargurados cuspiam ao som de seu nome. Como poderia seu pai ser ao mesmo tempo amado e odiado sendo apenas um homem?

Não entendia completamente todas as ações de seu Pai, menos ainda a decisão da partida de seu irmão, sabia, contudo, que ali na cidade faria pouco ou menos que seu antecessor fizera, era seu dever buscar Ryu, porque governar aquele lugar com certeza não lhe daria prazer nenhum, tampouco achava-se apto para tal.

Crono vestia um casaco escuro que lhe descia até os pés, ali viam-se sandálias igualmente escuras, na cintura uma corda formava um laço e dele prendia-se a Venbloo, espada que ganhou de seu pai, e agora parecia apenas a única coisa que restará dele, não tinha em seu rosto expressões. Mas a idade fizera dele um jovem bonito, com rosto fino, cabelos negros esvoaçavam-se por seu rosto, desgrehados caíam até o início do pescoço, nas mãos carregava ataduras que lhe cobriam os ferimentos de longos dias de treinamento com Hiroko.

Parou em um ponto sem importância, viu-se admirando os portões da Cidade que deixava. Retirou a Venbloo de sua cintura e a jogou para o céu. A espada rodopiou algumas vezes enquanto Crono sussurrou:

- Que minha morte não seja em vão.

Venbloo caiu no chão rasgando a terra por onde passará.

- Que nada canse minha sede por vingança.

E retirando a espada do chão, prosseguiu:

- Que os ímpios caíam ao chão, e que ao término de minha vida eu possa estar contigo.

Sangue verteu por meio de suas ataduras da mão.

- Pai.

Realizando gestos com sua mão ainda ensanguentada, concluiu:

- Surja Evanescence.

No horizonte, desafiando tudo que se sabia sobre os poderes do filho do Rei aparecerá o leão Evanescence, chifres negros surgiam de seu pescoço formando uma espécie de colar, deles, runas brilhavam marcando as últimas palavras ditas pelo Criador antes de abandonar a criação.

Seus passos criavam no chão ora raízes, ora rochas; três caudas possuía, e elas moviam-se rapidamente no compasso de sua velocidade. A criatura parou diante de seu invocador e abaixou a cabeça em sinal de respeito.

O lado Hoann de Crono era demonstrado facilmente, mesmo jovem pudera invocar uma das criaturas mais magníficas que já andaram pela face de Argus; e mais, a criatura o respeitava, prova disso que não o atacou, mas sim prostrou-se diante dele, em respeito.

- Você é mais belo que o que dizem os livros.

A criatura pareceu entender e aproximou-se das mãos de Crono, como que querendo sua aprovação.

Crono acariciou a cabeça da criatura e falou:

- Preciso que me leve para Regni, o lar dos Fey, necessito encontrar meu irmão, e creio que somente você pode me ajudar nisso.

E ao tentar subir em Evanescence sentiu uma enorme onda de energia passar pelo seu corpo. Algo que nunca houvera sentido em tamanha intensidade, pôde esquecer por um instante tudo que queria fazer e viu como era perigoso depender de tal criatura para realização de sua tarefa.

Tão logo conseguiu sair do transe provocado pelo animal, percebeu que não estava mais em Zaleh. Em sua frente um braço de água estendia-se até a linha do horizonte e no fim dela, uma torre em ruínas.

Era difícil entender, mas do seu lado direito, estava o Mar Vivunt, e no esquerdo o Mar Perénis, o braço de água na realidade era o nascimento dos dois mares, a suprema criação dos Fey em uma demonstração de infinito poder, uma fonte eterna que alimentava o mundo inteiro... Por mais estreito que fosse o caminho, os passos de Evanescence não encontravam dificuldade alguma no caminho.

E contemplando o fantástico, tentou entender porque Regni parecia-se tanto com uma torre em ruínas, à medida que se aproximava viu com clareza três pequenos seres, cada um deles voava com determinação sobre o solo, e em um novo piscar de olhos, estava a poucos metros das criaturas.

Desmontou de Evanescence um tanto quanto assustado, sua viagem havia levado cerca de 4 piscadas de olho, algo rápido demais, inacreditável demais. E antes que pudesse recuperar-se da experiência, foi questionado:

- Quem é você intruso - a voz era fina e fraca, como a de uma velha senhora, partia da mais pequena das três criaturas.

Crono reverenciou as três criaturas e disse:

- Me chamo Crono, filho de Seleucus, Rei de Zaleh.

- Rei mesmo morto é o que diz? - Falou outra criatura.

Crono segurou suas emoções, e afirmou com um gesto de cabeça;

- É verdade que meu Pai morreu, estou em busca de meu irmão que não contendo o sofrimento deixou Zaleh.

- Típicas emoções humanas; sussurrou baixinho a última das criaturas para a menor delas. Mas com quem eu falo?

- Somos os guardiões de Regni - falou a menor das criaturas - sou Phrixie, os dois atrás de mim chamam-se Aldhuma e Foytgha, meus irmãos.

- Prazer em conhecê-los, venho porque Morgane me chamou enquanto dormia, ela diz que tem algo para mim.

- Ah sim, claro - falou Foytgha - ela pode fazer isso, mas o problema é que ela dorme faz algumas décadas já, então não sei como vai ser possível essa sua conversinha.

- Perdoe minha irmã - interrompeu um tanto tarde Phrixie - isso não é a maneira de tratarmos o responsável pelos humanos, não importa quão fraco sejam.

- Cala a boca Phrixie - ralou Aldhuma.

- Ta bem, ta bem, mas não permitimos armas ou animais dentro de Regni - Disse Phrixie enquanto acariciava a cabeça de Evanescence.

- Não acho que ele se enquadre como animal Phrixie, trata-se de Evanescence o leão protetor dos Hoanns - Interpelou Aldhuma.

- Óh céus, não posso acreditar - falou Phrixie - que dádiva ter você aqui pequenino. Mas lamento, não pode entrar, ordens da patroa, sabe como é.

Evanescence pareceu entender, acariciou o chão com suas patas, girou duas ou três vezes e formando um círculo com seu corpo, fechou os olhos, esperando para ser chamado novamente.

- E essa agora - Crono disse, achando que estava apenas pensando - posso ao menos levar minha espada? Ela tem grande valor emocional.

- Não pode não - repetiu Phrixie.

- Vocês são três Fey, que perigo eu ofereceria apenas com uma espada enferrujada?

- Ele está certo Phrixie - repetiu Aldhuma.

- Deixe-o levar falou Foytgha, fraco do jeito que é deve achar que a espada vai protegê-lo caso algo dê errado.

Crono engoliu em seco, pois o que Foytgha havia dito era exatamente o que acometia seus pensamentos. Calado permaneceu, assentiu o que foi dito e seguiu os três pequenos seres.

No caminho para a Torre Phrixie cantava baixinho:

- You're the Keeper of the Seven Keys, that lock up the seven seas, and the Seer of Visions said before he went blind, hide them from demons and rescue mankind. Or the world we're all in will soon be sold, to the throne of the evil paid with Lucifer's gold.

- Só pode ser brincadeira - E um soco desceu sobre a mesa, rachando-a no meio.

- Falo a verdade, estes são os gastos mensais de Zaleh - Afirmou um homem velho demais para lidar com esse tipo de tarefa, e cansado demais de rapazes tão fortes quanto aqueles.

- Mas como pode passar mês a mês no negativo? É como se tirássemos dinheiro do ar para pagar todos estes custos - Exclamou exaltado, Gerik.

- Senhor, eu não posso afirmar, mas acho que grande parte disso é mascarado para que a população não saiba. Os incentivos aos pobres, o crescimento desenfreado do desmatamento da Floresta sem fiscalização, a maior parte das empresas aqui de Zaleh não pagam impostos a um bom tempo.

- E quem deveria fiscalizar isso homem?

- Antes era o Rei e o Conselho, agora sobrou o senhor, General. - Arriscou o velho, alargando um pouco mais a gola de sua camisa.

Gerik olhou novamente os papéis sobre a mesa, olhou para a imensidão lá fora, pensou consigo que havia caído em uma armadilha grande demais para manter-se bem.

- Chame seis dos imortais e Raguel, vamos começar a delegar algumas funções por aqui.

- Qual dos imortais senhor?

- Aqueles que sorrirem quando você falar meu nome. - Afirmou Gerik, ainda de costas para o velho.

- O senhor vai estar aqui? Posso chamá-los agora mesmo.

- Não, homem! Diga para eles irem até o túmulo de Seleucus, estarei lá ao pôr do sol. Enquanto isso vou andar pela cidade, peça para que Innes entre, preciso de companhia.

- Sim senhor, General.

- Meu General, chamou? - O homem era jovem, de estatura baixa, cabelos grisalhos, na mão luvas puídas de um couro vermelho, roupas da cor do cabelo, em suas costas um arco e uma aljava carregada de flechas.

- Sim Innes - Disse Gerik - Olhe em volta e diga o que vê!

- Me parece uma bela sala Senhor General, tem a lareira ali no canto, uma mesa quebrada, algumas cadeiras, e aqueles estandartes ali pendurados na parede são um...

- Não Innes, não isso - Passou a mão pela cabeça, constatou de maneira amarga que a tarefa ia ser complicada - Quero que vá lá fora na cidade, e faça um relatório de tudo que vê.

Innes contemplou um pouco mais a sala, pensou consigo mesmo que se talvez a janela fosse um pouco maior, a iluminação ali seria perfeita, gostava da sala, gostava mesmo.

- Certo General, de qual área da cidade você quer o relatório?
- De todas Innes, quero que ande por toda a cidade e diga o que vê, em detalhes, e, até o pôr do sol.
- Mas General - disse Innes - são poucas horas, como espera que eu consiga?

Gerik girou um pouco sua cabeça, o suficiente para mostrar um de seus olhos à Innes, e disse no tom mais amigável possível:

- Seus espiões Innes, use todos eles.
-

O quarto era uma espécie de conto de fadas, todo em mármore branco, as janelas mostravam o Bosque do Castelo Real, uma construção divinamente impecável com diversas centenas de flores e árvores, o aroma exalado pelo local permeava por entre as cortinas e deixava o quarto com a cara dos primeiros dias de Primavera.

No centro do aposento, estava uma cama longamente adornada pelo mais puro ouro, ao seu lado, recostada em uma cadeira, estava Alia - parecia cansada, seus olhos tinham bolsas de sono, pálida, nas mãos, um livro.

Ela vigiava aquilo que mais importava naquele Reino, naquele momento, a Rainha Izanami.

Os dias eram todos iguais, Izanami ficava na cama esperando por algo que não mais veria, seu eterno amor Seleucus, ceifado de suas mãos cedo demais. Levantava-se com ajuda de Alia apenas para necessidades e quando a obrigavam comer.

- Senhora Izanami - fraquejou Alia - Precisa comer, vamos até o salão principal? Tenho certeza que todos ficarão muito felizes em vê-la.

O olhar terno de Alia poderia convencer até mesmo o mais resiliente dos homens, no entanto falhava miseravelmente com a Rainha.

- Eu imploro Senhora, por favor, diga alguma coisa, já fazem dias que seus dois filhos deixaram a cidade, e você nem sequer perguntou sobre eles.

Izanami virou o rosto para Alia, lágrimas rolavam de sua face, com a pele tão branca quanto o mais puro dos leites, arriscou falar algo, mas estava fraca demais.

Alia então começou a chorar, sentido consigo a dor da Rainha.

- Você sente falta deles, não sente?
 - Cr-o-no - sussurrou Izanami, antes de fechar os olhos, desta vez para sempre.
-

- LIIIIIIISAAAAAAAAAAAAAAAAA - Gritou Alia.

- Céus, o que foi agora? - Lisa havia recém acordado.

- Sua mãe - Alia soluçava, tremia - Ela...

- O que aconteceu com minha mãe Alia - pediu preocupada - onde ela está?

Alia então abraçou Lisa, e chorou. Não havia nada que ela conseguisse dizer. Não havia nada que precisava ser dito.

Não parecia ser o melhor lugar do mundo, e fazia frio. Meia dúzia de casebres se estendiam de maneira desordenada pela costa da praia, amorfos, construídos certamente por alguém que estava de saco cheio de construir casas. A umidade era tanta que fazia sufocar, só não era tão ruim quanto o cheiro de sal e peixe que impregnava o local. Alguns pequenos barcos jaziam na beira da praia, e uma rede atravessava algumas casas, um homem ali trabalhava, parecia velho, tão velho quanto o mundo; a barba grisalha lhe caía até a altura da barriga, o corpo parecia ter sido banhado por mais que um sol, além de uma vida. Gaivotas sobrevoavam em silêncio o local, pareciam partilhar do clima de desolação presente.

Ryu caminhou em direção ao velho, parecia tão acabado quanto ele.

Viajara a tempo demais, e já não sabia ao certo quanto tempo passara. Suas roupas aparentavam estar sujas, pouco puídas, no rosto não mais a face de um menino, mas sim de um homem cuja felicidade fora arrancada cedo demais.

- Olá - disse Ryu enquanto acenava com uma das mãos - bom dia, como está?

O idoso lhe encarou com desdém característico de alguém que não queria sair da rotina. Nunca havia visitas, não precisava delas.

- Oi - mais resmungou que falou, o velho.

- Procuo um local para dormir, pago com ouro, amanhã cedo já sigo meu rumo - sabe se tem algo aqui disponível? - Tentou o rapaz.

Sem tirar os olhos da rede que parecia arrumar, apontou para uma das cabanas e disse:

- Fale com a Myrthes.

Ryu pareceu um pouco desconfortável, mas mesmo assim agradeceu, seguiu a direção do dedo que o velho levantou e realmente encontrou uma cabana que ganhava disparado das outras no quesito velharia. Quatro ou cinco tábuas estavam cantando o último hino antes de caírem sem vida ao chão. O rapaz tentou bater tão leve quanto podia, para não piorar a situação.

Ninguém apareceu, bateu novamente, e nada. Arriscou olhar na direção do velho, para ver se estava a fazer algo errado, mas este parecia absorto com seus próprios problemas. Lhe veio à mente então que não necessariamente precisava bater, então abriu a porta logo de vez e ficou admirado ao encontrar alguns lampiões acesos. Cheirava a óleo barato e madeira podre.

Uma mulher lá estava, deitada em uma espécie de rede, fumava e fitava com profundo interesse um buraco no teto. Como não viu espanto algum por parte da moça, Ryu entrou e apresentou-se apropriadamente.

- Olá, sou Ryu, procuro um local para descansar, tem uma cama disponível?

A mulher então interrompeu seu transe, parou o balanço da rede com sua perna, levantou-se e deu uma bela encarada no homem que lhe entrava porta a dentro.

- Paga com quê? - Disse Myrthes.

- Ouro senhora - respondeu Ryu simulando um sorriso.

- Uma moeda, uma rede, paga adiantado.

Ryu olhou com interesse para o restante do local, embora os lampiões tentassem o máximo, conseguiam iluminar pouco o local; não viu outras redes, mas ainda assim concordou com a mulher, pegou de

seu bolso a moeda e arremessou-a em direção Myrthes; ela admirou a moeda por um bom tempo até finalmente se levantar, pegar uma rede de algo que parecia um armário e entregar à Ryu.

- Perto dos lampiões parece mais quente - concluiu a mulher antes de retornar para seu cigarro e rede.

Em um dos inúmeros corredores do Castelo Real, um manto movimentava-se com pressa, percorria assertivamente o emaranhado de caminhos possíveis para um destino certo. Em uma das portas estava o nome da Princesa daquele Reino. Três batidas foram ouvidas.

- Posso entrar – Disse uma voz rouca.

O silêncio que se fez presente permitia que apenas o som do manto roçando em sua roupa pudesse ser ouvido. O homem decidido, arriscou novamente bater na porta. Mas foi surpreendido coma porta sendo aberta.

- Pode – Disse Lisa, com os olhos terrivelmente vermelhos.

Gerik abraçou Lisa em um gesto de afeto fraternal. Segurou com tanta força que parecia ter visto-a pela última vez, séculos atrás. Aquilo perdurou por apenas alguns segundos, mas foi suficiente para mostrar quão sentido Gerik estava por tudo aquilo que ocorrera nos últimos meses com aquela família.

- Eu sinto muito – Começou Gerik.

- Eu sei – Respondeu Lisa sem esperar ele terminar de falar – Ela sabia que ele sentia, afinal haviam sido criados como irmãos.

- Estes dias – lágrimas escorreram pelo rosto dele – estes dias eu visitei ela, mas ela já não me reconhecia mais.

- Eu sei – Ela tentou responder, mas as lágrimas que tanto sofreu para engolir voltaram a rolar por sua face.

- Eu vou estar aqui Lisa, para tudo que precisar, eu já mandei homens atrás de Crono e Ryu, logo iremos saber onde eles estão – Gerik então segurou o rosto dela entre suas duas mãos – Em breve Hiroko vai voltar com respostas, e quem quer que tenha sido responsável pela morte de seu Pai, vai pagar, juro pela minha vida.

Os olhos da Princesa pareciam um poço sem fundo. Mostravam que alegria já existira ali dentro, mas muito tempo atrás.

- Obrigada – arriscou a falar, mas não conseguiu.

- Eu só preciso que você seja forte Lisa, pelo Reino, pelos seus irmãos – imaginou-se falando que por ele próprio, mas aquele não era o momento.

Ela começou a soluçar desesperadamente, e por Fim Gerik entendeu que palavras não adiantariam com ela, não após tantos traumas. Tomou-a em seus braços e ali a manteve. Tentou controlar suas emoções, mas era mais forte que ele; lutou tanto quanto pode, perdeu em todas as tentativas.

Eu te amo, ele imaginou.

No começo era como uma noite sem lua ou estrelas; lhe ceifaram o sentido da visão e ainda lhe cobriram o rosto. Seus outros sentidos tentaram lhe oferecer uma exatidão de onde estava e o que havia ali, mas suas conclusões foram inconclusivas, o leve aroma de ervas esmagadas atingiu seu cérebro ao mesmo momento que sua pele recebia gotículas de algo que ele imaginava ser água; o som lembrava muito o de uma

chaleira em ebulição, mas na atual conjuntura, não o ajudava muito lembrar disso. Pelos passos era possível perceber que a descida era íngreme, contínua e escorregadia, duas ou três vezes foi levantado por um dos Fey.

Entre um passo e outro, Crono perguntava aos seus novos colegas o que se passava por ali, e se demoraria muito ainda a chegar. Respondiam-no vagamente, com respostas que fariam sentido apenas para pessoas que ali viviam, por sorte, Crono era paciente o suficiente para não se irritar com tudo aquilo. A viagem foi longa, mas por fim terminou com luz, pálida e fraca como somente as manhãs mais frias de inverno conseguem ter; ainda era luz, era suficiente para animar um pouco a situação.

O jovem Rei olhou para todos os lados e impressionou-se com a magia que havia ali, naquele local; pode sentir a energia permeando por entre seus poros, energizou-se com tanta vida que sorriu; quando seus olhos atingiram o céu viu que céu ali não existia. Estavam embaixo do Oceano, e ali, precisamente onde estavam os pés de Crono, deveria haver água. Montanhas Negras como carvão erguiam-se de todos os vales que os olhos poderiam enxergar, a vegetação era estranhamente diferente, e por todo o lado enxergava-se pequenas esferas de inúmeros tipos de cores, ele demorou a entender que estas pequenas esferas eram na realidade casas, casas para os pequenos Fey.

Caminharam ainda por um longo trecho até encontrar aquilo que parecia ser uma cidade, para Crono era do tamanho de um pequeno bairro, mas pela quantidade de casas que ali haviam, decididamente deveria ser uma grande cidade para os pequenos.

A Trilha não terminava ali, não poderia, e embora estivessem caminhando por horas não se via sinais de parada para descanso;

E então, como se o mágico feito de estarem embaixo do Oceano já não fosse suficiente, nosso herói testemunhou com devida surpresa a mais rara ave que teve o prazer de avistar, Phoenix, vermelha como o Sol já fora em seus dias de juventude. O brilho ofuscava os intrépidos viajantes e o som que ela emitia era capaz de lembrar-lhes do motivo que levava as pessoas a falar que a vida é sim bela; o encontro foi rápido e foi recebido com indiferença pelos Fey, o que levou Crono a pensar que aquela cena era comum por ali.

- Sim, ela não é a única que temos aqui. Magia floresce do chão por aqui, e dá vida a seres fantásticos – respondeu Phrixie.

- Como sabia? – Falou Crono, olhando com certo espanto.

- Ora essa, como ela sabia – Resmungou seu irmão.

- É claro que ela sabia, afirmou o outro.

- Sou uma Fey lindinho, e aqui em nossa terra somos capazes de tudo – riu-se toda – somos Deuses.

Crono assentiu, embora duvida-se. Mas não por muito tempo.

Quando o Mar que existia por sob sua cabeça contornou a linha do horizonte e chegou a seu pé, ele viu que o impossível era na realidade parte do cotidiano daquele lugar. O sol então surgiu no fundo do mar, e de lá conseguiu enxergar a vastidão daquele lugar, mas nada disso era tão belo quanto quem ele viu sobre as águas.

Em pé, em cima de uma rocha estava uma mulher com cabelos brancos e lisos que voavam ao vento, vestia uma túnica esmeralda, que lhe cobria dos seios aos pés, na mão um cetro que mais parecia os chifres de um alce, ricamente adornado pelo que parecia ser ouro ou vivaraz. Ao redor, três criaturas prostravam-se em respeito à tamanho poder emanado por aquela mulher; três lobos. No pescoço um corvo e no rosto, o desejo transformado em face.

O corpo de Crono levou um choque, mais forte que o que poderia controlar, e repentinamente viu-se tremendo, por algo que não conseguia entender. Olhou novamente e a mulher já não estava mais sobre o Mar, ou a Rocha, e sim a seu lado.

- Você veio – ela sorriu.

- Você me chamou – ele respondeu.

- Claro que sim – e ao segurar a mão dele, foi como se a vida fizesse sentido, e ele houvesse vivido até agora, só para aquele momento – você e eu precisamos conversar – sua voz era doce como o mais puro néctar – vem comigo.

Crono não viu mais sinais dos Fey, e naquela altura, não importava, o que importava era ela.

Você pode percorrer toda sua vida e nunca sequer encontrar a real razão para sua existência. Pode ainda ser cético o suficiente para dizer que não existe qualquer tipo de evidência que denote que temos um motivo. Mas ainda sim, há coisas na vida que nos despertam, como um chamado. Uma luz no meio da escuridão que permanece aceso por tempo o suficiente para que você perceba que ali é o caminho; você já teve esta sensação, ao se deparar com uma escolha, geralmente um dos caminhos é mais tentador que o outro, e existem vários motivos para que isso aconteça, talvez seja impulso, desejo ou mesmo propósito. Há quem afirme que todos têm um propósito.

Claro ou não, visível ou totalmente imperceptível, existem escolhas que fazemos em nossa vida. Lisa era a mais jovem de uma família de três irmãos, sempre fora tratada como a grande princesa de Zaleh; sem dúvida que em seu futuro apenas glórias lhe aguardariam; mas isso foi antes, antes de seu pai morrer, antes de seus irmãos sumirem e antes que sua mãe lhe deixasse, sem ao menos dizer adeus; tudo isso seria suficiente para que uma menina de 15 anos tomasse as piores escolhas da sua vida.

Seus cabelos eram noite, sua pele era neve, seus lábios eram fogo. Com traços finos conseguia ser tão bela quanto fora sua mãe – e sem dúvida alguma a mais bela entre as belas. Fato é que, em um dos dias de luto, ela sentiu-se pavorosamente estranha, como se algo decididamente errado estivesse acontecendo com ela.

A princípio um tremor no corpo a levou ficar em pé, temendo pelo pior; ao passar a mão pelo seu braço, em uma tentativa vã de se acalmar - pensando positivamente que não era nada - notou que seu corpo estava quente, quente demais; foi até o espelho e viu um pálido brilho vermelho escapar de um de seus olhos. E por Deus, pelos Sete, se fosse apenas isso, ela voltaria a dormir tranquilamente, mas naquele momento, sua imagem refletida no espelho mexeu a boca e disse com uma voz que não era dela:

- Olá pequena princesa, eu vim para levá-la.

Quanto vale a vida?

E se a resposta for depende da vida, decididamente há um lugar no inferno reservado para você, claro, se houver inferno.

A Vida, seja ela qual for deve ser sempre inatingível por qualquer forma de valor, sua preciosidade e unicidade são equiparáveis apenas por outra vida, seja ela qual for.

Então não há sentido para que pessoas sofram em detrimento de outras, haja que se o valor que temos perante todos é o mesmo, assim a carga de dor e sofrimento também deveria ser distribuída de igual forma.

Não é o que acontece, e muitas vezes as formas da dor que alguns sofrem é maior que outros. Assim como as oportunidades, as alegrias, esperanças e conquistas; E como mudar isso? Esta não é bem a pergunta correta, talvez fosse o porquê disso ocorrer? E aí então vemos um limiar de outras perguntas morais e éticas ocorrendo indefinidamente, infinitamente. Mas em suma, se eu atrevesse a lhes dizer a resposta e lhe poupar anos de profunda filosofia, a resposta está em escolhas.

O problema é que nem sempre a escolha depende de você!

Assim sendo, no dia em que Hiroko retornou, constatou que muito fora feito naqueles meses de uma busca vã.

Zaleh estava como sempre, radiante, toda manhã o sol nascia e lhe mostrava quão belo e forte era, e a cidade em troca lhe dizia que ainda estava ali, e estaria por muito mais tempo; em uma espécie de competição doentia que um queria ser mais que o outro.

Ao sair do hangar 38B, percorreu por longo tempo o emaranhado de ruelas que levavam até o palacete real. Não queria demorar muito tempo para entregar a notícia que carregava. E embora o Caos da capital estivesse presente no livre pulsar daquela cidade, a mente do pequeno mestre era um silêncio absurdo; sua fisionomia aparentava de um homem cansado, e suas roupas, sempre de um puro requinte, agora mostravam-se puídas e sujas.

Era quase hora do desjejum quando entrou pelo salão principal e invocou o General Gerik.

Minutos passaram até a chegada do bom General; que foi recebido com um forte abraço.

- Sentimos sua falta amigo – exaltou Gerik, em um gesto de profunda fraternidade, retornando o abraço.

- Eu sei que sim – aplacou Hiroko.

E desvencilhando-se do abraço, parte pelo cinismo de Hiroko, parte pela timidez interior, o então General viu-se perguntando pelo óbvio:

- Chegaste quando?

- Esta manhã mesmo, fiquei tempo demais fora, não via a hora de retornar.

Gerik examinou as roupas e o estado de Hiroko, o gesto foi recíproco.

- Deveria então descansar, teremos tempo para conversar.

- Tempo? Que tempo que fala? Vi pilhas de exércitos amontoando-se em frente aos portões – abaixou a cabeça em um gesto de reflexão – parece que decidiram sem saber ao certo qual a verdade.

- Sim – consentiu Gerik – mas isso é uma rotina que estou criando para treiná-los. Não se exalte achando que pretendo leva-los para guerra. Esperei sim seu retorno com a investigação. Mas conte-me, o que descobriu?

Hiroko contemplou o teto daquele salão, e nunca antes percebera quão belo aquilo era. Pinturas e ouro dançavam em mesmo compasso, criando cenas do que parecia ser a advinda de Seleucus em seus primeiros anos àquela Capital.

- Não foram eles Gerik – sua voz falhou, tempo suficiente para que Gerik ficasse confuso – O veneno saiu de lá, mas não foram eles.

- E quem foi então? – Vociferou Gerik em vã esperança.

- Eu não sei – respondeu Hiroko em profunda desolação – eu não sei.

- Crono partiu há algum tempo - a voz era fina, suave e tranquila – parece que foi em busca do irmão.

- Entendo – respondeu o homem do outro lado da mesa.

A reunião se dava na mesma noite que Hiroko havia acabado de chegar, e tinha como participantes alguns membros do conselho, amigos da Realeza e nobres de Zaleh. Quase sessenta pessoas ali estavam, e o objetivo, no entanto era apenas um, decidir sobre se haveria um não vingança pelo Rei assassinado.

- Quem quer que tenha sido, já está além da nossa justiça – comentou Raj, um grande nobre da Capital, que orgulhava todos por ter chego a riqueza mesmo com uma infância difícil.

- Não é essa a questão – disse Gerik, tentando retomar o rumo da discussão que acabara divagando – estamos aqui para determinar se vamos ou não levar adiante a vingança pela morte de nosso Rei, Seleucus.

- Quem se importa – falou um rapaz moreno, esguio e definitivamente mais bonito que a grande maioria ali – os filhos que deveriam suceder o governo fugiram, a esposa faleceu em luto, qualquer tenha sido a contribuição deles para esta cidade, já foi cumprida; temos que pensar no futuro – ao tomar um gole d’água, concluiu – uma guerra contra os lagartos não ajudaria em nada.

- Lhe considero um amigo Jhalan – conduziu Gerik – mas falhe com respeito uma vez mais com a família que fundou esta cidade, e eu mesmo lhe mostrarei como consegui o título de General desta Capital.

Silêncio fez-se na sala, até Gerik concluir;

- Hiroko afirma que o veneno saiu de Domus Imbri, mas que não foram os Ssrathi que manusearam o veneno e mataram nosso Rei. Entretanto, não lamentam pela nossa perda, o que pode ser mal interpretado pelas pessoas erradas.

- Seleucus não era amado por todos – comentou uma dama de aparência elegante, loira, vestia uma túnica carmesim – só pelo fato de não terem ficado em luto, não significa que sejam os culpados.

- A decisão é mais crítica que isto Valki – interrompeu Hiroko – já se passaram vários meses desde a morte de Seleucus, não achamos o criminoso que fez isso, e esta altura, dificilmente encontraremos. Gerik terá que lidar com todos os outros reinos rindo de nossa cara, ora pela incompetência, ora pela falta de coragem em tomar algum tipo de atitude.

- Podemos pedir para que o culpado se entregue, ou terá consequências – tentou Ihalg.

- Que consequências – quis saber Valki.

- Pelos Deuses – ralhou Gerik – Quem ganharia com a morte do Rei? Quem, por muitas vezes fez pouco caso da nossa raça? Se buscarem em seus livros, pela história, Ssrathi sempre fizeram de tudo para acabar com o Reino humano.

- Não foram eles – retrucou Hiroko.

- Acho que esta altura do campeonato isto não importa mais – afirmou Gerik friamente.

O som de diversas vozes eclodiu ao mesmo momento, alguns concordavam com o ponto de vista que estava sendo apresentado, mas boa parte não entendia como aquela decisão havia sido construída na mente do General.

- A cada dia mais que passa, perdemos confiança, prestígio e a oportunidade de vingança, se não marcharmos agora contra os Ssrathi, perderemos a chance de uma vez por todas.

- MAS NÃO FORAM ELES – gritou Hiroko em um excesso de fúria – E FALE O QUE QUISER, MAS NÃO LEVAREI NOSSOS EXERCITOS PARA UMA MORTE DESTAS, SEM SEQUER UM MOTIVO.

- A pouco recebi notícias de Crono – e ao desenrolar um pequeno pergaminho, continuou – aqui ele fala que em conversa com Morgane Le Fay, descobriu a verdade, e os Ssrathi são os culpados pela morte do Rei.

- Como sabe que isso veio dele? – Disse Ahusa, um dos médicos da Capital.

- Tem a assinatura dele – Afirmou Gerik, entregando o papel ao médico.

Silêncio fez-se na sala.

- É estranho que esta informação venha até nós desta maneira – Disse Hiroko – ainda mais pela Morgane Le Fay, uma entidade que nunca vimos. Devemos acreditar?

- São palavras do Rei – afirmou Gerik.

- Então, o que isso significa? – Pedeu Alia, manifestando-se pela primeira vez naquela noite.

- Quero que aqueles que concordam com medidas militares contra os Ssrathi ergam as mãos – Demandou Gerik, respondendo à pergunta de Alia enquanto negava olhar para ela.

Infelizmente apenas Hiroko manteve a mão abaixada. Era unânime, Zaleh iria para guerra.

Meses passaram e com eles, Zaleh inchou-se de guerreiros, magos, paladinos, necromantes, arqueiros e demais profissões que haviam; convocados pelo então General Gerik, fizeram de Zaleh seu campo de concentração no momento que antecedia a guerra. Fora dos portões da Capital em um emaranhado desordenado erguiam-se cabanas sob o mesmo estandarte, vista do alto, podia-se dizer que a cidade havia dobrado de tamanho, e esta informação estaria correta. Nem todos aqueles homens e mulheres pertenciam a Zaleh, muitos haviam viajado das outras capitais humanas quando foram convocados pelo que acreditaram ser o Regente instituído daquela que ainda consideravam a Capital mãe da civilização humana.

O tumulto gerado, no entanto, privava boa parte da população de serviços básicos, fato era que tudo que a cidade produzia ia para os estoques de Guerra; suprimentos, excedente de espadas, machados, tecidos; enfim, tudo que pudesse ser utilizado para o propósito vil que se instaurava ali.

Da mais alta torre, dentro da cidade, estava o homem que coordenava como maestro toda aquela baderna lá fora. Cercado por um medo que nunca antes houvera sentido. Pensava em desistir diversas vezes ao dia, no entanto não podia. Parte da decisão fora tomada por ele, mas a maior parte do que restava havia sido pela posição que havia sido deixado quando os Herdeiros daquele trono resolveram partir.

A sala em que se enclausurava todos os dias era pequena e abafada, e se não fosse, ele provavelmente lá não estaria. Fato é que desejava ficar sozinho até que a marcha do seu exército tivesse início;

Restava ainda alguns poucos homens para que o número tivesse completo; algo perto dos quatrocentos mil; rezava para os sete deuses que aquele número fosse o suficiente para derrotar os Ssrathi; do contrário toda a raça humana seria provavelmente escravizada ou aniquilada, em qualquer uma das situações o resultado não seria proveitoso; Pensamentos lhe acometiam com velocidade e por vezes lembrava-se das palavras de Hiroko – *e se ele estivesse certo? Céus, se ao menos Crono estivesse aqui* – mas era tarde, ninguém lhe ajudaria com aquele fardo, se estivesse certo, milhares morreriam por uma causa justa, na melhor das hipóteses. Se estivesse errado, milhares morreriam inocentemente, sem que tivessem ao menos um motivo para tal.

Só de voltar a imaginar estas possibilidades o General fraquejou e foi obrigado a deitar-se para tentar recompor, a maioria de seus capitães eram mais velhos e mais experientes que ele, resolveu deixar na mão deles os preparativos finais, - *até amanhã eles vão se virar sozinhos* - dizia ele em uma tentativa vã de se acalmar, - *amanhã eu vou atrás dos Bravos Algozes*.

Dormiu imaginando um futuro melhor.

Existe muita especulação sobre os Bravos-Algozes; guerreiros exímios, e fora isso, treinados além do limite humano; mas de concreto, pouco se sabia.

Esta ordem iniciou-se quando Seleucus descobriu qual era o resultado da – vamos dizer prole – entre Humanos e Hoanns, ele mesmo gerou três crianças magníficas, literalmente.

Diga-se de passagem, o sangue humano é fraco, mas em conjunto com o Hoann consegue ativar propriedades incríveis, maior força, maior percepção da energia vital, longevidade aquém do desejável até mesmo para padrões de druidas e acreditem ou não uma beleza sem igual. Zaleh prosperou na miscigenação destas duas raças e criou milhares de homens e mulheres capazes de mudar o mundo, e alguns poucos destes foram selecionados para compor a elite dentre todos, estes foram chamados por muitos nomes, mas o mais popular entre eles era o de Bravos-Algozes.

Todos sem exceção usavam uma armadura escarlate com grevas e manoplas tão escuras quanto o sangue dos demônios, dos ombros, pendia uma capa negra, como seria uma noite sem estrelas e sem lua; e na cabeça um elmo que lembrava bem o que Seleucus havia usado na arena, décadas atrás, porém, os detalhes lembravam mais um dragão que qualquer outra coisa, apenas vultos negros eram possíveis de se ver por aquele elmo; vultos negros onde deveriam estar olhos.

Mas assim foi que se apresentaram os cerca de quinhentos Bravos, todos em uma organização magnífica, alinhados pela precisão de um relojoeiro; esperavam compor as tropas especiais, abaixo apenas do General. Embaixo de um sol escaldante, com quatrocentos mil outros guerreiros compondo a plateia em uma planície que não podia-se discernir onde acabava o acampamento e onde iniciava-se o mundo, sendo assados pelas ondas de calor que escapavam do solo em filetes amorfos; a sua frente, estava Gerik, em seus trajes de batalha de costas para a Muralhava que protegia a cidade, nunca ousara usar armaduras de ferro ou aço, sempre utilizava apenas couro, sem elmo, porém suas espaldadeiras lembravam chifres de Elasmotherium desafiando a gravidade – trespassavam até mesmo a altura de sua cabeça – da cintura, podia-se ver a espada que lembrava muito a espinha de um tubarão – Rhoderin – , seus cabelos esvoaçados lembravam que ele havia acordado a pouco tempo, no pescoço, a marca que lhe .

- Hoje inicia-se aquilo que décadas no futuro irão chamar de A Vingança de Zaleh. Iremos encontrar os Ssrathi e subjugar esta raça de cretinos inescrupulosos que foram os responsáveis pela morte de nosso amado Rei, Seleucus.

- UUUUUUUUUUUUUUUURRRRRRRRRRAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA – foi ouvido em uníssono por todo o Continente Médio, arrepiando pessoas da cabeça aos pés.

- Não haverá misericórdia – sua voz era ecoada com profunda clareza – Não haverá medo, e decididamente, não haverá esperança de que eles saiam dessa com vida.

Novamente pode-se ouvir o grito de guerra.

- Saibam que feridos estamos, não entendemos como eles puderam ou o motivo pelo qual fizeram, mas pela liberdade, sacrificaremos nosso próprio sangue. Das cinzas dos dias que estamos vivendo – sua voz possuía a rouquidão da raiva, da angustia –, ressurgiremos ainda mais fortes, e concentraremos nossa força e raiva nos degenerados, nos ímpios, nos assassinos, naqueles malditos lagartos.

Dessa vez espadas foram ao encontro de escudos e o produto foi uma explosão de metal que mostrou o tamanho da força que havia concentrada ali.

- Ei, pare ladrão! - Gritou uma jovem em meio a multidão.

- Pega ladrão - adicionou um homem apontando em direção ao Patife.

O ladrão em questão parecia ter saído de um hospital de queimados, possuía faixa em todo seu corpo, usava vestes negras e o cabelo era da cor do sol, o objeto que roubava era uma Aohomos nova;

- Desculpe senhora - gritava o ladrão - é para uma boa causa.
 - Que verme - disse a vítima, chocada com o acontecimento.
-

Após percorrer horas de estrada, nosso ladrão finalmente chega no destino.

- Taí tua encomenda.

- Tu és o melhor Ichio, conseguiu uma Aohomos novinha - e cheirando o veículo - tem até cheirinho cara!

- Eu não posso mais com isso cara - afirmou o Ichio ao sentar numa lata de tinta vazia.

Estavam em um galpão relativamente abandonado, algumas crianças corriam lá fora, duas ou três mulheres estavam no segundo piso do galpão jogando cartas.

- Qual é Ichio, vai abandonar o irmão aqui?

O homem com quem Ichio falava era na realidade o dono daquele lugar ali, uma espécie de última parada antes de um mundo de perversão e drogas, um refúgio para quem ainda queria se salvar, mas não conseguia.

- Mohican, roubar não é a maneira de salvar estas pessoas.

- Se eu pudesse, eu faria, droga - Levantou-se Mohican, mostrando o pedaço de braço que lhe restava. Eu gosto disso tanto quanto você, mas olhe lá fora, aquelas crianças, elas não têm nada cara.

O Chão do galpão era de terra batida, não havia nada ali, exceto alguns tijolos e latas de tinta. Várias eram as tintas que tentaram cobrir as paredes do local, sem sucesso.

- Temos que achar outro jeito, daqui a pouco eu serei enforcado pelo que tenho feito, aí sim vocês não terão mais nenhuma chance.

- Você fala como se não fizesse parte de nós - interpelou Mohican - Lembra-se do que arrisquei para te tirar vivo aquele dia?

- Ah para - interrompeu Ichio - se tu vieres com esse drama novamente que salvou minha vida, eu juro que vou embora.

- Mas eu salvei, droga - falou Mohican - não salvei?

Ichio olhou para as crianças fora dali.

- Eu não pedi para ser salvo, você sabe disso, deveria ter me deixado lá.

Mohican vestia uns trapos que um dia foram francos, agora tinham uma tonalidade de marrom escuro, fedia muito, da face uma barba cresci disforme, o rosto era carnudo - contrastava diretamente com seu corpo magro - calvo, de olhos marcantes, via em Ichio o amigo de uma vida.

- Está bem, deixa eu voltar no passado e falar para o Mohican que eu era deixar uma criança morrer naquela casa. Tenho certeza que ele me daria um soco na cara.

- É, parece com você antigamente. - Riu Ichio.

- Escuta - pediu Mohican - se você for embora, em breve irá faltar alimento aqui, dinheiro para comprar remédio para o Gulliver, você sabe disso, e aí vai ser a mesma coisa que matar cada um deles, ou

pior, eles podem parar eles próprios no crime.

- Enquanto eles não viram criminosos, vocês se contentam comigo né - afirmou Ichio.

- Não animal - falou seu colega - eu sei que você tem coração bom, não faz isso por diversão. Você é melhor que tudo isso Ichio, por isso que sei que o que você faz é para um bem maior.

- Eu quero sair disso aqui Mohican, tem o mundo inteiro lá fora que eu não conheço, e não quero passar meus dias arriscando minha vida por isso aqui. - E agarrando um punhado de terra, terminou - você deveria vir comigo.

- E eles? - Perguntou.

- Tem vários lugares que eles podem trabalhar para comer, assim como para elas - apontou para as duas em cima deles. Foi como fizemos até uns dois anos atrás, você sabe - respondeu Ichio.

- Não conseguiria - afirmou Mohican, engolindo em seco - saber que eles vão levar uma vida miserável, sem ninguém para ajudá-los.

- E então prefere você morrer ao lado deles miseravelmente? - Ichio segurou no ombro de seu amigo - larga de teimosia, vamos embora esta noite, eles vão dar um jeito de viver, viveram até agora sem nós.

- Eles vão morrer sem nós - Disse Mohican enquanto levantava-se.

Começou a caminhar em direção a uma tina de água, quando ouviu a voz de seu amigo novamente.

- Então é um adeus Mohican. Cuide-se.

- Vá para o inferno seu bastardo de merda - foi o que conseguiu dizer antes de ser atingido na cabeça.

- Você vai me agradecer um dia por isso - Sussurrou Ichio enquanto carregava Mohican para fora do galpão.

Continua...

Christian Chostak